

Pedro Vasco de Melo Martins

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura com Especialização em Urbanismo

A Persistência das Formas Urbanas

Leitura das pré-existências romanas na morfologia da cidade portuguesa

Presidente do Juri

Doutor, João Pedro Teixeira Abreu Costa,
Professor da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa

Orientador

Doutor, Carlos Francisco Lucas Dias Coelho
Professor da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa

Arguente

Doutora, Maria Marques Calado de Albuquerque Gomes.
Professora da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa



Faculdade de Arquitectura Universidade Técnica de Lisboa
Lisboa, Fevereiro 2013



A Persistência das Formas Urbanas

Leitura das pré-existências romanas na morfologia da
cidade portuguesa

Projecto final de Mestrado Integrado em Arquitectura

Especialização em Urbanismo

Faculdade de Arquitectura UTL 2012/2013

A Persistência das Formas Urbanas

Leitura das pré-existências romanas na morfologia da cidade portuguesa

Pedro Vasco de Melo Martins

Agradecimentos

Pelo apoio, e pelo incentivo constante
Professor Carlos Dias Coelho

Pela amizade e acompanhamento
Sérgio Fernandes
Sérgio Proença
Sílvia Rala

Pelo carinho e paciência, durante o moroso período dedicado à produção deste documento
Ana Amado
Francisco Amado
Margarida Santos
Miguel Varela
Samuel Rainho

Nota Prévia:

Realizado sob o acompanhamento e orientação do Professor Carlos Dias Coelho

Este estudo surge em virtude da participação como bolseiro de investigação no projecto de investigação “O tecido edificado na cidade portuguesa – Inventário Morfológico” (PTDC/AUR-URB/100929/2008), em elaboração na Faculdade de Arquitectura – UTL, e financiando pela Fundação para Ciência e a Tecnologia.



Figura I - Templo de Diana
autor desconhecido

“Ao descrever uma cidade ocupamo-nos preponderantemente da sua forma; esta forma é um dado concreto que se refere a uma experiência concreta: Atenas, Roma, Paris. Esta forma resume-se na arquitectura da cidade e é a partir desta arquitectura que me ocuparei dos problemas da cidade. Ora por arquitectura da cidade podem entender-se dois aspectos diferentes: no primeiro caso é possível comparar a cidade a um grande manufacto, uma obra de engenharia e de arquitectura, maior ou menor, mais ou menos complexa, que cresce no tempo; no segundo caso podemos nos referir a áreas mais delimitadas da cidade, a factos urbanos caracterizados por uma sua arquitectura e, portanto, por uma sua forma.”¹

Aldo Rossi “Arquitectura da Cidade”

¹ ROSSI, A. 1965. *L'architettura della città*.



Figura 2 - Split Croácia
WOODS, Lebbeus (Within the walls), abril , 2009, in: www.Lebbeuswoods.wordpress.com

Resumo

A forma da Cidade é feita da constante construção e sobreposição de uma multiplicidade de elementos urbanos, criando no decorrer do tempo longo uma entidade complexa, heterogénea e fragmentada, uma densa paisagem definida pela complexa sequência material de estratos culturais. Os diversos elementos urbanos que constituem o tecido da cidade, implantados em diferentes épocas, espelham na sua forma as influências e singularidades características de cada cultura que os vive e experiencia.

De entre universo possível de elementos urbanos, destacamos o conjunto de estruturas romanas que gradualmente foram absorvidas e transformadas pela cidade. O tema do estudo incide, deste modo, sobre o papel das pré-existências romanas e a sua importância na génese da forma actual da cidade Portuguesa, realizando-se uma leitura dos estratos morfológicos preservados por processos de sedimentação urbana, de modo a compreender a sobrevivência das estruturas romanas no tecido da cidade Portuguesa.

O estudo procurou com base numa metodologia fundamentada, apoiada sobre estudos arqueológicos, análises tipológicas e análises da morfologia urbana contemporânea, compreender como certas estruturas romanas (traçado e edificado) se mantêm presentes na cidade portuguesa contemporânea, entendendo a forma actual da cidade como resultado de um processo evolutivo complexo. Complementarmente, procurou-se apurar de forma exploratória e esquemática o desenho original das estruturas a partir da comparação entre os seus vestígios e estruturas tipologicamente semelhantes.

Através da metodologia proposta foi possível comprovar e descrever o papel determinante que as estruturas romanas ainda hoje revelam, na génese e no desenvolvimento do tecido urbano de várias cidades portuguesas, como também permitiu obter leituras inovadoras sobre a morfologia de estas estruturas, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento da arquitectura romana e da morfologia urbana portuguesas.

Palavras-chave

Morfologia Urbana, Estruturas Romanas, Tipologia, Arqueologia, Tecido Edificado.

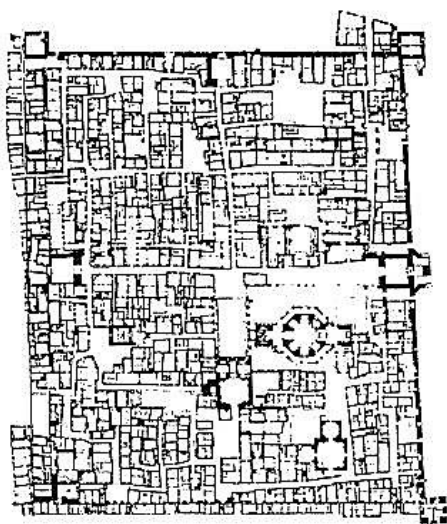


Figura 4 - Tecido Edificado sobre o Palácio de Diocleciano
autor desconhecido (Idis Turato - www.arhitekton.net)

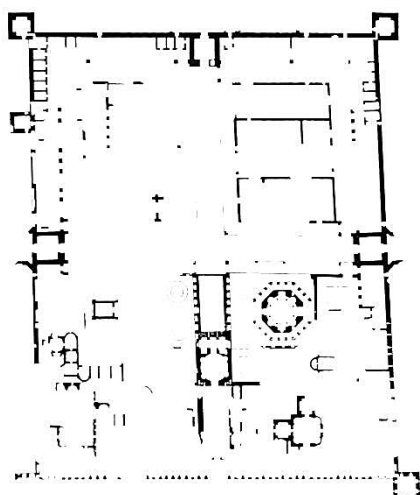


Figura 5 - Vestígios romanos conhecidos do Palácio de Diocleciano
autor desconhecido (jgmdoran - www.flickr.com)

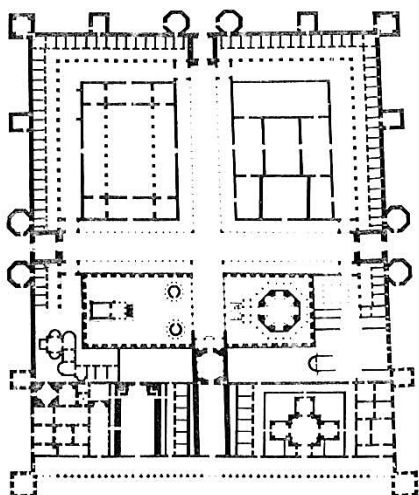


Figura 3 - Reconstituição do plano original do Palácio de Diocleciano
autor desconhecido (jgmdoran - www.flickr.com)

Abstract

The City shape is made of the constant construction, reuse and overlap of a multiplicity of urban elements, creating over the long time an heterogeneous and multifaceted entity a dense cultural landscape defined by a complex sequence and overlaying constructed strata. The diverse urban elements, that constitute the urban fabric, created and subsequently reinterpreted in different times, reflect the influences and singularities characteristic of each culture that lives with and experiences them.

Among the universe of possible urban elements, we highlight the set of Roman structures that were gradually absorbed and transformed by the city. The subject of study focuses thereby, on the role of pre-existing Roman and its importance in the genesis of the current form of the Portuguese city, performing a reading of the morphological layers preserved by processes of urban sedimentation in order to understand the survival the Roman structures in the tissue of the Portuguese city.

The study sought, based on a grounded methodology, supported on archaeological studies, typological analysis and analyzing contemporary urban morphology, to understand how certain roman structures (city plans, forums, theaters, amphitheaters and circuses) remain present in the contemporary Portuguese city, understanding it as a result of a complex evolutionary process. In addition, it was sought to investigate in an exploratory and schematic way the shape of the original structures from the comparison between their remains and typologically similar structures.

Through the proposed methodology it was possible to verify and describe the pivotal role that the Roman structures still maintain today, in the genesis and development of the urban fabric of several Portuguese cities, but also yielded innovative readings on the morphology of these structures, contributing to a deeper understanding of Roman architecture and Portuguese urban morphology.

Key-words

Urban Morphology, Roman Structures, Typology, Archaeology, Built fabric.

Índice

I Introdução e Enquadramento	15
1.1 Introdução.....	17
1.2 – Enquadramento Teórico	23
1.3 - Metodologia de Análise	35
II Análise e Ensaio de Reconstituição dos Casos de Estudo	47
2.2 – Forum.....	49
Forum de Évora	57
Forum de Coimbra	67
Forum de Bobadela	81
Forum de Braga.....	87
Forum de Idanha-a-Velha.....	93
2.3 – Teatro	99
Teatro de Lisboa	105
Teatro de Coimbra.....	111
Teatro de Condeixa-a-Velha	113
Teatro de Braga	115
Teatro de Beja	119
2.4 – Anfiteatro.....	123
Anfiteatro de Lisboa.....	129
Anfiteatro de Condeixa	135
Anfiteatro de Braga.....	139
2.5 - Circo.....	143
Circo de Lisboa	149
2.1 – Traçado	155
Traçado de Beja.....	161
Traçado de Braga.....	167
Traçado de Évora.....	173
III Conclusão.....	177
IV Imagens e Bibliografia.....	185
Índice de Imagens	186
Bibliografia.....	190

I Introdução e Enquadramento

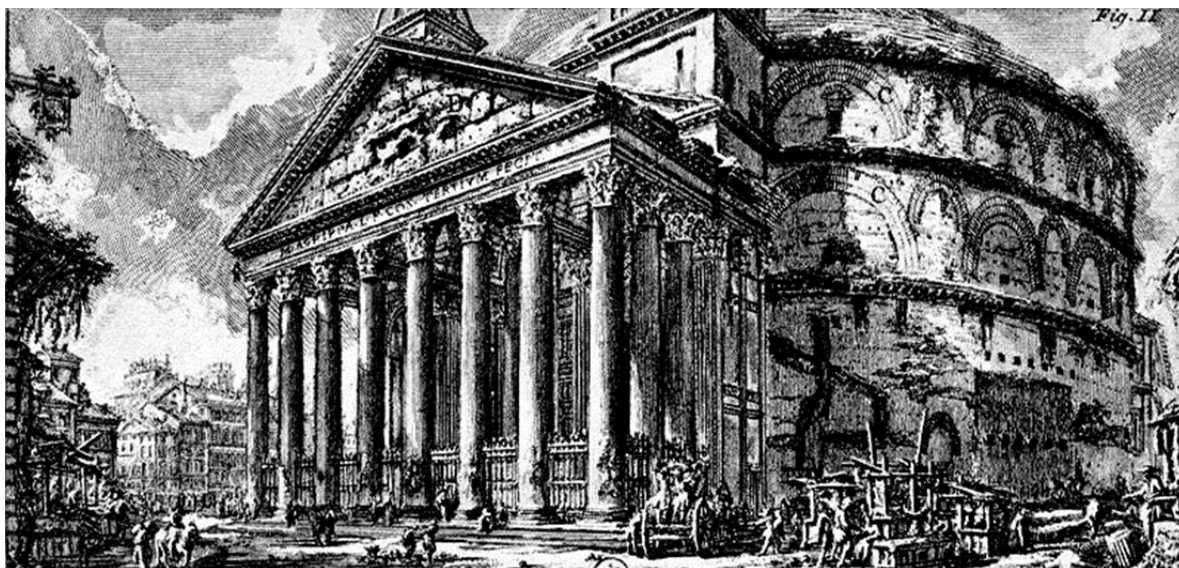


Figura 6 - Gravura do Panteão em Roma
Piranesi (www.commonswiki.org)

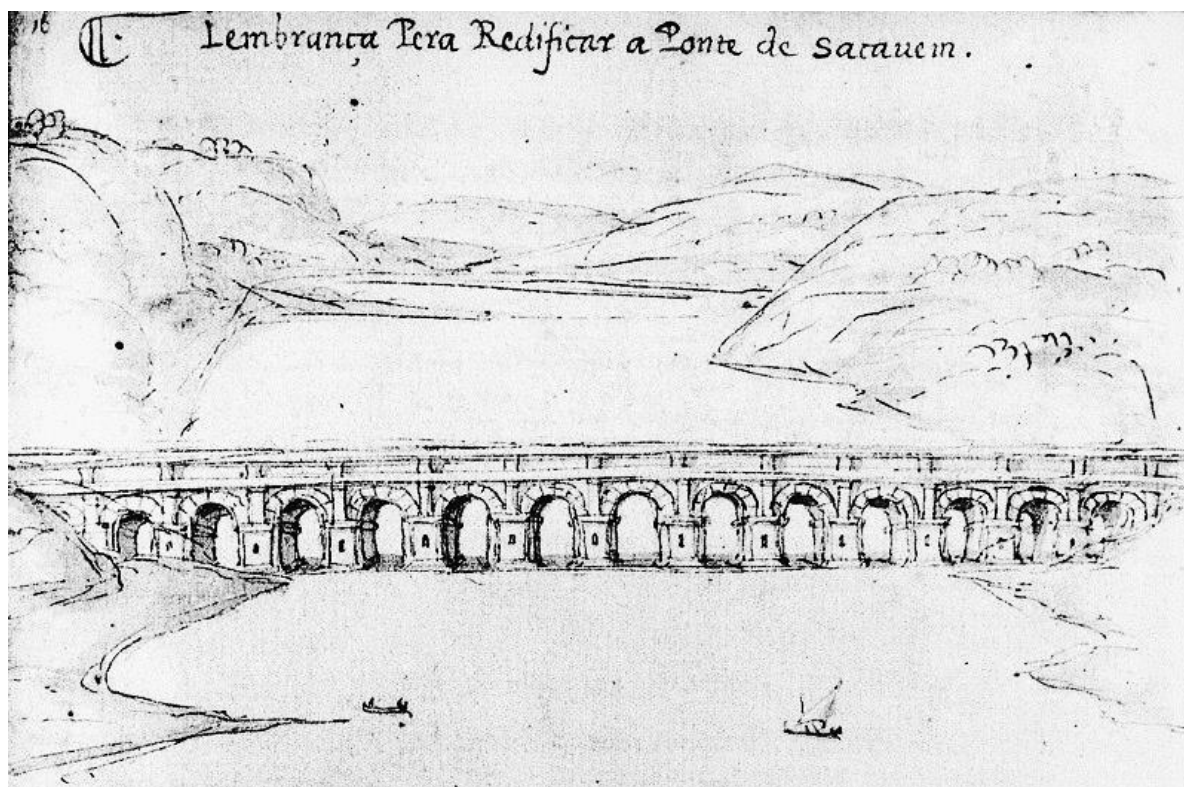


Figura 7 - Representação da ponte romana de Sacavém
Francisco de Holanda (www.commonswiki.org)

1.1 Introdução

A forma da Cidade é feita da constante construção e sobreposição de uma multiplicidade de elementos urbanos, criando no decorrer do tempo longo uma entidade complexa, heterogénea e fragmentada, uma densa paisagem definida por uma sequência material de estratos culturais. Os diversos elementos urbanos, implantados em diferentes épocas, espelham na sua forma as influências e singularidades características de cada cultura que os vive e experiencia.

Impondo-se ou adaptando-se à estrutura e ao conjunto de preexistências que constituem a cidade, certos elementos urbanos têm na sua génese a formalização de um plano, um projecto ou uma ideia, materializando na sua forma os paradigmas e as especificidades culturais das civilizações responsáveis pela sua edificação. Estes elementos fixam a memória da sua forma e época na mutação espacial da cidade, ainda que sejam eles, também posteriormente transformados e reciclados pela constante reinvenção do tecido urbano. Rossi define estes elementos como “Factos Urbanos”², entidades que materializam uma conceptualização prévia, podendo ser caracterizadas pela sua forma, ou seja pela sua arquitectura, e por conseguinte passíveis de ser analisadas tipologicamente quando comparadas com um conjunto de arquitecturas semelhantes.

Do universo de elementos urbanos, destacamos o conjunto de estruturas romanas que gradualmente foram absorvidas e transformadas pela cidade. Estas estruturas, pela sua dimensão, complexidade e qualidade, foram utilizadas sucessivamente, incorporadas e readaptadas por distintos quadros culturais que se sobrepuseram num mesmo espaço. Temos como exemplos paradigmáticos destas lógicas de evolução do espaço, o palácio de Diocleciano em Split ou o anfiteatro de Arles, ambos casos em que a estrutura arquitectónica é apropriada e constitui o suporte morfológico do tecido urbano que sobre elas se implanta, com edifícios, ruas e praças que mantêm a matriz de composição dos edifícios antigos.

² Ibid.



Figura 8 - Templo de Diana em Évora, antes das obras de valorização.
autor desconhecido (www.monumentosdesaparecidos.blogspot.pt)

*"A herança material legada pela civilização romana, constitui-se de resíduos **fragmentários** mas ainda assim suficientemente **expressivos e inteligíveis**"*³

Carlos Fabião "A Herança Romana em Portugal"

O tema proposto para a dissertação incide sobre o papel das pré-existências romanas e a sua importância na génese da forma actual da Cidade Portuguesa, propondo-se uma leitura dos estratos morfológicos preservados por processos de sedimentação urbana, contribuindo para compreender a sobrevivência das estruturas romanas no tecido da Cidade Portuguesa.

A herança cultural legada pela Civilização Romana pode ser considerada a mais marcante e abrangente das heranças que formam a matriz cultural das nossas cidades. A ocupação romana do território português gerou um complexo processo de estruturação do território nacional, da qual a fundação ou reestruturação de cidades hierarquicamente organizadas entre si, como centros de circunscrições administrativas, terá sido um dos componentes de maior destaque. Esta rede de cidades com os seus espaços e o seu edificado irá impor-se num território relativamente pouco desenvolvido, construindo uma nova realidade que irá constituir o amplo suporte físico e cultural sobre o qual outras civilizações se irão implantar, apropriar e consequentemente desenvolver. A importância das cidades e do seu espaço edificado no quadro da Civilização Romana, desenhadas e construídas com elevado grau de rigor e qualidade, conferiu-lhes uma resistência e uma versatilidade que irão garantir a sua sobrevivência até ao momento presente, sendo possível verificar como estas estruturas ainda hoje se mantêm relevantes como elementos morfológicos na Cidade Portuguesa.

Deste modo a análise das persistências Romanas na Cidade actual surge como tema do trabalho devido às suas qualidades compositivas e espaciais como elementos de base e de fundação. Na sua evolução transformaram-se em elementos de suporte que permitiram a sua reutilização e adaptação sucessiva ao longo das várias culturas urbanas, possibilitando que a sua permanência morfológica estruturasse a construção do tecido da cidade portuguesa até à contemporaneidade.

³ FABIÃO, C. 2006. A herança romana em Portugal, CTT Correios de Portugal. p. 12.

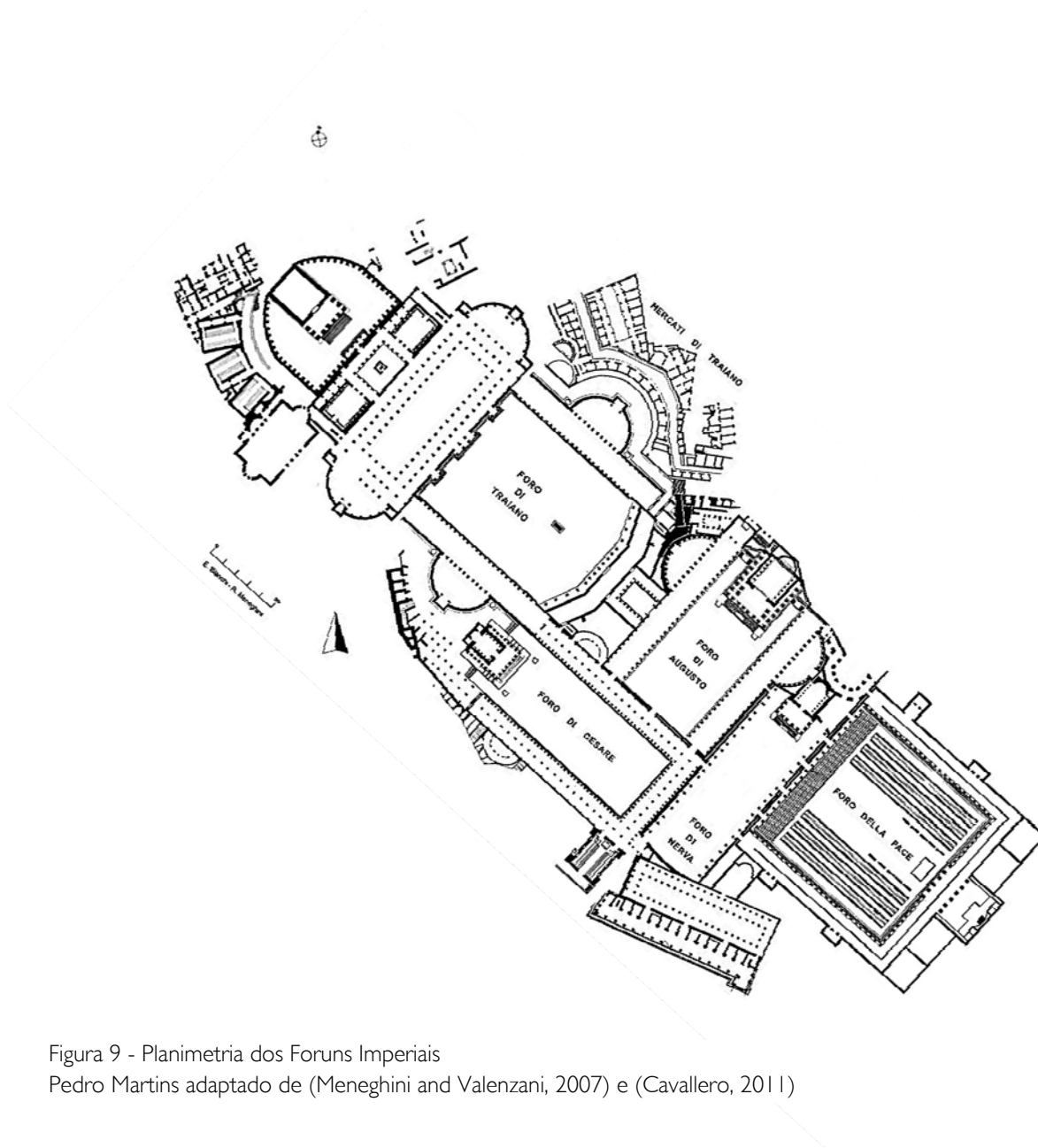


Figura 9 - Planimetria dos Foruns Imperiais
 Pedro Martins adaptado de (Meneghini and Valenzani, 2007) e (Cavallero, 2011)



Figura 10 - Modelo virtual de Roma no séc. IV.
 Matthew Nicholls (www.reading.ac.uk/classics/research/Virtual-Rome.aspx)

O estudo teve como objectivo principal compreender como certas estruturas romanas (traçados, *fora*, teatros, anfiteatros e circos) se mantêm presentes na cidade portuguesa contemporânea, entendendo a forma actual da cidade como resultado de um processo evolutivo complexo.

Complementarmente, tem-se como objectivo a apurar de forma exploratória e esquemática o desenho original das estruturas a partir da comparação entre os seus vestígios e estruturas tipologicamente semelhantes.

O estudo sugiu no contexto da participação no projecto de investigação “O Tecido Edificado na cidade portuguesa. Inventário Morfológico”, o qual procura caracterizar morfológicamente o tecido construído da cidade portuguesa. A participação no projecto de investigação permitiu desenvolver um conjunto de conhecimentos específicos, referências e autores assim como contactar com especialistas no âmbito da morfologia urbana e aceder a uma ampla base de informação sobre a morfologia da cidade portuguesa, fundamentais para o desenvolvimento do trabalho realizado.

Por outro lado, a participação no programa ERASMUS na Università degli studi di Roma La Sapienza, Prima Facoltà de Architeccttura “Luduvico Quaroni” na cidade de Roma, possibilitou um contacto privilegiado com o universo de conhecimento que compõe a antiguidade clássica, permitindo a participação subsequente em projectos ligados à área de conhecimento da arqueologia ou do ensino da antiguidade clássica. Merece assim também uma menção especial ao projecto realizado pelo Dr. Matthew Nicholls do Department of Classics da University of Reading, que procurou criar uma reconstrução virtual da cidade de Roma no séc. IV (Figura 11), como ferramenta privilegiada de ensino, e na qual tive oportunidade de participar durante vários anos, desenhando plantas, alçados, cortes e maquetas virtuais em 3D de dezenas de edifícios e estruturas.

Este conjunto de experiências permitiram desenvolver um amplo conjunto de conhecimentos sobre a natureza da arquitectura na antiguidade clássica, assim como sobre a morfologia da cidade portuguesa, procurando-se através deste trabalho progredir em mais uma etapa de um processo académico constante.



Figura 11 - Evolução do tecido urbano na área do Teatro de Pompeu
Saverio Muratori (Muratori, 1964)

1.2 – Enquadramento Teórico

Vários autores desenvolveram as questões da sedimentação e morfologia urbana nos tecidos das cidades históricas. No contexto dos trabalhos internacionais destacam-se duas escolas de autores: a Italiana com os autores **Saverio Muratori**, **Gianfranco Caniggia** e **Aldo Rossi** e a francesa com autores como **Pierre Lavedan** ou **Pierre Pinon**. Os trabalhos desenvolvidos por estes autores apresentam a matriz metodológica seguida no estudo.

Lavedan é um dos primeiros autores a tratar de questões de sedimentação urbana, em 1926, com a sua “loi de persistance du plan”⁴, em que o autor demonstra a existência de uma tendência natural para a sedimentação morfológica dos tecidos edificados, através da preservação e reutilização contínua das suas partes constituintes, tais como elementos do traçado urbano, do cadastro ou mesmo edificado, definindo a base metodológica que viria a ser desenvolvida por autores subsequentes.

Muratori será um dos primeiros autores a desenvolver e aplicar de os conceitos desenvolvidos por Lavedan, realizando um estudo histórico da cidade de Veneza⁵, no qual analisa em detalhe a evolução morfológica de vários quarteirões através da leitura dos principais momentos históricos, e da análise detalhada do tecido edificado existente, procurando na cidade herdada marcas de estruturas pré-existentes que permitissem a compreensão da sua evolução morfológica. Em Roma, enquanto docente da cadeira de Composição Arquitectónica, Muratori desenvolve a metodologia testada no estudo de Veneza criando o atlas da história morfológica da cidade de Roma “*Studi per una operante storia urbana di Roma*”⁶ que resulta da aplicação do seu conceito de História Operativa. Deste modo, a análise da história urbana da cidade de Roma é abordada de uma forma abrangente, como um conjunto de etapas sequenciais que progressivamente deram forma à cidade actual, constituindo uma referência fundamental na análise dos processos que estão na origem dos tecidos contemporâneos, através da adaptação de estruturas pré-existentes.

⁴ LAVEDAN, P. 1926. *Qu'est-ce que l'urbanisme? Introduction à l'histoire de l'urbanisme*, Paris, H. Laurens.

⁵ MURATORI, S. 1959. *Studi per un'operante storia urbana di Venezia*, Roma, Istituto Poligrafico dello Stato.

⁶ MURATORI, S. 1964. *Studi per un'operante storia urbana di Roma*, Roma, Consiglio Nazionale delle Ricerche.

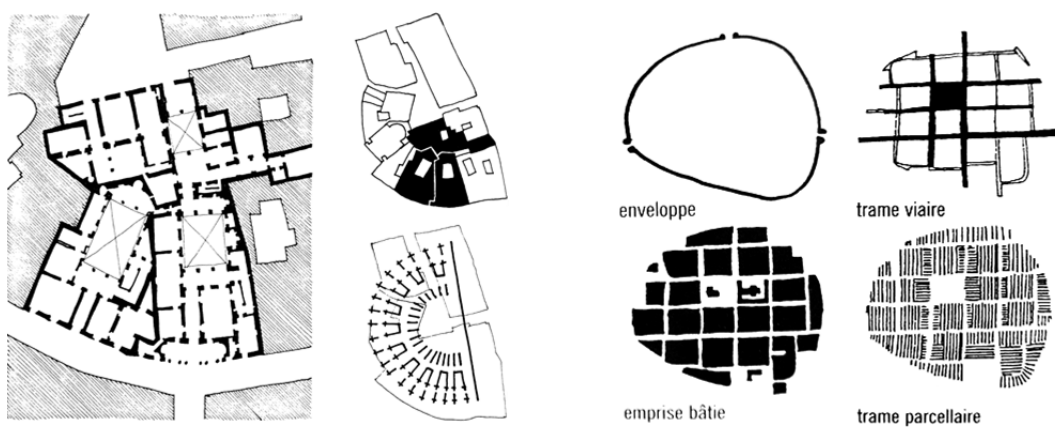


Figura 12 - Análise da forma Palácio Massimo e elementos de composição da forma urbana
Alain Borie, Pierre Micheloni e Pierre Pinon (Borie et al., 1978)

Por outro lado **Rossi** no seu livro “**A Arquitectura da Cidade**”⁷, contribui para o desenvolvimento metodológico e teórico da questão, ao introduzir o conceito de tipologia. Rossi define o modo de entender a forma da cidade através da compreensão de duas ideias essenciais; a primeira entende a cidade como entidade manufacturada, complexa, e que cresce no tempo; a segunda como um conjunto de “factos urbanos” caracterizados pela sua arquitectura e forma. Para Rossi, factos urbano são elementos resultantes de um pré-conceito, podendo assim ser descritos pela sua morfologia e por conseguinte passíveis de ser enquadrados tipologicamente, através da comparação a um conjunto de arquitecturas semelhantes com as quais partilham as linhas orientadoras do seu projecto. Rossi define deste modo um dos elementos fundamentais para a análise dos complexos processos que estão na génese da evolução do tecido urbano, através do recurso a modelo tipológicos.

Alain Borie, Pierre Micheloni e Pierre Pinon, no estudo “*Forme et Déformation des objets architecturaux et urbains*”⁸, contribuem para o progresso do conhecimento da evolução do tecido urbano, ao analisar os processos que estão na morfogénese do espaço arquitectónico, considerando a formação e deformação dos objectos urbanos segundo quatro categorias essenciais: **o limite**, do qual a muralha é o exemplo emblemático; a **superfície construída**, ou o cheio, composto pelo espaço privado; a **trama viária**, ou o traçado, enquanto divisão do espaço público livre; e a **trama parcelar**, ou o cadastro, enquanto divisão do espaço privado. Estas quatro categorias podem ser alvo de vários tipos de deformações tais como deslizamento, encolhimento, torção, etc. A compreensão dos processos, na origem da forma e da deformação do tecido, são fundamentais para a compreensão da morfologia urbana enquanto resultado da adaptação de estruturas pré-existentes, às quais sucessivas edificações se tiveram que adaptar.

⁷ ROSSI, A. 1965. *L'architettura della città*.

⁸ BORIE, A., MICHELONI, P. & PINON, P. 1978. *Forme et Déformation des objets architecturaux et urbains*, Paris, Édition Parenthèses.

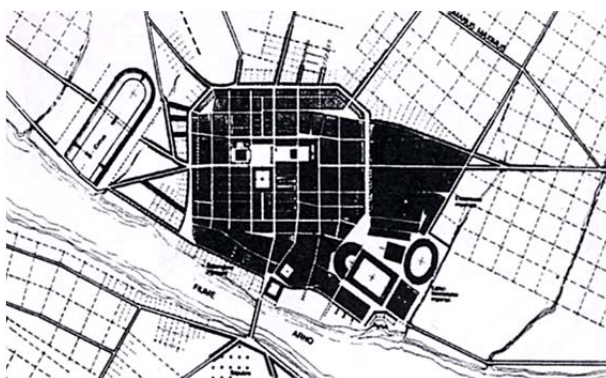
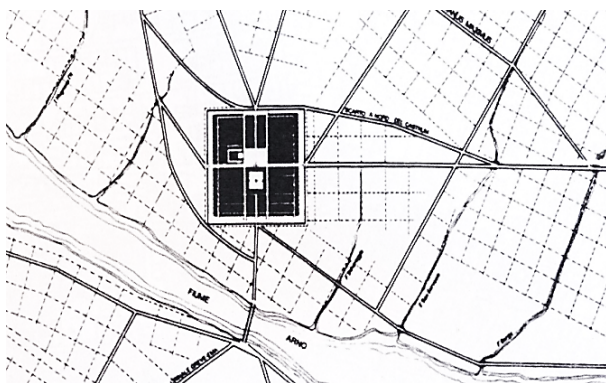


Figura 13 - Evolução da cidade de Florença
 Gianfranco Caniggia (Pozo, 1997)

O trabalho de **Gianfranco Caniggia** "*Lettura Dell'Edilizia di Base*"⁹ será um dos primeiros e mais relevantes estudos a aplicar os preceitos teóricos e metodológicos definidos por **Muratori** e **Rossi** relativos à leitura histórico-tipológica do ambiente. No estudo Caniggia analisa o centro dos tecidos urbanos de várias cidades italianas, nomeadamente Como e Florença, argumentando que a morfologia actual dos mesmos foi maioritariamente edificada durante a idade média. Assim analisando a génese desses tecidos medievais, entende a sua origem como sendo proveniente das estruturas pré-existentes romanas adaptadas e reutilizadas pela edificação de tecido medieval, seguindo tipologias habitacionais de casas em "banda", que resultam num tecido composto que preserva nas suas formas as marcas deixadas pelos edifícios e traçados pré existentes.

Por outro lado **Robert Bedon**, **Raymond Chevallier** e **Pierre Pinon**, na obra "**Architecture et Urbanisme en Gaule Romaine, tome 2. L'urbanisme**"¹⁰, analisam o traçado e a localização dos principais edifícios romanos em várias cidades galo-romanas. Em síntese, é realizado um cruzamento de referências cadastrais ou cartográficas contemporâneas, com cartas arqueológicas e um modelo teórico de traçado constituído através da comparação de restituições anteriores, resultando num trabalho que analisa e interpreta as persistências de forma esquemática, utilizando parâmetros semelhantes para a detecção da forma urbana de 96 cidades galo-romanas. O estudo analisa e restitui, não só o plano original das cidades durante a época romana, como também propõe a localização dos seus principais edifícios.

⁹ CANIGGIA, G. & MAFFEI, G. L. 1979. *Composizione architettonica e tipologia edilizia, I. Lettura dell'edilizia di base*, Venezia, Marsilio.

¹⁰ BEDON, R., CHEVALLIER, R. & PINON, P. 1988. *Architecture et urbanisme en Gaule romaine: L'urbanisme en Gaule romaine, tome 2. L'urbanisme*, Paris, Editions Errance.



Figura 14 - Numancia
Comisión de Excavaciones (Bellido, 1985)

Outro aspecto importante no enquadramento teórico, refere-se à análise da arquitectura e das tipologias de edifícios e traçados romanos. A compreensão das regras que determinam o desenho destas estruturas, permite através do enquadramento dos vestígios existentes nas diferentes tipologias, reconstruir o aspecto que teriam originalmente. Deste modo a construção de um quadro com o máximo de casos relativos a cada tipologia é um aspecto fundamental do estudo.

No conjunto de obras dedicadas à arquitectura romana, destaca-se o estudo realizado por **Pierre Gros**, "**L'architecture romaine . I. Les Monuments Publics**"¹¹, em que o autor analisa com grande detalhe, as principais tipologias de edifícios públicos romanos (Curias, Pórticos, Foruns, Arcos, Circos, etc...) recolhendo múltiplos exemplos de uma grande abrangência geográfica no universo das províncias romanas. A obra de Gros condensa com grande detalhe um inventário essencial do universo da arquitectura romana, que permite com facilidade consultar vários exemplos pertencentes às principais tipologias edificatórias romanas.

O livro de **António Garcia e Bellido** "**Urbanística de las grandes ciudades del mundo antiguo**"¹², é uma das primeiras referências no mundo do urbanismo antigo. O estudo de Bellido abrange várias culturas e épocas, tendo dois capítulos que se debruçam em primeiro lugar sobre a análise da problemática do urbanismo durante o império romano, focando-se em seguida nos casos específicos de várias das cidades Hispano-Romanas, das quais faz uma breve análise histórica apoiada na representação desenhada dos vários casos de estudo. A análise de Bellido pelo enfoque realizado sobre o contexto peninsular, pertencendo ao mesmo contexto geográfico dos casos analisado neste estudo torna-a uma referência importante.

André Pelletier no seu livro "**L'urbanisme romain sous l'Empire**"¹³ procura responder à pergunta da razão pela qual se considera a civilização romana como uma civilização profundamente urbana, sendo os seus mais importantes vestígios encontrados nas cidades. As cidades romanas são assim analisadas através da perspectiva dos seus componentes essenciais, tais como ruas edifícios, muralha, etc, cada tipologia é analisada em detalhe, descrevendo a sua função e a sua morfologia. Deste modo o autor procura através da descrição dos seus diversos componentes construir uma imagem global da cidade, fornecendo um conjunto de informações relevantes para a construção do presente estudo.

¹¹ GROS, P. 1996. *L'architecture romaine. I. Les monuments publics*, Paris, Picard.

¹² BELLIDO, A. G. Y. 1985. *Urbanística de las grandes ciudades del mundo antiguo*, Madrid, Instituto Español de Arqueologia.

¹³ PELLETIER, A. 1982. *L'urbanisme romain sous l'Empire*, Paris, Picard.

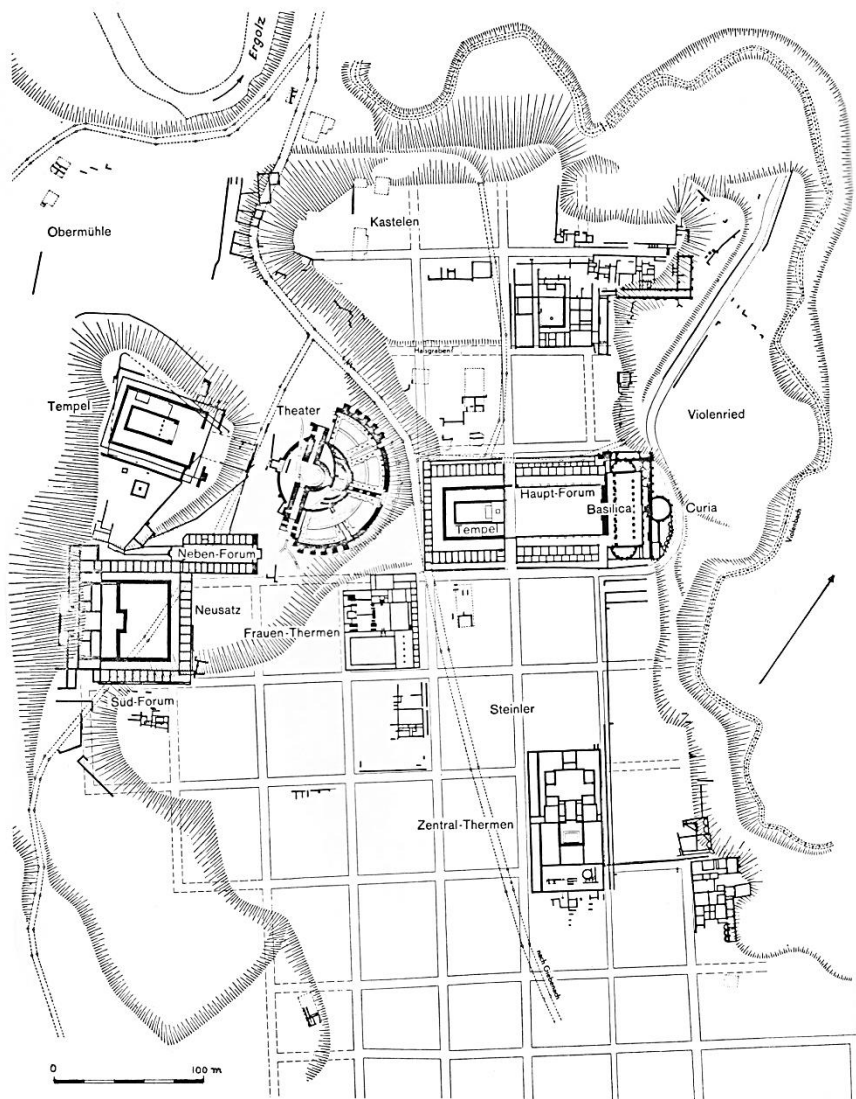


Figura 15 - Augusta Raurica
F. Stähelin (Ward-Perkins, 1974)

John Bryan Ward-Perkins no seu livro *"Cities of ancient Greece and Italy: Planning in Classical Antiquity"*¹⁴, faz uma análise da cidade clássica essencialmente através da sua componente morfológica, compreendendo a natureza irregular do desenvolvimento urbano, presente inclusive em cidades romanas implantadas a partir de um plano que de depois se expandia organicamente pelo território, Perkins, opta por focar a sua análise especialmente nos elementos que revelam um planeamento consciente, realizando uma contextualização histórica das origens e do desenvolvimento da cidade clássica planeada. Mais do que descrever exaustivamente cada cidade o autor procura criar um quadro mental do urbanismo clássico, descrevendo por exemplo, a busca contínua por parte dos construtores romanos pela simetria e pela ordem. Esta obsessão pela ordem, está claramente patente nos *fora* Imperiais em Roma, os quais foram construídos ultrapassando vários constrangimentos físicos e naturais, com o objectivo de obter uma perfeição conceptual entre os seus diversos componentes, mesmo que o desenho e as relações geométricas entre as suas diferentes estruturas seja impossível de ser posteriormente pelo apreendido observador no local.

Outra obra de grande relevância, é constituída pelas publicações do conjunto de conferências promovidas pelo Instituto de Arqueologia de Mérida, com os temas: *"Ciudad y foro en Lusitania Romana"*¹⁵, *"El Teatro en la Hispania Romana"*¹⁶, *"El Anfiteatro en la Hispania Romana"*¹⁷ e *"El Circo en la Hispania Romana"*¹⁸. Este conjunto de publicações aborda em detalhe os conhecimentos mais recentes dos principais edifícios públicos romanos conhecidos na Hispânia, reunindo nos vários trabalhos temáticos um amplo conhecimento sobre a sua forma, assim como o seu enquadramento e história. A abordagem detalhada dos diferentes edifícios abordados neste conjunto de obras foi fundamental, dado que, permitiu aceder a um conjunto de informações arqueológicas necessárias à realização das análises sobre as diferentes estruturas presentes neste estudo.

¹⁴ WARD-PERKINS, J. B. 1974. *Cities of ancient Greece and Italy: Planning in Classical Antiquity*, New York, George Braziller.

¹⁵ BASARRATE, T. N. 2010. *Ciudad y foro en Lusitania Romana = Cidade e foro na Lusitânia Romana*, Badajoz.

¹⁶ AAVV 1982. *Actas del Simposio - El Teatro en la Hispania Romana*, Badajoz, Institución Cultural Pedro de Valência.

¹⁷ AAVV 1994. *Coloquio Internacional - El Anfiteatro en la Hispania Romana*, Mérida, Junta de Extremadura.

¹⁸ AAVV 2001. *El Circo En Hispania Romana*, Mérida, Ministerio de Educación y Cultura.



Figura 16 - Bustos de Trajano e Agripina descobertos no criptopórtico de Coimbra (Alarcão, 2008a)

No panorama nacional os estudos desenvolvidos por **Jorge de Alarcão** têm particular relevo. Os vários estudos e publicações realizados por Alarcão são incontornáveis para o entendimento de período romano a nível nacional, destacando-se pela proximidade metodológica da análise, a obra de 2008 "**Coimbra a montagem do cenário urbano**"¹⁹, onde o autor traça parte da história da cidade de Coimbra através dos seus principais monumentos, realizando uma leitura abrangente do conjunto dos vestígios conhecidos na construção e evolução da cidade de Coimbra.

Também relevantes são os trabalhos realizados por **Vasco Mantas**²⁰, nos quais o autor analisa o traçado de várias cidades portuguesas através da fotografia aérea, utilizando metodologias de teledetecção e foto-interpretação para reconstruir a sua morfologia em época romana. Estas metodologias propõem a utilização de imagens aéreas como forma de detecção de orientações convergentes ou anómalas, evidenciando possíveis matrizes ortogonais de traçados pré-existent. Deste modo, Mantas realiza vários estudos de referência sobre a morfologia romana de várias cidades criando um importante conjunto de bases para o estudo das mesmas.

Merecem também destaque os trabalhos recentes desenvolvidos por **Conceição Lopes**²¹ em Beja sobre o logradouro do conservatório, redescobrimo a fundação de um grande templo romano, descrita pela primeira vez por Abel Viana. Os estudos realizados por **Manuela Martins**²² em Braga no contexto do trabalho desenvolvido ao longo de 30 anos Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho permitem conhecer com um detalhe único a nível nacional o urbanismo romano da cidade de Braga. Finalmente à ainda que referir os trabalhos de **Pedro Carvalho** abordando os vestígios dos *fora* de Idanha-a-Velha²³ e Coimbra²⁴.

¹⁹ ALARCÃO, J. D. 2008a. *Coimbra: a montagem do cenário urbano*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.

²⁰ MANTAS, V. 1986. Arqueologia urbana e fotografia aérea: contributos para o estudo do urbanismo antigo de Santarém, Évora e Faro. *Trabalhos de Arqueologia*, 3, pp. 13-26.

²¹ LOPES, M. D. C. 2003. *A cidade romana de Beja - Percursos e debates acerca da "civitas" de PAX IVLIA*, Coimbra, Universidade de Coimbra.

²² MARTINS, M. & FONTES, L. 2010. Bracara Augusta. Balanço de 30 anos de investigação arqueológica na capital da Galécia Romana. *Simulacra Romae II. Rome, les capitales de province (capita prouinciarum) et la création d'un espace commun européen. Une approche archéologique*. Reims: Bulletin de la Société archéologique champenoise.

²³ CARVALHO, P. 2010. Caminhando em redor do forum de Aeminium. *Studia Lusitana 4 - Cidade e foro na Lusitânia Romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.

²⁴ CARVALHO, P. 2009. O Forum dos Igaeditani e os primeiros tempos da Civitas Igaeditanorum. *Archivo Español de Arqueología*, 82, pp. 151 - 131.

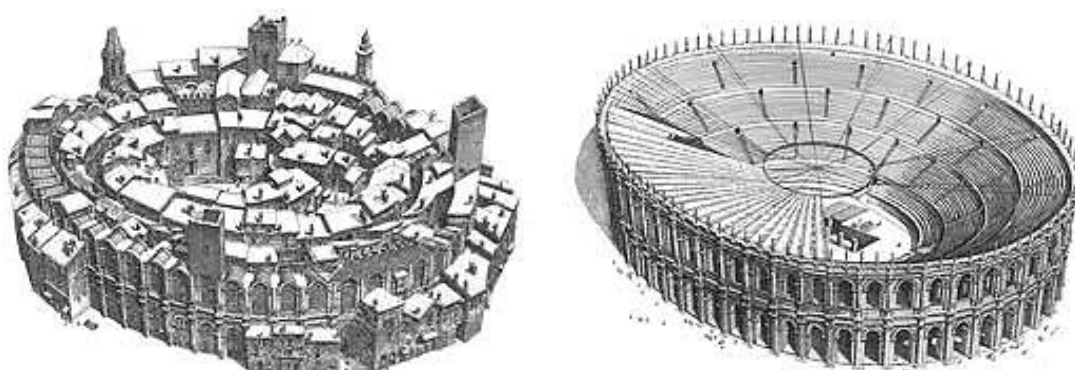


Figura 17 - Anfiteatro de Arles no séc. II e no séc. XVIII
Francesco Corni (www.francescocomi.com)

1.3 - Metodologia de Análise

As metodologias utilizadas pelos autores referidos partilham vários elementos comuns, destacando-se o uso da morfologia urbana contemporânea como base para a análise, considerando a morfologia das cidades como o resultado de um processo longo de construção que mantém a “memória” de formas urbanas anteriores através de processos de fossilização gradual e sedimentação das estruturas antigas no tecido. Desta forma, segundo os princípios da persistência do plano, a morfologia passada das cidades pode ser parcialmente restituída utilizando os indícios documentados arqueologicamente e completados através da análise da morfologia urbana contemporânea.

Outro elemento importante na metodologia de análise é o uso de modelos tipológicos como instrumento para a compreensão de áreas onde nem o tecido actual nem a arqueologia ou os estudos históricos forneçam informação. A criação de modelos tipológicos que ordenem estruturas urbanas, segundo conjuntos de características morfológicas e funcionais comuns permite com base em características conhecidas, perceber qual a tipologia que serve de matriz para a estrutura urbana, inferindo-se a totalidade da forma com base na matriz tipológica.

Tomando como pressuposto que a construção urbana no tempo longo é um acto contínuo de produção de tecido sobre pré-existências, que deixam a sua marca nas estruturas subsequentes que a elas se impõem ou adaptam, a dissertação visa com base numa metodologia fundamentada, apoiada em vários estudos e autores, compreender de que modo a cidade romana está presente na cidade portuguesa actual, assim como perceber o valor das pré-existências na produção da forma da cidade e a importância da história e da memória dos sítios através da utilização contínua dos seus elementos.

Assim, a dissertação coloca as seguintes questões de partida às quais procura responder:

1. Em que medida as estruturas romanas continuam presentes na morfologia da cidade portuguesa actual?
2. Quais os elementos presentes na morfologia urbana contemporânea com génese em estruturas romanas?

A abordagem metodológica realizada no estudo considera uma análise sobre a morfologia actual, analisando o tecido edificado da cidade contemporânea de modo a procurar evidências de natureza topográfica, cadastral, edificada, entre outras, que evidenciem um condicionamento da constituição do tecido urbano pelas estruturas pré-existentes.

Tomando como ponto de partida estudos arqueológicos que identifiquem previamente as estruturas no tecido urbano, procura-se comparar as estruturas arqueológicas conhecidas com tipologias arquitectónicas definidas a partir de edifícios semelhantes. Entendendo que os vestígios romanos existentes pertenceriam a estruturas construídas segundo uma ideia pré-conceptualizada, é possível caracteriza-los pela sua arquitectura e por conseguinte enquadrando-os tipologicamente, através da comparação com outros edifícios semelhantes.

Esta comparação permite a partir dos vestígios conhecidos, construir uma hipótese sobre a sua morfologia original. Podemos deste modo, a partir da planta dos vestígios conhecidos, completada com a hipótese sobre a sua morfologia original, a compreender a relação entre o tecido edificado contemporâneo e as estruturas romanas sobre as quais o mesmo terá sido construído.

Deste modo a estrutura metodológica realizada no estudo observou os seguintes passos:

- 1 - Recolha de documentação
- 2 - Selecção dos Casos de Estudo
- 3 - Análise das tipologias presentes nos Casos de Estudo
- 4 - Análise morfológica e ensaio de reconstituição

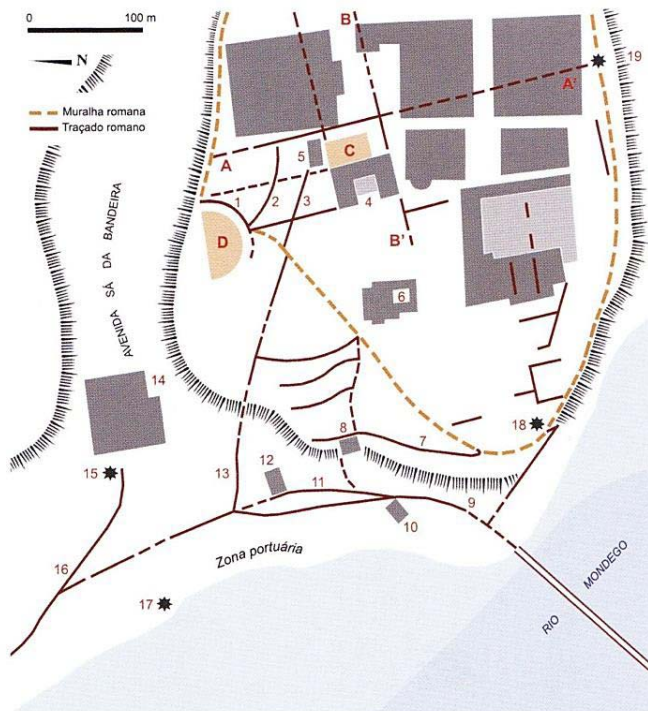


Figura 18 - Urbanismo romano de Coimbra
Vasco Mantas (Alarcão, 2008a)

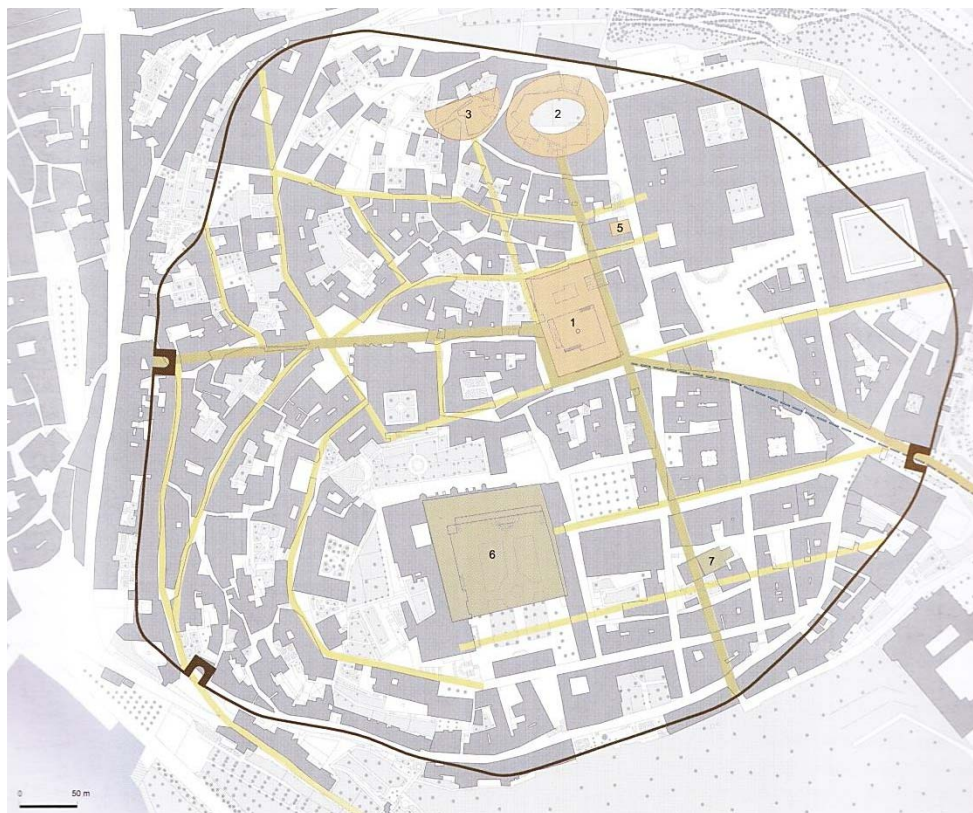


Figura 19 - Urbanismo romano de Coimbra
Jorge de Alarcão (Alarcão, 2008a)

Recolha de documentação

Para as principais cidades portuguesas existem vários trabalhos arqueológicos e históricos que analisam edifícios antigos ou partes do tecido urbano, procurando restituir de forma aproximada a sua morfologia em épocas chave. Para a realização do estudo, foram reunidos um conjunto de trabalhos sobre a morfologia de várias cidades ou dos seus edifícios durante a época romana, criando uma extensa base de informação de suporte à análise.

No entanto, dadas as limitações existentes no conhecimento da morfologia urbana em épocas recuadas, as restituições existentes assumem, na maior parte das situações, formas esquemáticas, avançando, por vezes, de forma genérica uma hipótese para a forma urbana assim como para a localização das principais estruturas edificadas.

A base do conhecimento para os vários trabalhos existentes provém de fontes e escalas muito variadas, abarcando desde prospecções arqueológicas realizadas com grande rigor e detalhe, até análises sobre a forma do tecido edificado realizadas através de fotografia aérea, ou mesmo reconstituições informadas pelo conhecimento da cultura arquitectónica e urbanística romana em conjunto com os vestígios conhecidos.

Deste modo foi realizado um levantamento dos estudos morfológicos e arqueológicos existentes para vários aglomerados urbanos, reunindo a informação recolhida, de modo a criar uma base de informação, que permita a realização da análise segundo a metodologia proposta.

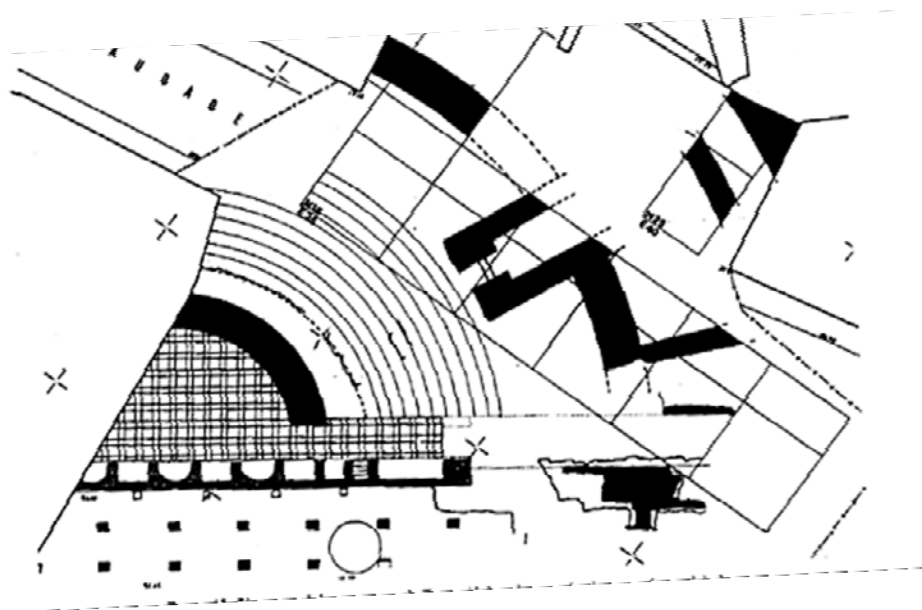


Figura 20 - Planta das estruturas do teatro romano de Lisboa
A. M. Dias Diogo (Diogo, 1993)

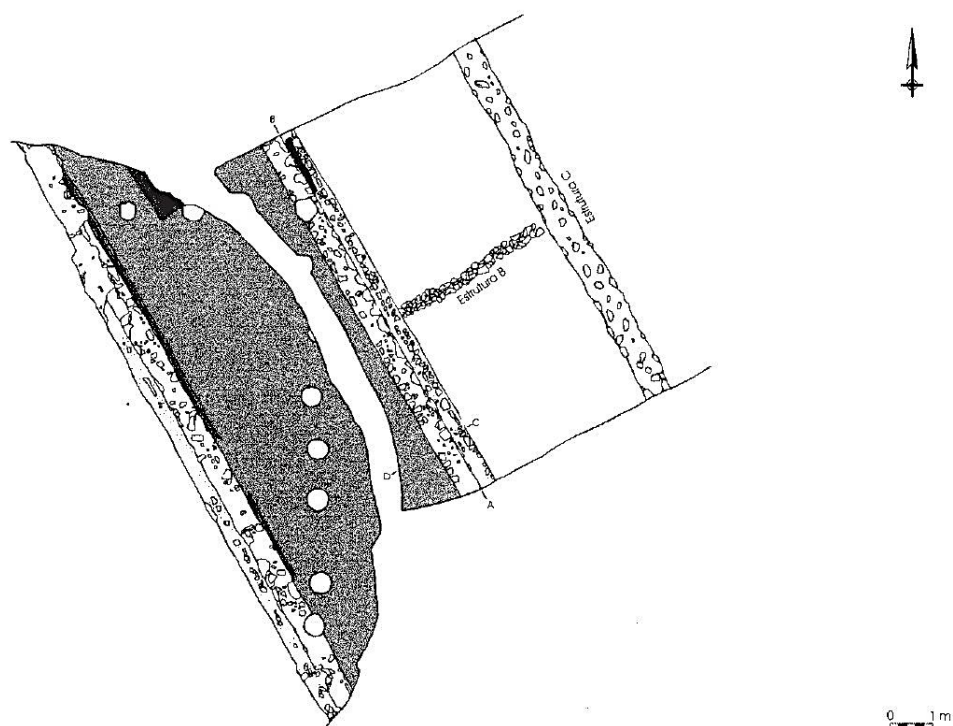


Figura 21 - Planta das estruturas do circo romano de Lisboa
Ana Vale (Vale, 2001)

Seleção dos Casos de Estudo

O universo de vestígios romanos em território nacional é amplo e abrangente. No entanto, apenas algumas das estruturas existentes reúnem um conjunto de condições que suportam a análise segundo a metodologia proposta. Utilizando os estudos recolhidos no ponto anterior como base e comparando as plantas de estruturas em época romana com a morfologia da cidade actual, procurou-se nesta fase seleccionar de entre as estruturas conhecidas as que melhor reúnam condições necessárias à análise segundo a metodologia proposta, criando deste modo um conjunto de casos de estudo a ser analisado em detalhe.

Deste modo foi seleccionado um conjunto de estruturas segundo três critérios base:

- 1- Uma ocupação parcial ou total por tecido urbano contemporâneo, permitindo a leitura dos fenómenos de sedimentação urbana.
- 2- A existência de fontes de informação sobre a estrutura no período romano. Esta informação pode ser indirecta ou conjectural, como é o caso dos teatros romanos de Coimbra e Beja, sobre os quais existem vários estudos abordando a importância das cidades durante o período romano e por conseguinte fornecendo indícios importantes da sua existência ainda que até ao momento nenhum estudo arqueológico os tenha identificado de maneira conclusiva.
- 3- E finalmente as estruturas analisadas teriam que ser facilmente enquadráveis em tipologias bem conhecidas e frequentes no contexto peninsular, de modo a permitir restituir a sua morfologia original através da comparação entre o modelo tipológico estabelecido e o tecido urbano contemporâneo.

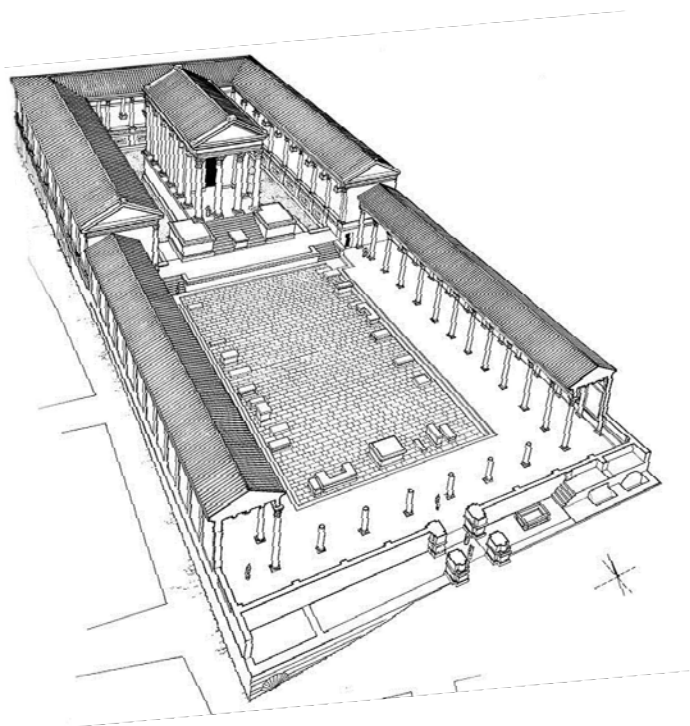


Figura 22 - Perspectiva do forum de Condeixa-a-Velha - Conímbriga
J. C. Golvin (Alarcão and Etienne, 1977)

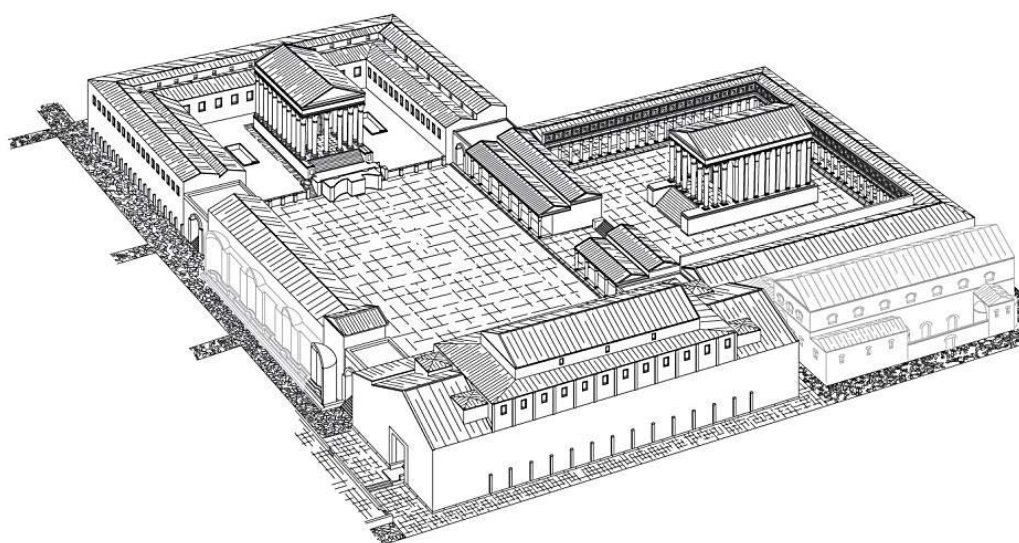


Figura 23 - Perspectiva do forum de Mérida - Emérita Augusta
(Vélez et al., 2009)

Análise das Tipologias presentes nos Casos de Estudo

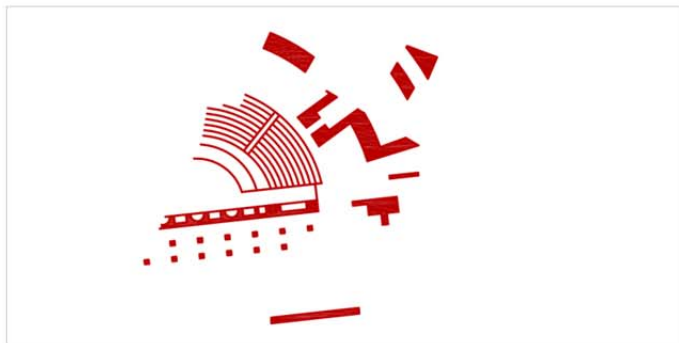
A arquitectura romana pode em parte ser descrita pelo conjunto de regras geométricas que estruturam a sua linguagem. Esta linguagem estruturada comum a todos os edifícios contribuiu para uma imagem de unidade ao longo dos diversos territórios do império, e dado que muitas das estruturas edificadas foram construídas segundo traços comuns de desenho, é possível estabelecer com facilidade correlações na sua análise através da comparação com estruturas tipologicamente semelhantes. Esta análise pode ser realizada para grande parte das estruturas romanas, e é fundamental para o conhecimento da sua forma, dado que a arqueologia em meios urbanos tem frequentemente fortes condicionantes que impedem a escavação total das estruturas analisadas sendo assim possível o complemento à sua análise arqueológica através da comparação com outras estruturas semelhantes.

Verificando quais são as tipologias presentes nos casos de estudo realizou-se uma pesquisa com o objectivo de construir uma base tipológica, que criasse um referencial de casos conhecidos, que pelo valor excepcional da sua documentação, pela semelhança tipológica ou pela proximidade geográfica possam ser comparados adequadamente aos vestígios das estruturas encontradas em território nacional.

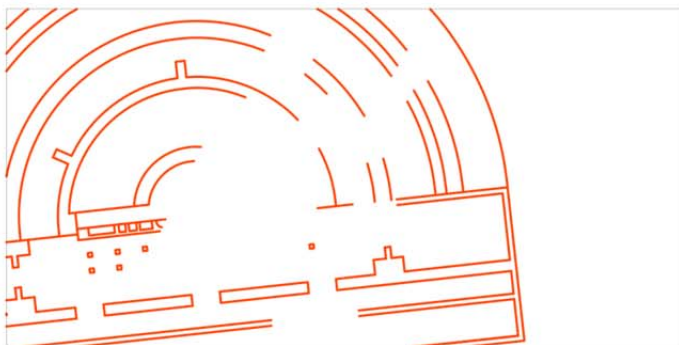
A análise dos vestígios conhecidos com relevo na construção da morfologia urbana revelou uma primazia pelas seguintes tipologias: *fora*, teatros, anfiteatros e circos. Deste modo foram procurados exemplos de edifícios pertencentes às tipologias referidas, em especial em cidades geograficamente próximas, abarcando em especial a Hispânia. A pesquisa viria a revelar a existência de linguagens construtivas muito próximas e específicas do contexto geográfico seleccionado, que não se verificavam com a mesma expressão noutros contextos, como é o caso da grande semelhança entre os diversos *fora* lusitanos ou da proximidade existente nos métodos de implantação e construção dos teatros.



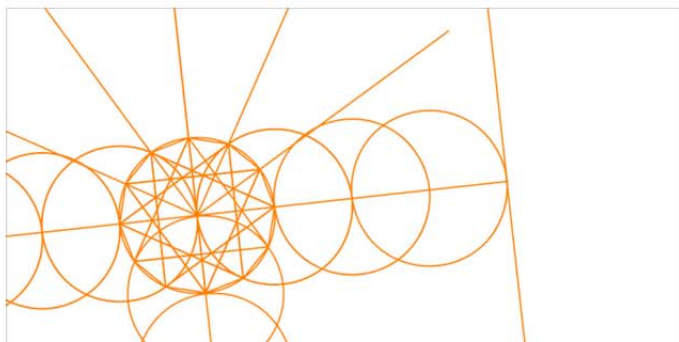
Tecido Edificado



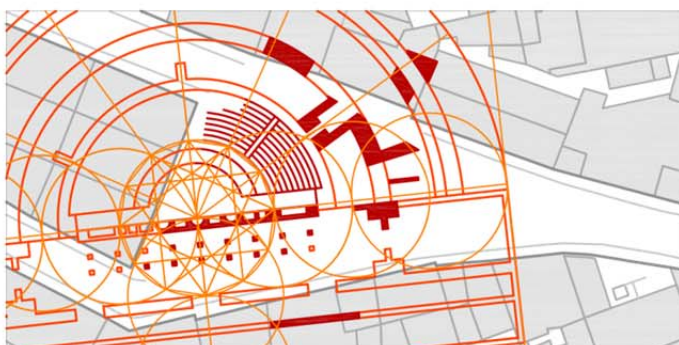
Vestígios Arqueológicos



Vestígios Estimados



Geometria de Base



Planta de Síntese

Figura 24 - Esquema de desenho do Teatro romano Lisboa, escala 1/1000

Pedro Martins

Análise morfológica e ensaio de reconstituição

A fase final da metodologia proposta consistiu na combinação do desenho representando o modelo tipológico encontrado para cada estrutura, com a planta da morfologia urbana contemporânea. Através da leitura da composição do tecido urbano existente nos casos de estudo seleccionados, e do seu cruzamento com as plantas das tipologias edificadas compiladas com base num conjunto de edifícios semelhantes, procurou compreender-se qual a morfologia original das estruturas analisadas, desenhando-as esquematicamente, de forma a entender de que modo as estruturas actuais são herdeiras das pré existências romanas.

Destaca-se o uso do desenho como ferramenta de investigação e análise, permitindo esboçar várias ideias alternativas, para o plano das estruturas analisadas, concorrendo para uma verdadeira compreensão da génese das formas morfológicas contemporâneas. O desenho revelou-se também de uma utilidade fundamental para a definição de um modelo tipológico claro, uma vez que a representação de um grande número de edifícios semelhantes permitiu uma fácil comparação e compreensão das regras geométricas da sua génese assim como o seu cruzamento directo com os vestígios arqueológicos relativos aos casos de estudo. Foram deste modo construídas várias peças para cada caso procurando manter sempre a mesma escala, orientação e grafismo em todas as peças de modo a garantir a possibilidade de se realizarem leituras comparativas transversais a todos os casos de estudo. As peças presentes no estudo representam os seguintes elementos:

Tecido Edificado

Representação do tecido edificado da cidade contemporânea em escala de cinzas, apresentando muralhas, quarteirões, edifícios, muros, passeios e escadas.

Estruturas Romanas

Planta esquemática da forma original, resultado da conjugação dos modelos tipológicos analisados com os alinhamentos e vestígios arqueológicos existentes no local, apresentando os seguintes componentes:

Vermelho – Vestígios Arqueológicos

Laranja – Vestígios Estimados

Amarelo – Geometria de base

II **Análise e Ensaio de Reconstituição dos Casos de Estudo**

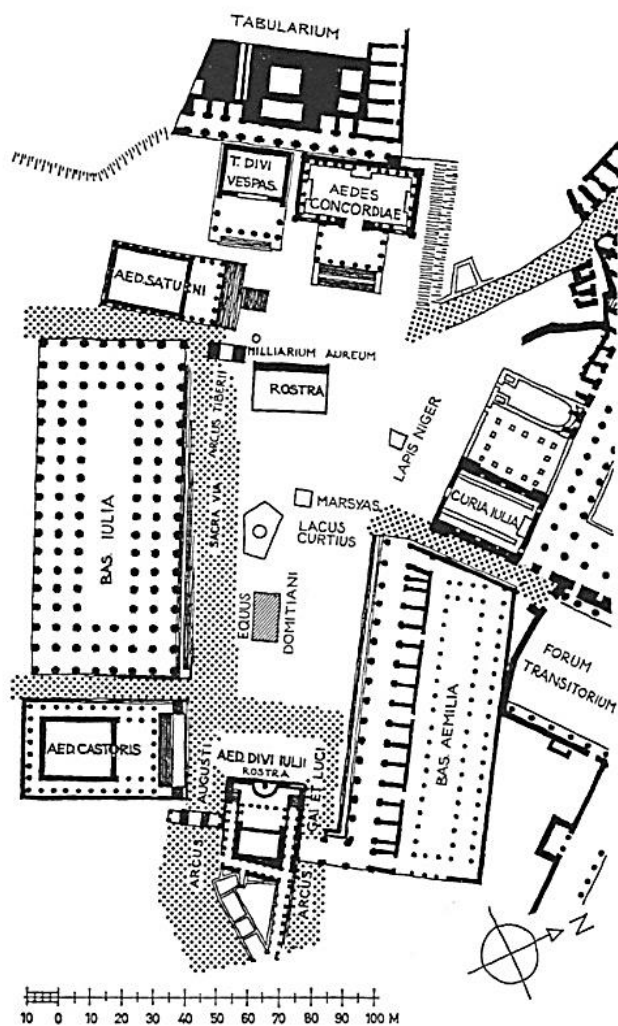


Figura 25 - Forum Republicano em Roma
P. Zanker (Gros, 1996)

2.2 – Forum

Mais do que, um edifício o forum romano pode ser considerado como um conjunto de edifícios com diferentes funções, formando um todo orgânico, ordenado segundo uma lógica comum mais ou menos articulada e coerente. O seu espaço engloba um conjunto de funções fundamentais a várias facetas da vida pública da cidade romana, tais como a religião, a administração, o comércio e a justiça, desenvolvidas geralmente de forma autónoma em edifícios próprios que partilham um espaço aberto público comum.

O forum terá surgido essencialmente como o lugar de representação cívica da cidade, um espaço livre destinado a receber as utilizações colectivas necessárias à vida urbana em comum, à volta do qual são construídos os principais edifícios públicos. A presença dos vários edifícios associados ao poder municipal transforma o forum no local ideal para exhibir ou honrar os principais acontecimentos ou benfeitores, através da construção de monumentos comemorativos ou de inscrições honoríficas, funcionando com um “lugar da memória” colectiva da cidade²⁵.

Durante o período republicano, a morfologia do forum adoptava a forma de uma praça central ladeada por um conjunto de edifícios públicos: tesouro (*erarium*), casa de arquivos (*tabularium*), prisão (*carcer*), casa do senado (*cúria*), basílica e templos. A organização do espaço era relativamente irregular, variando significativamente de forum para forum a forma e a disposição dos seus diversos componentes. A praça central deveria, segundo Vitruvio, ter uma proporção entre largura e comprimento de 2:3, ou seja, o comprimento da praça deveria ser 1,5 vezes o da sua largura, adoptando uma forma rectangular. Esta proporção estava, segundo Vitruvio, relacionada com a tradição de realizar combates de gladiadores no seu interior²⁶.

Para além da definição da proporção ideal para a praça, Vitruvio deixa-nos um conjunto de recomendações para a disposição dos restantes edifícios do forum, tratando-o efectivamente como uma soma de diferentes partes que funcionam segundo lógicas próprias, procurando assegurar que o seu resultado seja coerente e articulado.

²⁵ GROS, P. 1996. *L'architecture romaine. I. Les monuments publics*, Paris, Picard. p. 207.

²⁶ MACIEL, M. J. 2002. *Vitrúvio, Tratado de Arquitectura* Lisboa, Instituto Superior Técnico. p. 177.

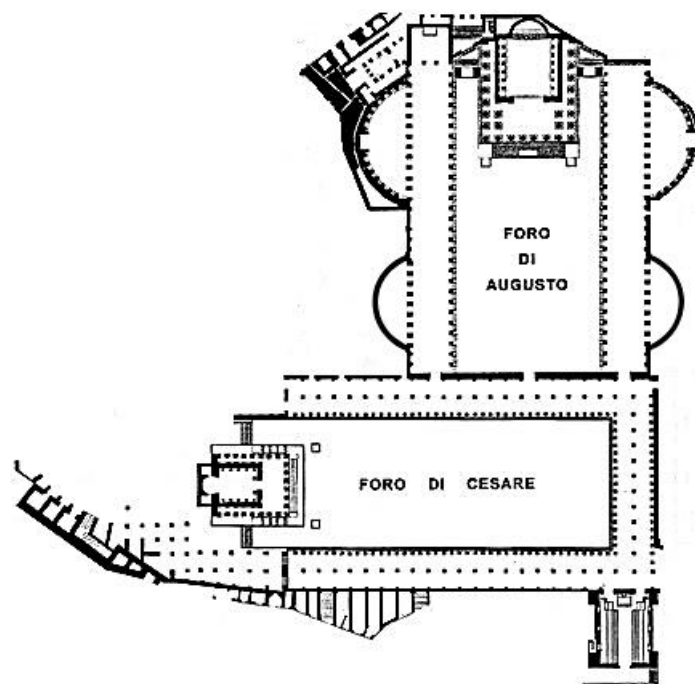


Figura 26 - Planta dos foruns de César e Augusto
Pedro Martins, adaptado de (Meneghini and Valenzani, 2007)



Figura 28 - Forum de Augusto
InkLink (Meneghini and Valenzani, 2007)

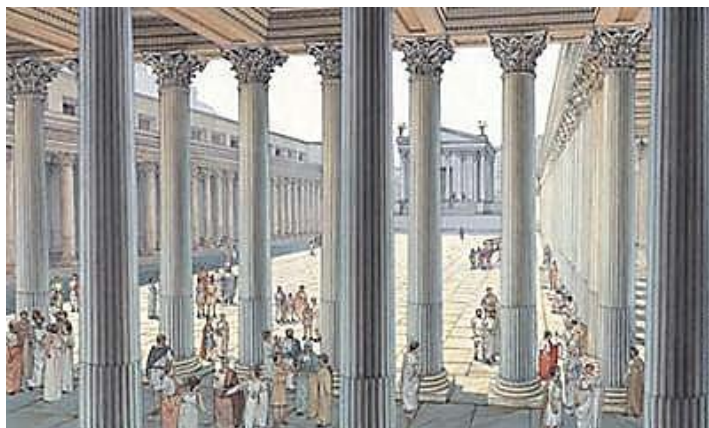


Figura 27 - Forum de César
InkLink (Meneghini and Valenzani, 2007)

Fruto talvez da influência helenística, o forum inicia um processo de regularização formal e especialização funcional, constituindo-se gradualmente como um espaço encerrado, coeso e uniforme, reservado às funções judiciais, administrativas, religiosas e de representação do poder.

O ponto de partida para a concepção e propagação de um novo conceito de forum estará na construção do *Forum Iulium* perto 44 a.C. . Reconhece-se no entanto que existe claramente um conjunto de importantes precedentes noutros *fora* itálicos ou inclusive na construção do *Theatrum Pompeium* em 55 a.C., que terão contribuído significativamente para a formação e consolidação de uma nova concepção espacial unitária de forum. O *Forum Iulium*, destaca-se do conjunto de *fora* anteriores pela sua clareza formal e principalmente por excluir todas as actividades comerciais do seu interior. Caracteriza-se como um espaço público solene dedicado exclusivamente a funções cívicas, com uma forma coesa e unitária, constituída por uma praça rectangular rodeada por um pórtico em três lados, com o templo colocado sobre um dos lados menores. Esta nova disposição unitária apresenta um grande contraste com a diversidade de edifícios e de funções existente no espaço republicano seu predecessor²⁷.

Em 2 a.C. Augusto constrói o seu forum num espaço fronteiro ao espaço do forum de César, desenvolvendo e consolidado o mesmo modelo numa escala mais grandiosa. O forum de Augusto mantém, tal como o forum de César, um espaço fechado e unitário de representação solene do poder, no qual se reverenciavam os principais cidadãos que haviam contribuído para a grandeza de Roma. Uma das características mais interessantes e inovadoras do forum de Augusto é a existência de duas grandes *exedras*²⁸, semicirculares e laterais aos pórticos, destinadas provavelmente a abrigar funções culturais ou judiciais. A descoberta recente de outro hemicíclo de dimensão ligeiramente inferior na área sul do forum levanta a possibilidade da existência de uma estrutura idêntica no lado oposto e por conseguinte de um plano semelhante ao do forum de Trajano. A existência de mais dois hemicíclos e a forte semelhança entre os dois *fora* poderá ainda indicar que existiria também uma basílica no lado Sul do forum de Augusto, confirmando-o como a origem do modelo de forum tripartido, composto por templo, praça porticada e basílica, que viria a ser reproduzido em várias cidades no período imperial²⁹.

²⁷ ROMA, S. A. D. 2004. *Archaeological guide to Rome*, Roma, Electa. pp. 131-144.

²⁸ *Exedras* – Estruturas semicirculares semelhantes a absides ou hemicíclos existentes na arquitectura romana. Comuns em foruns ou basílicas, possuem por regra funções administrativas ou judiciais.

²⁹ ROMA, S. A. D. 2004. *Archaeological guide to Rome*, Roma, Electa. pp. 134-144.

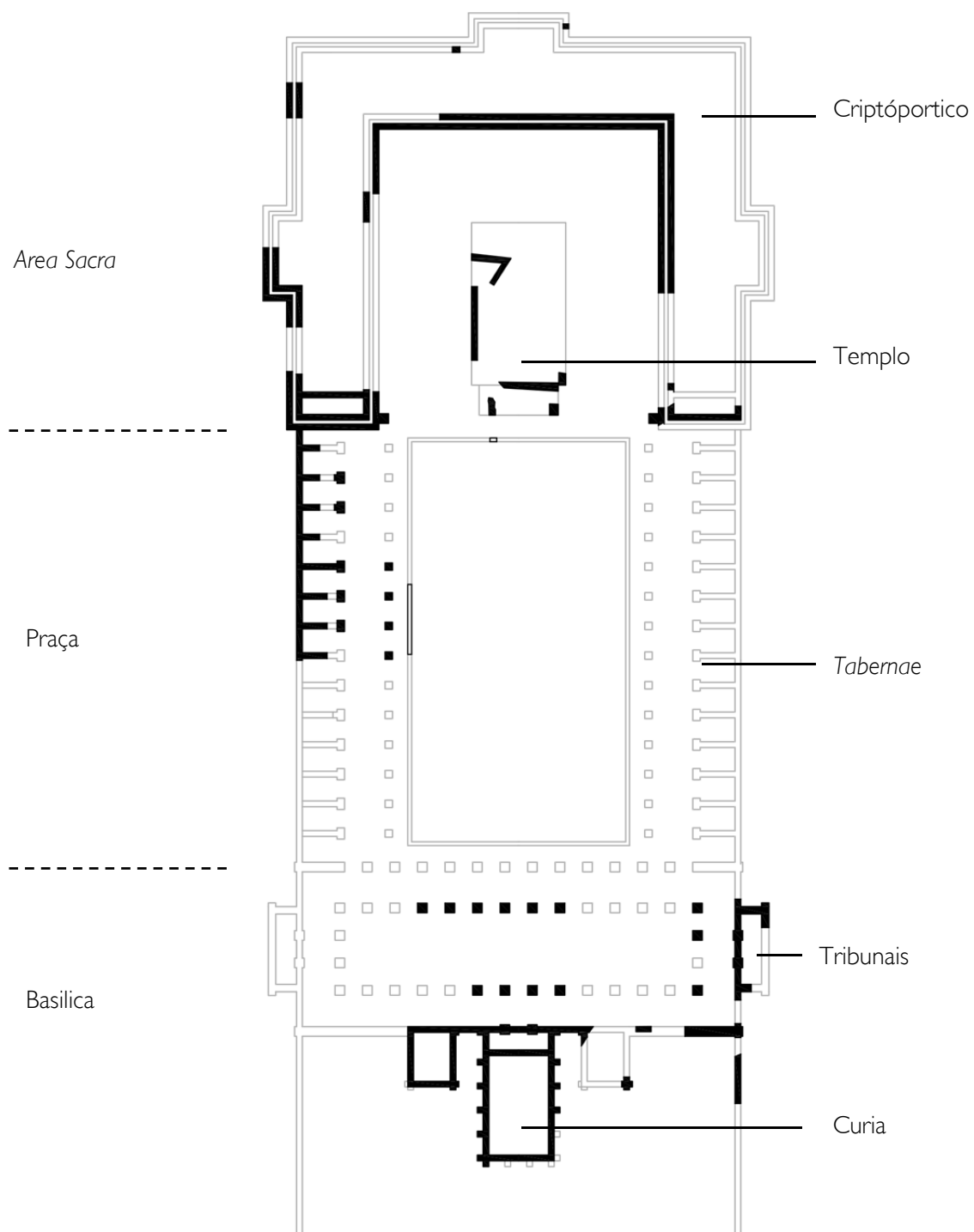


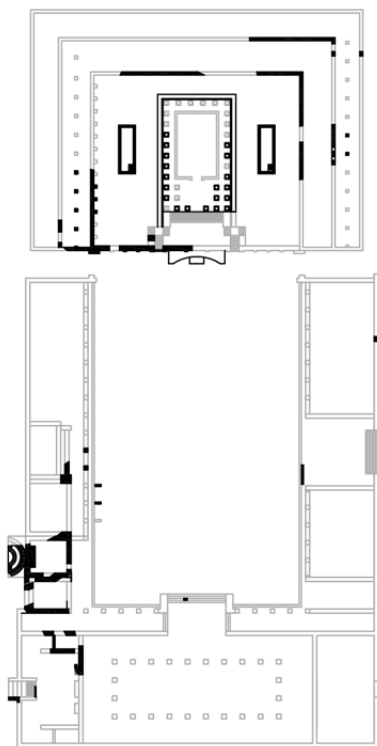
Figura 29 - Forum Tripartido (Feurs)
 Pedro Martins, adaptado de (Valette and Guichard, 1991)

O modelo dos foruns imperiais em Roma irá influenciar a criação de um novo modelo tipológico que será seguido por vários foruns construídos nas províncias. Este modelo, denominado de “forum tripartido”, resulta da colocação de três elementos fundamentais: Templo, Praça e Basílica. Estes elementos são colocados de forma axial, num espaço fechado, concebido como uma unidade arquitectónica, em que os seus vários componentes se articulam de forma coesa e harmoniosa.

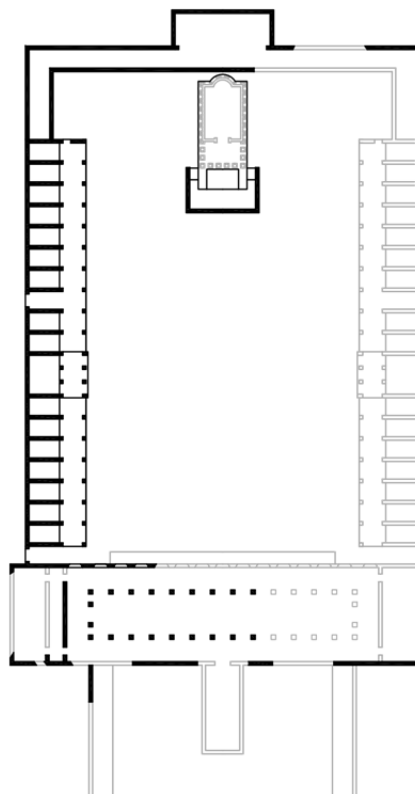
Os templos situam-se por regra de forma isolada no interior de um espaço elevado em relação à praça do forum, rodeado e encerrado por um pórtico construído sobre uma grande fundação ou criptopórtico. O espaço ocupado pelo templo e pelo seu pórtico fechado tem a denominação de “*area sacra*” ou “*temenos*”. A *area sacra* situa-se num dos lados menores da praça do forum, coincidindo por regra com o local topograficamente mais elevado da cidade e por conseguinte mais sagrado. Esta disposição permitiria ao templo presidir sobre todo o espaço urbano, de forma semelhante à Ágora de Atenas ou ao Capitólio em Roma.

A praça do forum adopta por regra uma forma rectangular de 2x3, situando-se num dos lados menores a *area sacra* com o templo e no lado oposto a basílica. Os lados maiores teriam amplos pórticos, nos quais se situariam as restantes funções do forum, tais como as *tabernae*, a *cúria* ou o *erarium*. A praça poderia ser atravessada por vias, no local de articulação com o espaço do templo ou da basílica. O espaço central da praça seria ocupado por estátuas, inscrições e altares, constituindo um espaço de exibição pública de poder e prestígio.

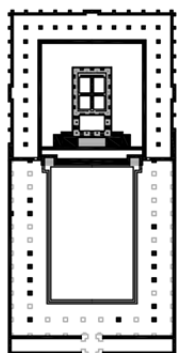
A basílica situa-se em oposição axial ao templo, num dos lados menores da praça. Dado que o templo procura ocupar o espaço mais elevado, a basílica coloca-se geralmente no extremo oposto do declive e por conseguinte no local topograficamente mais baixo. A basílica é o edifício que está na génese do desenho das igrejas cristãs, adoptando uma forma muito semelhante, composta por uma nave central ampla, separada por colunas de duas naves laterais menores. A basílica poderia ser ocupada por várias funções dispostas em divisões anexas ao espaço central. Duas funções em particular procuram situar-se no interior da basílica, a *cúria* e os tribunais. Os tribunais funcionariam nos extremos da nave central, ocupando por vezes espaços semicirculares (*exedras*) semelhantes a absides. A *curia* ocupa frequentemente um espaço central, perpendicular à nave central alinhado com o eixo da praça.



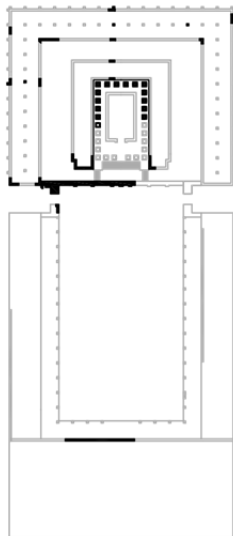
Forum de Mérida
(Vélez et al., 2009)



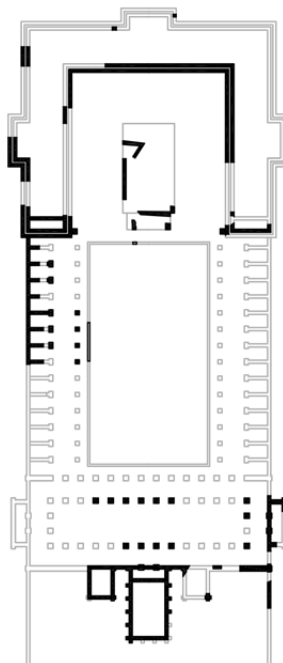
Forum de Clúnia
P. de Palol (Gros, 1996)



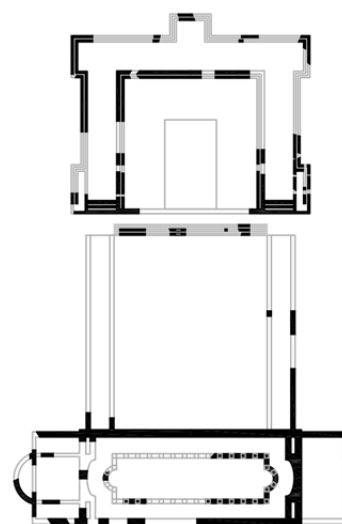
Forum de Condeixa
(Alarcão and Etienne, 1977)



Forum de Évora
(Hauschild, 2010)

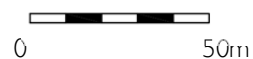


Forum de Feurs
(Valette and Guichard, 1991)



Forum de Nyon
(Santos, 2006) e (www2.rgzm.de)

Figura 30 - Comparação entre vários foruns romanos
Pedro Martins



Nas províncias, os *fora* locais tendem a reflectir a aplicação dos modelos imperiais de forum tripartido. No entanto, vários *fora* edificadas em época republicana ou no início da época imperial apresentam ainda uma configuração próxima dos modelos de forum arcaicos, com espaços irregulares e fragmentados. Estes *fora* são frequentes nas cidades que desde cedo tiveram uma forte presença romana, sendo posteriormente, já em época imperial, monumentalizados, mantendo a sua configuração original, ou reformulados de modo a reflectirem o modelo de forum tripartido.

A construção do forum nas províncias está associada a reorganizações ou promoções de estatuto jurídico e municipal das cidades. Enquanto centros monumentais, os *fora* procuram reflectir ou acompanhar a evolução da importância da cidade no panorama regional. Deste modo a profunda reorganização territorial promovida por Augusto com a criação da província da Lusitânia, assim como de vários conventos, corresponde à construção da maioria de *fora* conhecidos em território nacional, sendo as sucessivas promoções municipais ocorridas em épocas posteriores, motivo para a beneficiação ou reformulação dos *fora*.

A evolução do forum de Condeixa-a-Velha (Conímbriga) reflecte a evolução provavelmente ocorrida em outros recintos forenses. O primeiro forum teria sido construído em época Augustana, sendo um edifício de modestas dimensões. Este edifício teria sido melhorado em época Cláudia com a construção de uma basílica e de uma cúria, sendo completamente reformulado em época Flávia como consequência da atribuição do estatuto municipal à cidade. A reformulação teria demolido o forum Augustano, construindo-se como consequência um novo e maior complexo monumental. Este novo forum aproxima-se da forma dos *fora* tripartidos, ainda que tendo apenas a função religiosa³⁰. As restantes funções do forum (basílica, cúria, etc.) terão sido transferidas para um novo espaço ainda por descobrir.

³⁰ CORREIA, V. H. 2009. Os Espaços Forais de Conímbriga. *Anejos de AESPA Santuarios, oppida y ciudades: arquitectura sacra en el origen y desarrollo urbano del Mediterráneo Occidental*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida.

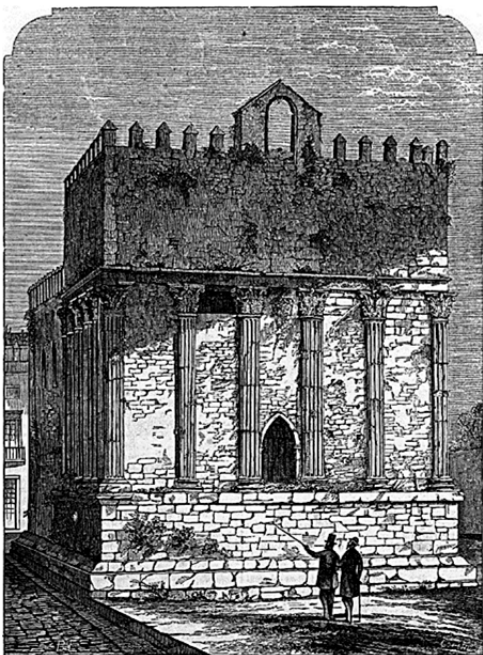


Figura 31 - Templo de Diana numa Ilustração de 1865
autor desconhecido (www.wikipedia.org)

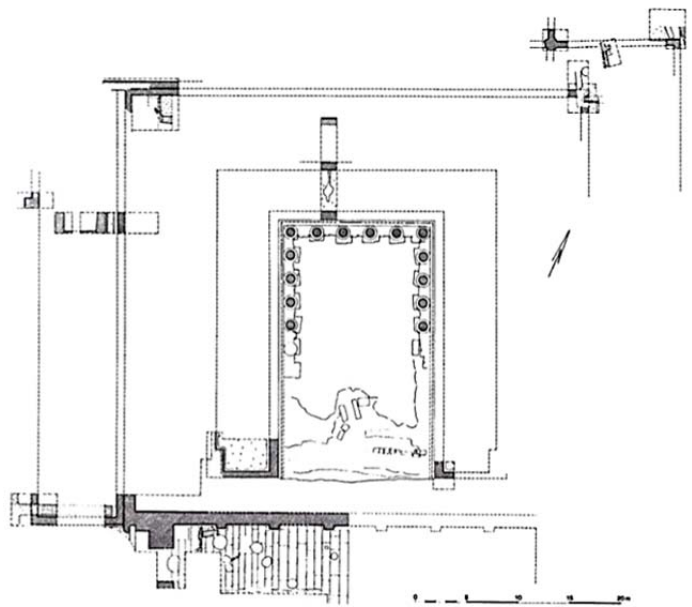


Figura 32 - Vestígios arqueológicos no Templo de Diana
Hauschild (Hauschild, 2001)



Figura 33 - Évora - Tecido Edificado
JLCG Arquitectos

Forum de Évora

O templo romano de Évora, conhecido como “Templo de Diana” a partir do séc. XVIII, localiza-se no centro de Évora no topo da colina onde se situa a cidade, permitindo supor a existência de um forum com uma posição privilegiada de destaque em relação aos restantes edifícios públicos. O edifício é um dos melhores preservados da península como consequência de ter mantido um uso continuado ao longo dos séculos, passando de reduto fortificado a casa da inquisição e finalmente a açougue³¹.

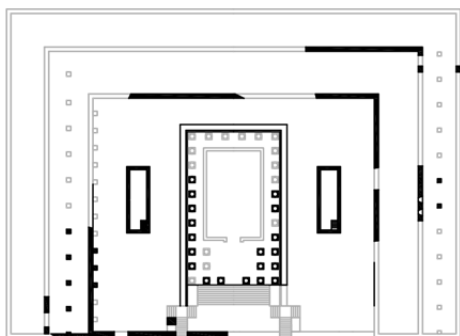
Partindo da localização do “Templo de Diana”, assim como pela análise da morfologia dos edifícios envolventes, podemos com segurança estimar que o espaço do forum romano corresponderia ao Largo Conde Vila Flor. No entanto apenas através das escavações realizadas a partir do final dos anos 80 foi possível confirmar a sua localização, e traçar de um modo esquemático a forma do conjunto forense de Évora. As escavações realizadas de forma sistemática em torno do Templo, no Largo Conde Vila Flor e no interior do Museu de Évora, trouxeram á luz vários elementos importantes sobre a composição formal do forum na área imediatamente envolvente ao templo romano, permitindo com alguma segurança enquadrar o forum de Évora no modelo tipológico de “Forum Tripartido” com uma configuração muito próxima do forum de Mérida. Do conjunto de resultados das escavações destacamos os seguintes elementos de proximidade tipológica com outros *fora*:

A existência de um amplo tanque da água em “U” envolvendo o edifício por 3 lados, deixando apenas a fachada livre, sendo sem dúvida semelhante, embora mais elaborado, aos 2 tanques existentes simetricamente nas laterais do templo de Mérida e muito similar ao tanque recentemente descoberto no templo romano de Beja³². O criptopórtico, também em “U” em redor do templo, ergueu-se provavelmente como suporte para uma colunata de remate da *area sacra* do forum, mais uma vez com claros paralelos em vários outros recintos forenses, destacando-se pela proximidade Mérida e Condeixa³³.

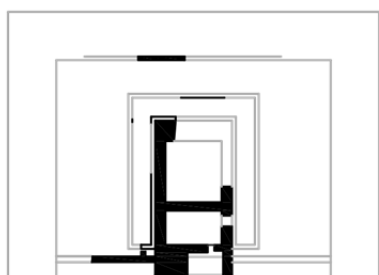
³¹ HAUSCHILD, T. 1991. El Templo Romano de Évora. *Cuadernos de Arquitectura Romana*. Murcia: Universidad de Murcia.

³² LOPES, M. D. C. 2010. O recinto Forense de Pax Iulia (Beja). *Studia Lusitana 4 - Cidade e foro na Lusitânia Romana*. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano.

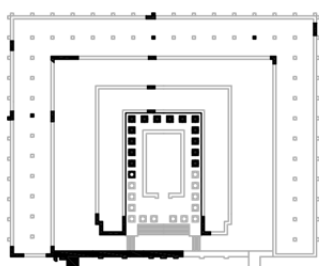
³³ HAUSCHILD, T. Ibid. Algumas observações nas construções do foro de *Ebora Liberalitas Iulia*. Badajoz: Junta de Extremadura.



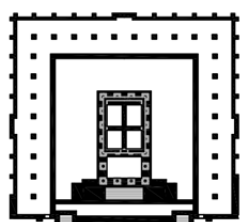
Mérida
(Vélez et al., 2009)



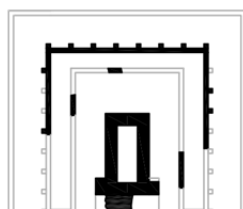
Beja
(Lopes, 2010)



Évora
(Hauschild, 2010)



Condeixa-a-Velha
(Alarcão and Etienne, 1977)



Idanha-a-Velha
Pedro Martins



Figura 34 - *Areas Sacras* de foruns lusitanos
Pedro Martins

O muro decorado com pilastras, fazendo a separação entre a “Área Sacra” e a praça do forum a uma cota ligeiramente inferior, criaria uma *Rostra* (plataforma de oradores) na fachada do templo, sendo o acesso ao mesmo realizado através de escadarias laterais³⁴.

A diferença existente no intercolúnio das colunas do alçado posterior do templo com 2.60m, e os 2,25 no intercolúnio dos alçados laterais, poderá resultar da existência de vão superior central existente nas colunas da fachada do templo. Esta configuração desenharia uma composição semelhante á do templo de Mérida, com um grande intervalo nas duas colunas centrais directamente em frente á entrada na *cela* do templo, sendo que no alçado posterior as colunas foram colocadas com um intervalo ligeiramente superior de modo a obter uma leitura uniforme do conjunto³⁵.

Por outro lado, a descoberta de uma entrada monumental entre a área sacra e a praça do forum terá também paralelo com o forum de Mérida, no qual existe um conjunto de quatro acessos monumentais entre a área sacra e a praça, assim como, entre a basílica e a praça³⁶.

Finalmente, a confirmação de que a praça do forum se prolonga desde a fachada do templo até á zona da Sé, com a descoberta de secções do pavimento do forum na zona Norte do cruzeiro e no interior do museu municipal, aproxima-o da regra para o espaçamento da praça do forum enunciada por Vitruvio, segundo a qual a praça deve obedecer a uma proporção de dois módulos de largura para três de comprimento³⁷.

Este conjunto de elementos formais permitem enquadrar o forum de Évora no grupo tipológico dos *fora* tripartidos, seguindo, de um modo próximo, o modelo do forum de Mérida ainda que numa escala mais reduzida.

³⁴ Ibid.

³⁵ HAUSCHILD, T. 1991. El Templo Romano de Évora. *Cuadernos de Arquitectura Romana*. Murcia: Universidad de Murcia.

³⁶ HAUSCHILD, T. 2010. Algumas observações nas construções do foro de *Ebora Liberalitas Iulia*. *Studia Lusitana 4 - Cidade e foro na Lusitânia Romana*. Badajoz: Junta de Extremadura.

³⁷ Ibid.

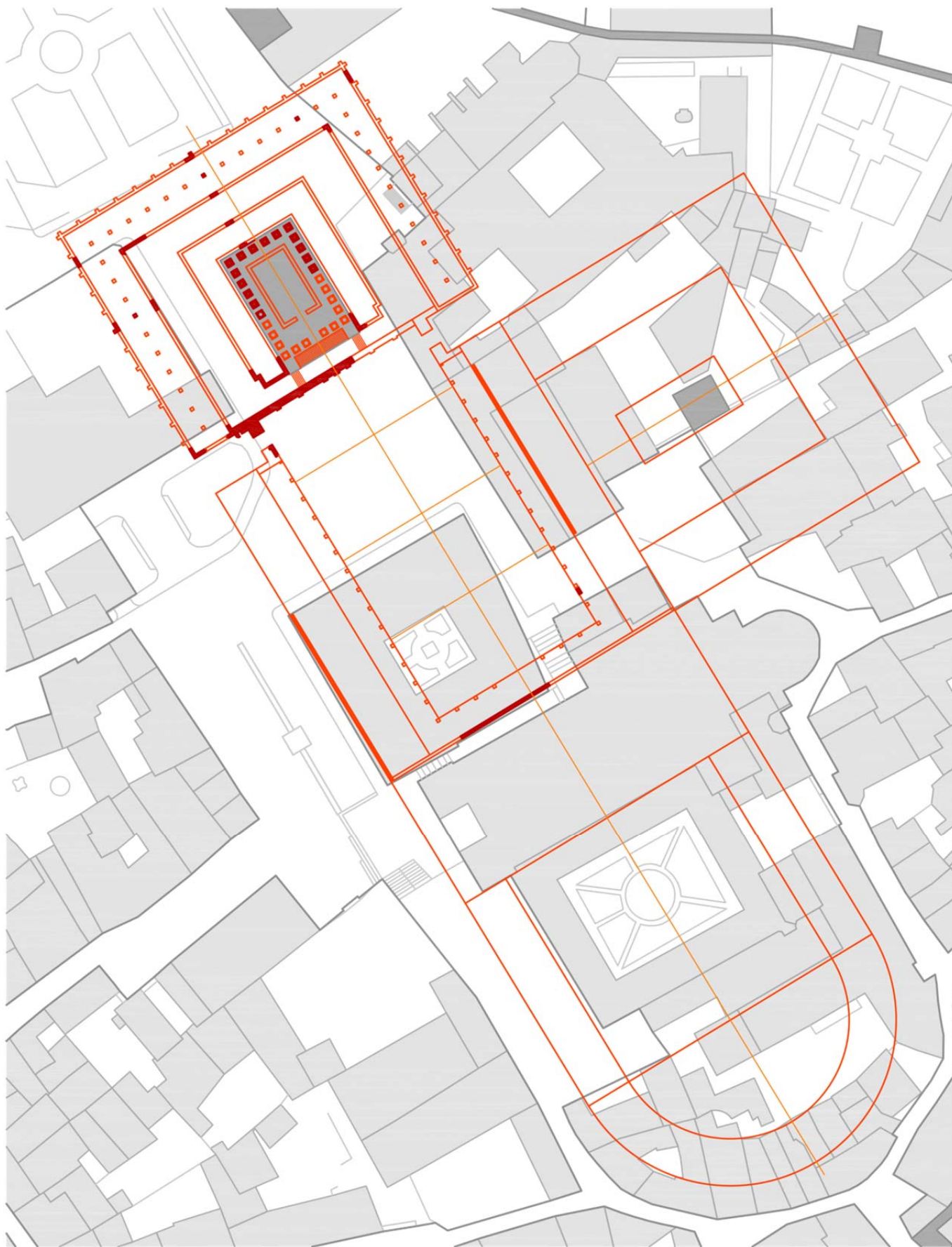


Figura 35 - Forum de Évora, escala 1/1000
Pedro Martins

Observando a morfologia do Largo Conde Vila Flor e utilizando o registo dos vestígios arqueológicos conhecidos, bem como, inferindo os restantes componentes do forum com base nas tipologias conhecidas, constata-se de forma notória como a trama envolvente se adequou às estruturas pré-existentes e absorveu partes do forum, preservando-as no tecido edificado da cidade. No entanto, esta leitura torna-se particularmente relevante ao considerar outras componentes do tecido que não necessariamente as do recinto do forum, permitindo antever várias estruturas que seguem a mesma lógica espacial, fazendo provavelmente parte do mesmo conjunto edificado. Partindo desta análise do conjunto de estruturas envolventes ao recinto estimado do forum, a morfologia urbana das zonas a Este e a Sudoeste do recinto principal parecem também fazer parte do recinto do forum.

A Sudoeste, a parede Sul do actual museu de Évora foi sido construída sobre um forte muro que marca provavelmente o remate da área ocupada pela plataforma da praça porticada do forum. Continuando para Sudoeste, encontramos uma sucessão de plataformas ocupadas pela Sé e pelo seu claustro. Na generalidade dos *fora* tripartidos, a praça central rectangular é rematada em ambos os lados menores, com a área sacra e o templo sobre um lado, e a basílica no lado oposto, Seguindo este modelo tipológico e analisando as dimensões da plataforma ocupada pela Sé, podemos com alguma segurança estimar que neste espaço estaria situada a basílica romana. De facto, a comparação do espaço onde se situa a Sé com os espaços ocupados por várias basílicas romanas, deste tipo de forum, apresenta uma semelhança notória, sendo mais um forte indício de que estamos perante o espaço ocupado pela basílica do forum romano de Évora. O claustro da Sé de Évora fará também parte do mesmo conjunto monumental definido pelo forum, tendo talvez paralelos nas situações em que a basílica se expande sobre o lado oposto à praça, através da colocação da Curia ou de outros edifícios, articulados com eixo da praça e do templo, e rodeando-se esta segunda área por outro póstico, que resultaria numa situação em que a basílica funciona como um diafragma entre dois pórticos.



Figura 36 - Fotografia aérea do espaço envolvente à sé de Évora
(Thundershead - www.flickr.com)

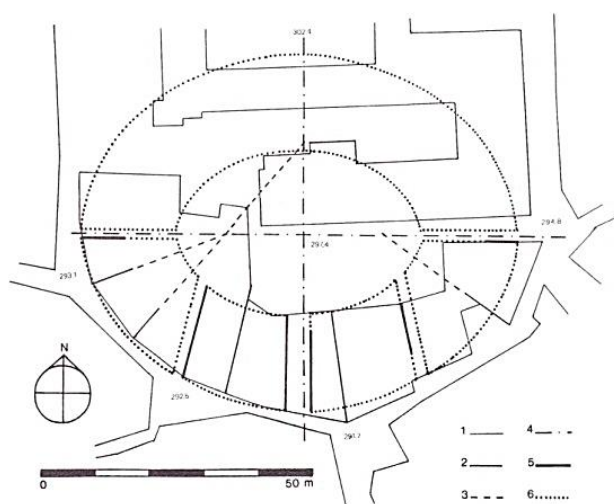


Figura 1. Anfiteatro romano de Évora (1: Construções actuais; 2: Muros radiais do quarteirão;
3: Prolongamentos geométricos; 4: Eixos do anfiteatro; 5: Muros atribuídos à estrutura do anfiteatro;
6: Reconstituição das estruturas do anfiteatro.

Figura 37 - Hipótese de implantação do anfiteatro de Évora
Hipólito Correia (Correia, 1992b)

O remate Sudoeste desta hipotética segunda praça porticada desenha uma grande semicircunferência com o seu centro alinhado pelo mesmo eixo do forum romano a Norte, o que parece confirmar que a origem da sua forma é comum ou complementar ao forum. Vários autores procuraram responder à origem desta curiosa forma. Alarcão considera-a como a possível localização do teatro romano, no entanto, a pendente da colina nesta zona tem precisamente a orientação oposta ao declive natural da *cavea* de um teatro, invalidando esta hipótese³⁸.

Segundo Virgílio Correia, a geometria elíptica de um anfiteatro é a que corresponde de forma mais adequada à morfologia dos arruamentos presentes na actualidade, no entanto, alguns elementos parecem indicar que a estrutura poderá ter outra génese. O argumento topográfico utilizado por Hipólito Correia pode também ser considerado para questionar a hipótese da implantação de um anfiteatro, uma vez que, de um modo geral, nas situações em que anfiteatros são construídos sobre declives, a estrutura ou se situa no fundo de um vale aproveitando as duas encostas para o suporte da *cavea* (Mérida, Santiponce, Condeixa-a-velha) ou, mais frequentemente, tira partido de uma pendente para suportar metade da *cavea*, implantando a arena e o resto do edifício em terreno relativamente plano. A construção a meio da encosta, como proposto por Virgílio Correia, eliminaria os custos da implantação de metade da *Cavea* sobre a colina, mas traria por outro lado custos acrescidos em obras de aterro e de suporte para a construção da outra metade da estrutura contra a pendente. No caso de o anfiteatro ter sido construído neste local seria certamente necessário recorrer a fortes estruturas de suporte e embasamento que por norma deixam marcas no tecido da cidade, sendo que nesta situação as mesmas parecem estar ausentes. Por outro lado as imponentes estruturas utilizadas como suporte das *caveas* de anfiteatros são, pela sua robustez, frequentemente utilizadas como apoio para a construção de muralhas de defesa em período tardio. No entanto, neste local a muralha parece acomodar-se, à colina contornado o perímetro curvo do limite do quarteirão a uma distância mínima de aproximadamente 20 metros.

³⁸ CORREIA, V. H. 1992b. O anfiteatro romano de Évora - notícia da sua identificação. *El Anfiteatro en la Hispania Romana* Mérida: Junta de Extremadura.

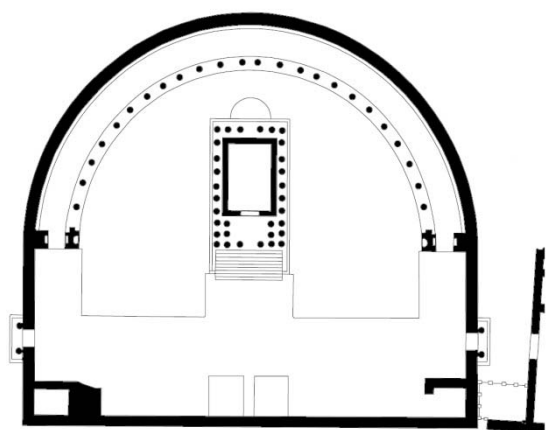


Figura 38 - Templo de Dea Caelestis em Dougga
C. Poinssot (Silva, 2007)

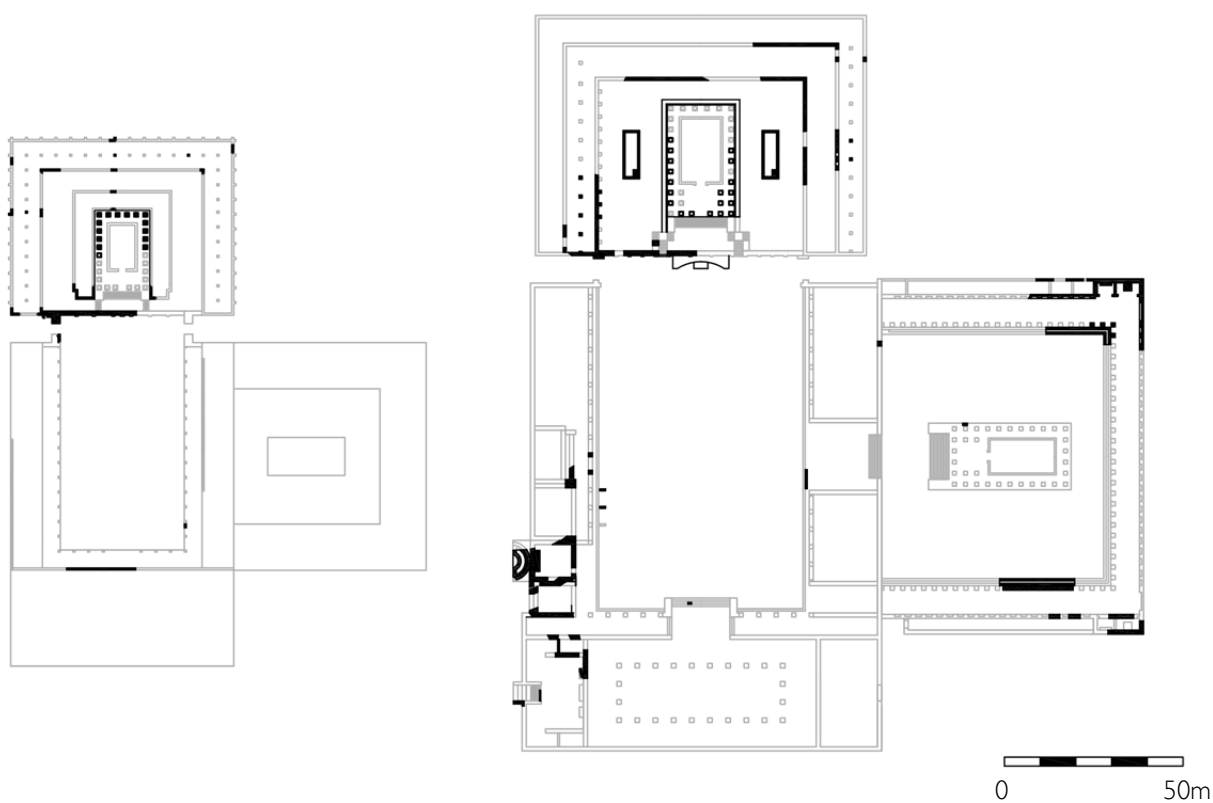


Figura 39 - Comparação entre o forum de Évora e Mérida apresentando as plataformas a Este
Pedro Martins

Os anfiteatros são geralmente edifícios com uma lógica de funcionamento, desenho e implantação autónoma fechada sobre si mesma e independente do restante tecido edificado, estando mais frequentemente ligada a questões de economia de recursos construtivos e por tanto topográficas, do que a lógicas de geometrias de conjunto. De facto, da pesquisa realizada, apenas o anfiteatro e forum de Amiens³⁹ obedecem a uma lógica coerente de conjunto, sendo os restantes localizados na envolvente próxima da cidade. A morfologia do tecido edificado nesta área parece estar mais próxima dos alinhamentos e dimensões do forum, não sendo evidente a presença de muros convergentes a 4 centros, frequentes na geração da forma elíptica presente na generalidade dos anfiteatros romanos. Existem no universo da arquitectura romana vários tipos de grandes estruturas semicirculares tais como exedras e pórticos curvos, que se enquadram mais adequadamente na lógica de conjunto fechado presente em Évora que um anfiteatro ou teatro. Deste modo propõe-se para este espaço um pórtico semicircular a uma cota inferior talvez articulado com a basílica do forum, ou com a presença eventual de uma cúria ou de um templo, com paralelo no Templo de Dea Caelestis em Dougga.

A morfologia urbana da zona a Este da praça do templo apresenta um conjunto de elementos que nas suas dimensões e alinhamentos indiciam a existência de um espaço pré-existente construído segundo o espaço principal do forum de Évora. De entre estes elementos destaca-se claramente a Torre de Sertório, situada no ponto de cota mais elevado da cidade, num alinhamento preciso com a linha mediana da praça do forum. Existe uma clara associação dos pontos topográficos mais elevados à implantação de templos ou outros santuários. Frequentemente os espaços de cota mais elevada nas cidades são ocupados pelos templos dos forums, no entanto no caso do forum de Évora o templo situa-se perpendicularmente ao ponto de cota mais elevado. Esta situação aparentemente invulgar tem no entanto paralelo com o forum de Mérida e de Ecija, ambos desenhados segundo o modelo de forum tripartido, seguindo a sequência axial de templo, praça e basílica, à qual foram posteriormente acrescentados novos templos perpendicularmente ao espaço principal. É assim possível prever a existência de outro espaço porticado no lado Este da praça, com um templo central que viria a ser mais tarde reutilizado como fundação para a construção da Torre de Sertório. Este segundo templo poderá ser a origem do friso dórico existente no Museu Municipal, que terá certamente pertencido a um segundo templo cuja localização permanece desconhecida.

³⁹ SANTOS, I. D. 2006. *A Basílica como elemento de urbanização na Gallia Comata no período de dominação romana*. Mestrado, Universidade de São Paulo. p. 231.

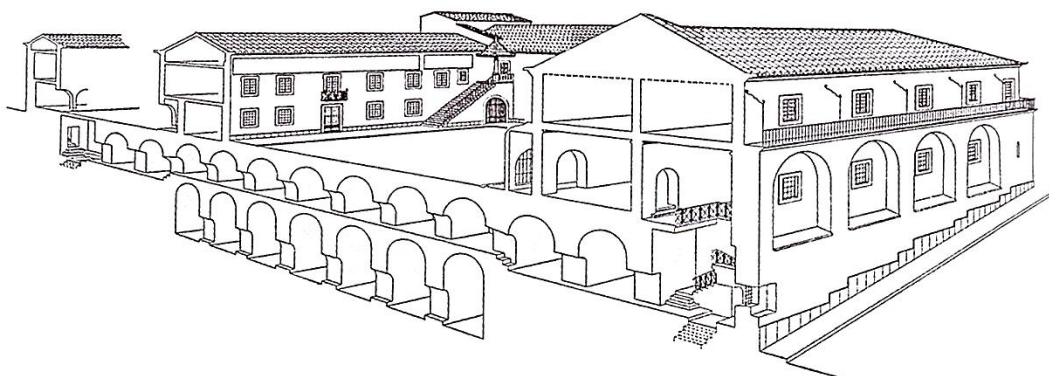


Figura 41 - Criptopórtico romano sob o Museu Nacional Machado Castro
Jorge de Alarcão (Alarcão, 2008a)

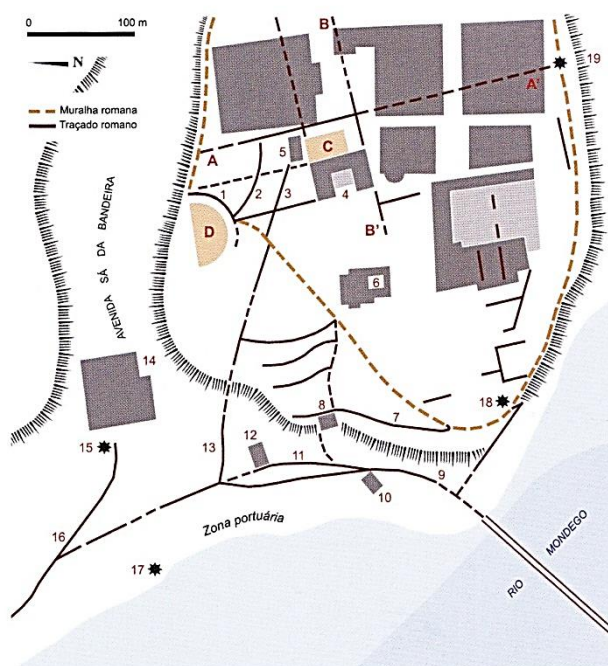


FIG. 29 – O urbanismo de Aeminium, segundo Vasco Mantas.

AA' *Cardo maximus* BB' *Decumanus maximus* C *Forum* D Teatro 1. Rua das Flores 2. Rua da Matemática 3. Rua do Loureiro 4. Criptopórtico 5. Igreja de S. Salvador 6. Sé Velha 7. Rua Fernandes Tomás 8. Porta de Almedina 9. Rua dos Gatos 10. Igreja de S. Bartolomeu 11. Praça Velha 12. Igreja de S. Tiago 13. Rua Velha 14. Mosteiro de Santa Cruz 15. *Porta Maurisca* (?) 16. Rua Direita 17. Igreja de Santa Justa (demolida) 18. Porta de Belcouce (demolida) 19. Porta da Traição (demolida)

Figura 42 - Urbanismo de Aeminium
Vasco Mantas (Alarcão, 2008a)

Forum de Coimbra

A descoberta do criptopórtico romano sob o Museu Machado Castro deu-se no início dos anos 30 após a tomada de posse de Virgílio Correia como director da instituição, tendo sido escavado entre 1955 e 1962 pela Direcção Geral de Monumentos e Edifícios. Nesta altura foi retirado grande parte do entulho que cobria o conjunto e reconstruíram-se parte das galerias, recuperando-se vários elementos escultóricos e arquitectónicos, entre os quais bustos, capitéis, fustes e entablamentos, que pela sua qualidade e excepionalidade contribuíram para a construção da hipótese de que se tratava do provável local de implantação do forum romano da cidade de Coimbra⁴⁰.

Vasco Mantas realiza um esboço da situação urbana envolvente ao monumento, situando o forum no espaço Norte do criptopórtico e propondo um conjunto de arruamentos ortogonais que partilhavam a mesma orientação do forum.

No entanto, apenas através das descobertas decorrentes das obras recentes de renovação do Museu Machado Castro de 1992 a 2008, foi possível compreender de um modo mais preciso tanto a arquitectura como a cronologia provável do edifício romano que se erguia sobre o criptopórtico em que se viria a localizar o paço episcopal de Coimbra, mais tarde convertido no Museu Machado Castro.

Em relação á análise do criptopórtico, os vários trabalhos publicados pelo arqueólogo Pedro Carvalho, que dirigiu as escavações entre 1992 e 1998, são uma referência essencial para a compreensão e interpretação da estrutura.

Das escavações realizadas concluiu-se como um dos mais importantes resultados o facto de se constatar que o monumento, resulta de duas grandes fases de construção no período romano: a primeira durante a época de Augusto (27 a.C. – 14 d.C.), coincidindo com uma primeira grande reforma administrativa que daria origem á província da Lusitânia, e a segunda durante a época de Cláudio (41 – 54 d.C.)⁴¹

⁴⁰ CARVALHO, P. 1998. *O Forum de Aeminium*, Instituto Português de Museus.

⁴¹ CARVALHO, P., ALARCÃO, J. D., ANDRÉ, P., BARRELAS, P., SANTOS, F. P. D. & SILVA, R. C. D. 2009. *O Forum de Aeminium - A busca do desenho original*, Coimbra, Instituto dos Museus e da Conservação.

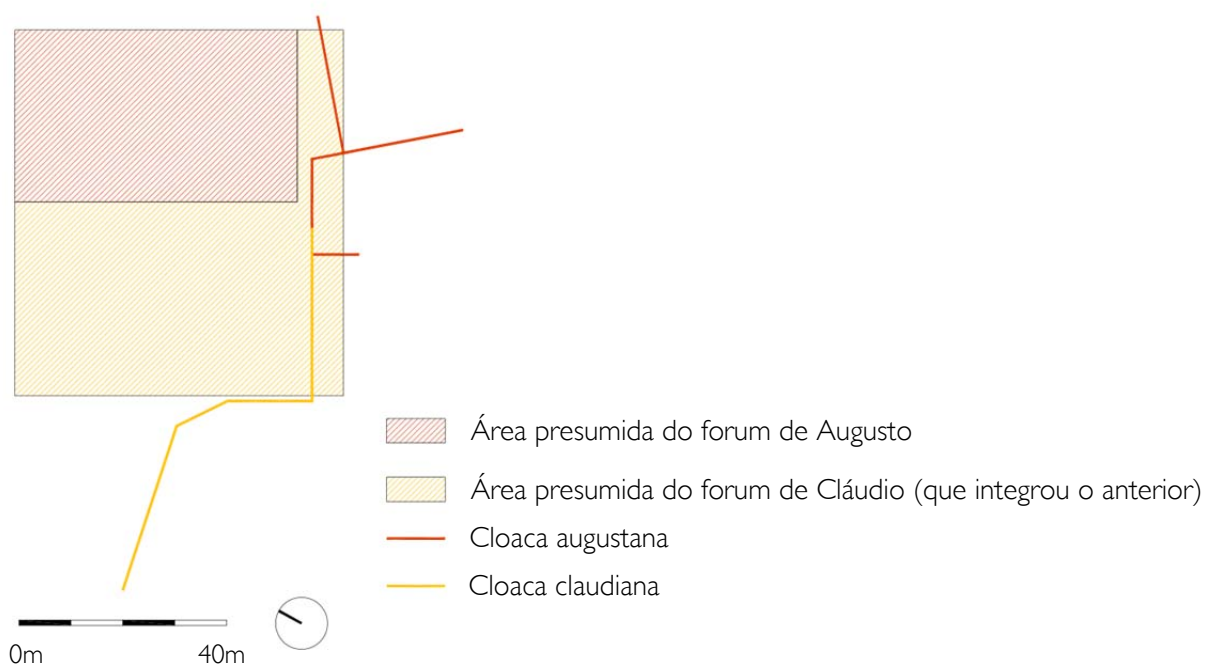


Figura 43 - Área presumida do fórum de Augusto e do fórum de Cláudio
 Pedro Martins, adaptado de Pedro Carvalho (Carvalho et al., 2009)

Do primeiro forum de Augusto existem apenas pequenos indícios. No entanto, parece ter-se desenvolvido a Este do criptopórtico, sobre a colina, com uma ampla praça rodeada por pórticos e rematada a Oeste por uma galeria subterrânea, sobre a qual se implantaria uma colunata com vista cénica sobre a cidade, situação provavelmente semelhante à presente *lóggia* que data fins do séc. XVI. A descoberta de vários elementos arquitectónicos da época de Augusto nas fundações da construção de Claudio confirma a destruição, pelo menos parcial, do edifício anterior. Teriam porém, sido preservados vários elementos do forum Augustano, tendo a sua praça sido provavelmente reformulada e integrada no novo edifício. Dos elementos do forum Augustano preservados, destaca-se a galeria nascente, mais tarde integrada no monumento de Cláudio, que a incorporou e expandiu num novo e complexo conjunto de galerias. Estas foram construídas de forma a criar uma ampla e sólida plataforma artificial para vencer o acentuado declive da zona, sobre a qual, segundo Pedro Carvalho, se edificaria o novo forum de época Claudia. A grande imponência e solidez desta estrutura construída viria a garantir a sua manutenção de forma contínua no tecido da cidade de Coimbra.

O conhecimento construtivo e cronológico que temos do criptopórtico é relativamente detalhado. Por contraste, a respeito das estruturas que sobre ele se erguiam, não existem elementos que nos permitam conhecer a sua forma com segurança. Não nos será impossível imaginar a sua provável configuração, pois subsistem hoje elementos suficientes para propor uma hipótese que reconstrua de forma conjectural a configuração do forum romano de Coimbra. Esta hipótese terá que partir em primeiro lugar da análise detalhada do criptopórtico, em segundo lugar da correcta interpretação dos fragmentos arquitectónicos encontrados, em terceiro lugar do enquadramento e comparação com as tipologias edificativas semelhantes conhecidas, e finalmente da análise detalhada da morfologia urbana envolvente, anterior às demolições efectuadas durante o Estado Novo.

A imagem mais detalhada que temos do edifício resulta da interpretação realizada por Pedro Carvalho em “O Forum de Aeminium”. O autor analisa em detalhe a planta do criptopórtico como um reflexo dos edifícios que teriam sido construídos sobre o mesmo, “sendo como que o prolongamento das fundações desses mesmos edifícios”⁴².

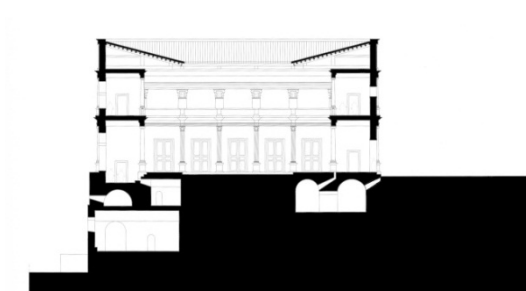
⁴² CARVALHO, P. 1998. O Forum de Aeminium, Instituto Português de Museus. p. 185.



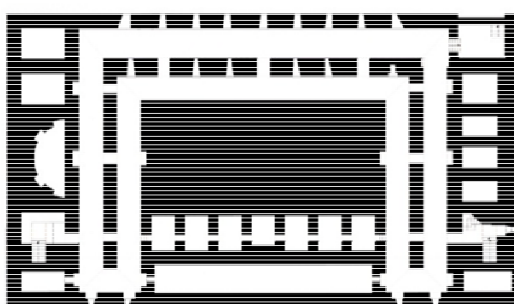
Secção transversal hipotética do forum Augustano



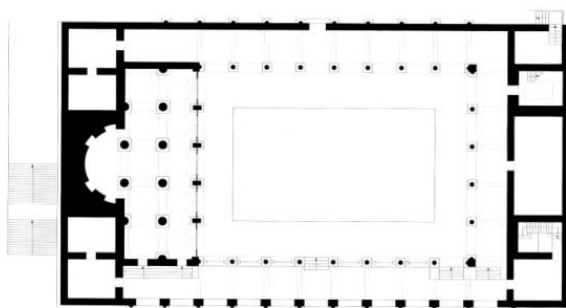
Planta hipotética do forum Augustano



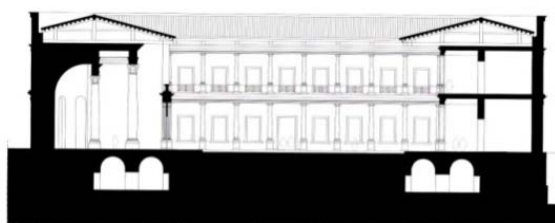
Secção transversal hipotética do forum Cláudio



Planta do criptopórtico



Planta hipotética do forum Cláudio



Secção longitudinal hipotética do forum Cláudio

Figura 44 - Plantas e Cortes do forum de Augusto e Cláudio, segundo Pedro Carvalho
Pedro Martins, adaptado de Pedro Carvalho (Carvalho et al., 2009)

“Esta proposta de restituição do complexo forense resulta basicamente da aplicação de um sistema modular fundamentado no posicionamento axial da estrutura absidal, definindo o eixo longitudinal e estruturador do conjunto monumental, e na estreita relação estabelecida entre a disposição dos diversos elementos construtivos do forum e a estrutura do criptopórtico.”...

...“O forum nas províncias ocidentais nos inícios do Império adopta um esquema básico caracterizado pela combinação de três elementos fundamentais: a praça, o templo e a basílica. Estes dispõem-se de uma forma regular e equilibrada, formando uma unidade arquitectónica harmoniosa que resulta do princípio de espaço fechado e interiorizado característico dos *fora* imperiais.”⁴³.

Deste modo, através da leitura da planta do criptopórtico considerado como a fundação do edifício sobre si construído, do seu enquadramento e comparação com os modelos tipológicos conhecidos para os *fora* imperiais nas províncias ocidentais, Pedro Carvalho constrói a sua hipótese para o aspecto provável do forum Cláudio, de Coimbra como sendo um edifício construído sobre a totalidade do criptopórtico, adoptando um modelo fechado, com pórticos de dois andares rodeando os três lados de uma praça central aberta, com a proporção de duas vezes a largura por três vezes o comprimento, conforme definido por Vitruvio. Nos lados menores da praça as escavações realizadas verificaram a existência de vários pequenos compartimentos, sendo os dois compartimentos centrais de cada lado da praça alinhados pelo eixo da mesma, de maiores dimensões que os restantes, tendo sido um deles adaptado durante a construção para uma forma semicircular, talvez uma possível *exedra*, elemento frequente nas basílicas romanas. Este facto levou o autor a propor para esta zona do forum a hipótese de se situar uma pequena basílica de duas naves, ocupando um dos lados menores da praça de modo semelhante ao modelo tipológico de forum tripartido. Da hipótese de Pedro Carvalho destaca-se a ausência de um templo no conjunto edificado, o que segundo o autor se justifica através da comparação com outras tipologias de *fora* nos quais é frequente não se verificar a presença de um templo, como de que são exemplos, vários *fora* do Norte da Europa tais como Silchester ou Caerwent⁴⁴.

⁴³ Ibid. p. 188.

⁴⁴ Ibid. p. 189

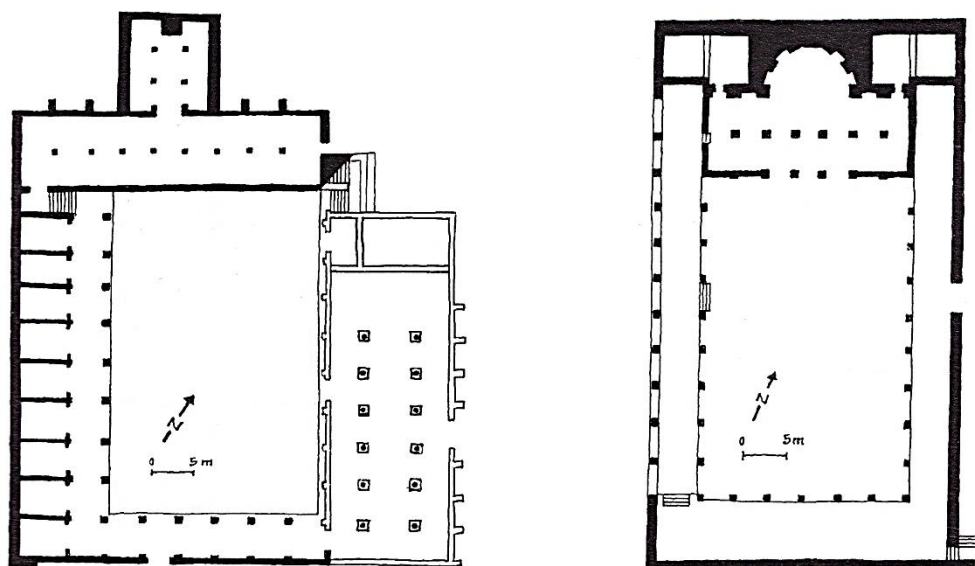


Figura 45 - Comparação entre o forum de Condeixa e Coimbra
 Pedro Carvalho (Carvalho et al., 2009)

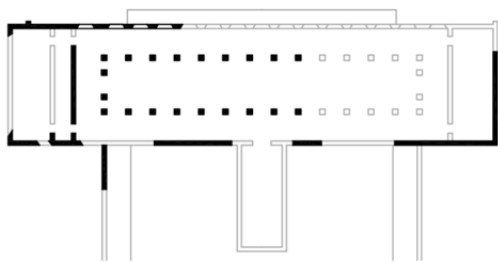
Analizando a hipótese de Pedro Carvalho, a primeira questão que pode ser considerada é a dimensão do forum, que, com aproximadamente 37x64 metros, nos parece excessivamente reduzida⁴⁵. O forum é comparado nas suas dimensões e morfologia com o forum de Condeixa-a-Velha. No entanto, esta comparação entre o forum Cláudio de Coimbra (Aeminium) com o forum Augustano de Condeixa (Conimbriga) deve ser efectuada com algum cuidado, uma vez que estamos a comparar realidades temporais e talvez de hierarquia municipal diferentes. O primeiro forum de Condeixa representa o “modelo republicano”⁴⁶, relativamente arcaico e com dimensões manifestamente reduzidas, que inclusive poderão ter estado na origem da sua desmultiplicação num outro forum de cariz municipal já em fase Flávia. Coimbra, como sede de Civitas já em período de Augusto, deve ter sido equipada com um forum de dimensão superior ao forum de Condeixa. De facto, os vestígios do limite poente deste forum Augustano, como já foi referido, foram encontrados na área nascente do criptopórtico.

Como é referido por Pedro Carvalho, o forum de Augusto não teria sido certamente destruído por completo para a construção do novo forum Claudio. Se a intenção dos construtores era a de em época Claudia edificar um novo forum, porque não o implantar noutro local da cidade mais favorável (como em Condeixa-a-Velha)? Porquê recorrer a tão dispendiosas obras num imenso criptopórtico construindo depois um forum com uma dimensão tão reduzida, e do qual parecem estar ausentes um conjunto de funções essenciais como o templo, a cúria e as *tabernae*. Será que toda esta impressionante obra de engenharia resulta num forum onde apenas teríamos uma pequena basílica? De facto esta pode ser a resposta para a natureza do criptopórtico, mais do que um pequeno forum com uma basílica, o que teríamos em Coimbra é a impressionante fundação para uma grande basílica, de um forum ainda por descobrir.

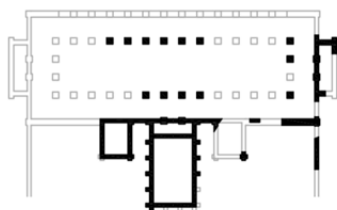
A renovação promovida no período Cláudio não poderia ter sido feita sacrificando por completo o forum Augustano, com toda a carga simbólica que decerto teria. Pelo contrário, este foi certamente integrado na renovação que, em vez de efectuar a construção de um espaço novo, procurou melhorar e adaptar o espaço pré existente, mantendo deste modo todas as restantes funções do forum Augustano noutros locais ainda por escavar.

⁴⁵ ALARCÃO, J. D. 1988a. *Roman Portugal Volume II The Gazetteer fasc 2*, Aris & Phillips. p. 98.

⁴⁶ CORREIA, V. H. 2010. O forum de Conimbriga e a evolução do centro urbano. *Studia Lusitana 4 - Cidade e foro na Lusitânia Romana*. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano. p. 90.



Clúnia - aprox. 28 m x 114 m
P. de Palol (Gros, 1996)



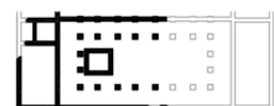
Feurs - aprox. 26 m x 68 m
(Valette and Guichard, 1991)



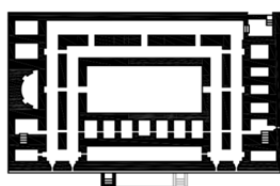
Nyon - aprox. 26 m x 62 m
(Santos, 2006) e (www2.rgzm.de)



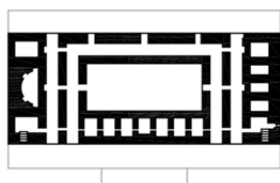
Évora - aprox. 27 m x 62 m
(Hauschild, 2010)



Tomar - aprox. 21 m x 60 m
Pedro Martins com base em Salete da Ponte (Ponte, 2010)



Coimbra criptopórtico - aprox. 37 m x 64 m



Coimbra basílica (sem os pórticos nascente e poente)
aprox. 25 m x 64 m



Figura 46 - Comparação entre várias basílicas Romanas e o criptopórtico de Coimbra
Pedro Martins

A razão pela qual se implantou a basílica nesta posição tão dispendiosa, quase suspensa sobre toda a cidade a partir do seu criptopórtico, pode explicar-se pela necessidade de expandir o forum Augustano com a colocação de uma basílica que o aproximasse dos modelos tipológicos dos *fora* imperiais. Deste modo optou-se pela sua edificação num local da praça em oposição directa e axial ao templo, que sabemos se localiza quase invariavelmente no local de cota mais elevada, e por conseguinte nascente do conjunto, provavelmente sob o Largo da Sé Nova.

Partindo do pressuposto que de facto o criptopórtico é a fundação de uma basílica, torna-se fundamental a sua comparação com outras basílicas conhecidas, procurando assim obter a validação ou negação desta hipótese.

Como resultado da comparação, verifica-se em vários exemplos de basílicas uma grande semelhança de dimensões, nomeadamente na secção transversal cujas medidas são sempre próximas dos 26 e 29 metros, ainda que o seu comprimento varie substancialmente (dos 123 aos 64 metros). Em relação à secção transversal, o criptopórtico de Coimbra apresenta a maior variação com aproximadamente 37 metros. Existem no entanto, alguns dados que podem explicar esta aparente discrepância. A diferença de cotas existente entre o pórtico poente que se situa cerca de 1.20 m abaixo da cota da basílica, podem indicar que o mesmo seria exterior ao edifício basilical e portanto não faria parte do mesmo. De igual forma, o pórtico nascente, no lado oposto, seria parte de um pórtico do forum Augustano, que poderá ter sido mantido e reenquadrado como acesso da basílica, por essa razão sendo também exterior á mesma. Com a exclusão deste dois pórticos, a nascente e poente, mantendo a simetria do conjunto, obtemos uma secção para o edifício basilical de aproximadamente 25 metros, bastante próxima das medidas verificadas em outros exemplos de basílicas. Outro elemento importante é a presença de divisões auxiliares, ocasionalmente semicirculares, nos lados mais curtos da basílica, sendo tradicionalmente associadas à presença de tribunais. No caso de Coimbra apenas um dos lados tem um espaço semicircular, podendo ter sido consequência de uma renovação ou alteração de projecto que por alguma razão não se estendeu ao lado oposto.

A comparação da planta do criptopórtico de Coimbra com os modelos de edifícios basilicais, evidencia semelhanças bastante significativas, podendo afirmar-se com segurança que pode tratar-se efectivamente da base de uma basílica pertencente ao forum romano de Coimbra.

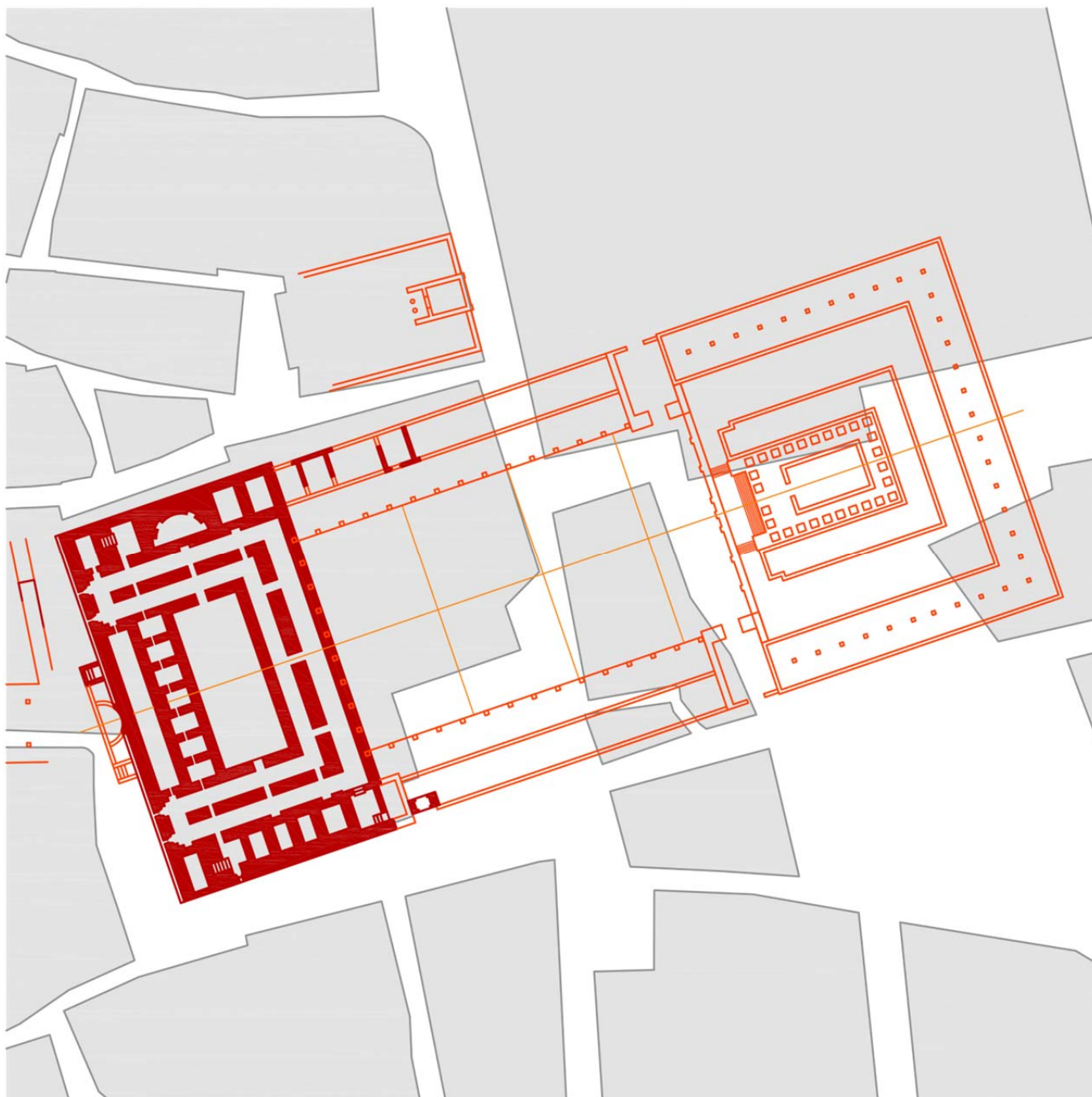


Figura 47 - Forum de Coimbra sobre traçado anterior às intervenções de 1940 e 1960
Pedro Martins, com base na cartografia de 1873 – 1874 (Alarcão, 2008a) escala 1/1000

Como demonstrado, o criptopórtico seria a estrutura de fundação de um edifício do tipo basilical, muito semelhante a outros edifícios basilicais de *fora* tripartidos. Partindo de esta leitura que enquadra o forum de Coimbra na tipologia de forum tripartido, torna-se fundamental responder à questão de qual poderia ser então a sua configuração original.

Segundo a tipologia de forum tripartido, os templos tendem a localizar-se sobre um recinto separado (*area sacra*), na zona topograficamente mais elevada do espaço do forum, com a basílica no lado oposto, ambos ocupando os lados mais curtos de uma praça rectangular porticada. Deste modo a descoberta de várias pequenas divisões, seguindo o alinhamento do criptopórtico, poderá ser indicativa das *tabernae* que geralmente rodeiam os lados mais amplos da praça do forum.

Para a proposta da *area sacra* do forum romano de Coimbra, uma vez que não existem quaisquer elementos que possam ser indicativos da sua configuração, à excepção da correspondência tipomorfológica entre o criptopórtico e os edifícios basilicais de *fora* tripartidos, optou-se por utilizar no desenho, com um propósito meramente ilustrativo, a área sacra do forum de Évora, dado que ambos os *fora* parecem partilhar a mesma tipologia. Além do mais verificou-se existir uma grande proximidade entre a largura da *area sacra* de Évora e a dimensão do criptopórtico em Coimbra, que poderá indicar tratarem-se de foruns com dimensões muito semelhantes. Por outro lado, a proximidade no desenho das áreas sacras de Mérida, Évora e Condeixa pode indicar a partilha de um modelo comum entre vários *fora* Lusitanos, colocando-se a questão, com a proximidade geográfica entre Coimbra e Condeixa, de ambas terem seguido um modelo comum. Esta relação próxima entre os dois *fora* é reforçada ainda por outro dado interessante, uma vez que a cronologia da construção do criptopórtico de Coimbra, e portanto da sua basílica, ser de época Cláudia, correspondendo à cronologia da construção da basílica de Condeixa⁴⁷. Torna-se assim tentador pensar que haveria uma correspondência entre as transformações urbanas do Conimbriga e as que ocorriam em simultâneo em Aeminium.

A zona da *area sacra* e do seu templo terá sido significativamente transformada com a construção do Colégio Jesuíta, que se terá sobreposto a quaisquer vestígios aí existentes. Muito embora a morfologia do restante tecido urbano se manter sem alterações significativas até às intervenções realizadas pelo Estado Novo na Alta de Coimbra.

⁴⁷ CORREIA, V. H. 2009. Os Espaços Forais de Conimbriga. *Anejos de AESPA Santuarios, oppida y ciudades: arquitectura sacra en el origen y desarrollo urbano del Mediterráneo Occidental*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida.

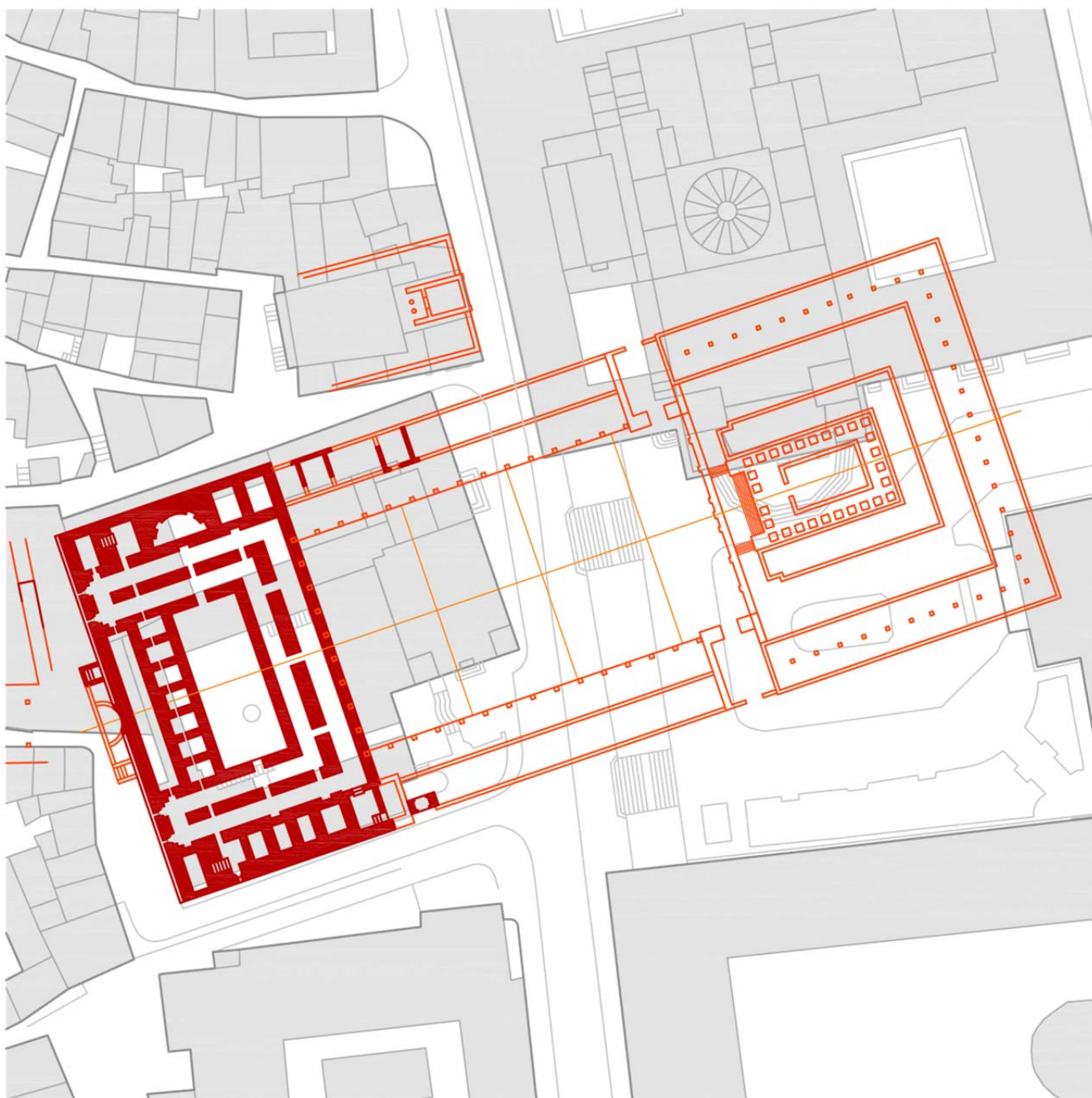


Figura 48 - Forum de Coimbra, escala 1/1000
Pedro Martins

Analisando a cartografia da cidade anterior às transformações da Alta de Coimbra é possível observar como a estrutura do forum terá influenciado a morfologia desta área da cidade, existindo uma grande semelhança entre alinhamentos presentes no criptopórtico e vários elementos do tecido edificado. Este facto é indicativo de uma origem do tecido urbano em estruturas pré-existentes pertencentes ao forum que foram reaproveitadas na construção de novos edifícios.

Apesar da assimilação de grande parte do forum pelo tecido edificado, o criptopórtico, pela sua grande dimensão e robustez, conservou-se notavelmente intacto, tendo inclusive mantido uma assinalável continuidade de funções. O espaço, ocupado pela basílica, com a cristianização, poderá ter mantido alguma continuidade funcional, ainda que gradualmente alterado. A nave central da basílica, demolida intencionalmente ou em ruína accidental, ter-se-á transformado num espaço aberto rodeado por edificações semelhante ao que hoje temos. A zona mais nobre da basílica, com a sua *exedra* semicircular, terá sido convertida em paço episcopal, enquanto outras divisões do edifício teriam sido ocupadas por habitações particulares. Por outro lado, a fachada da basílica para o forum com a sua entrada monumental, poderá também ter sido preservada na construção da primitiva igreja de S. João da Almedina, construída na praça do forum, mas orientada para o antigo espaço interior da basílica, agora aberto, invertendo de uma forma curiosa a relação interior / exterior. Outro elemento que pode ter a sua origem numa pré-existência romana reside no arco moçárabe, dado que existem vários exemplos de arcos monumentais de entrada no espaço do forum, construídos no local em que a basílica se articula com os edifícios laterais da praça, de que é exemplo o caso de Mérida. Deste modo podemos afirmar que a influência sobre a morfologia e as funções do tecido edificado, exercida pelo forum de uma forma notável, terá sido transversal a várias épocas, sendo possível enumerar todo um conjunto de edifícios que se implantaram e reimplantaram sobre as ruínas do forum, perpetuando uma “memória” física e funcional do mesmo na cidade,

“O criptopórtico, aliás, condicionou sempre o que sobre ele se edificou: o forum na época romana; o paço episcopal desde finais do séc. XI; o museu que, em 1913, se instalou no paço. Não é fácil encontrar-se, em Portugal, edifício feito, desfeito e refeito ao longo de dois milénios mas sempre tão condicionado pela sua obra primitiva.” (Carvalho et al., 2009) p. 25



Figura 49 - Postal antigo
autor desconhecido



Figura 50 - Perspectiva do Arco de Bobadela
Pedro Martins



Figura 51 - Fragmentos de colunas e aduelas do segundo Arco Romano de Bobadela
Pedro Martins

Forum de Bobadela

O passado romano sempre se manteve evidente em Bobadela através do seu imponente arco assente em silhares almofadados, localizado no espaço central da vila próximo de outros elementos de destaque como a igreja e o pelourinho. São conhecidos vários outros elementos, tais como referências a um segundo arco entretanto desaparecido e várias inscrições ou tambores de colunas, dispersos pela vila ou incorporados em edifícios como peças de um puzzle por montar.

Apesar de desde cedo atrair a atenção de eruditos e investigadores, o estudo arqueológico moderno e sistemático do passado romano da Bobadela tem início apenas em 1980 com as escavações de Clara Portas e Helena Frade, das quais resultaram a identificação de dois dos mais importantes edifícios públicos da cidade, o forum e o anfiteatro às quais se seguiram escavações de carácter mais pontual. O acréscimo de informações que estas escavações vêm somando progressivamente, permite-nos ter uma visão global do aspecto do forum e do seu papel na morfologia da Bobadela⁴⁸.

De entre os resultados mais importantes das escavações recentes destaca-se a descoberta de vários elementos da arquitectura e configuração espacial do forum. As escavações vieram a confirmar que de um modo geral os limites espaciais do Forum de Bobadela foram substancialmente preservados no tecido da vila contemporânea, sendo fácil inferir as partes em falta a partir dos alinhamentos existentes nos edifícios actuais, que certamente se colocaram sobre, ou utilizaram na sua construção, estruturas pertencentes ao Forum.

⁴⁸ FRADE, H. 2010. Os Fora de Bobadela (Oliveira do Hospital) e da Civitas Cobelcorum (Figueira de Castelo Rodrigo). *Studia Lusitana 4 - Cidade e foro na Lusitânia Romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.



Figura 52 - Edifício construído sobre o alçado do limite norte do forum de Bobadela
Pedro Martins



Figura 53 - Sobreposição de paramentos perto do limite poente do forum de Bobadela
Pedro Martins

A delimitação espacial do forum está relativamente bem estabelecida, com os limites norte, Sul e nascente arqueologicamente documentados, mantendo-se dúvidas em relação ao limite poente, que se considerou estar sobre a fundação de um muro descoberto sob a estrada nacional 230. No entanto, a descoberta recente de num espaço próximo do alinhamento definido pelo eixo do anfiteatro de vários elementos pertencentes ao forum, destacando-se um conjunto de aduelas pertencentes provavelmente ao desaparecido segundo arco romano, pode indicar que o limite poente do forum se encontrava próximo deste local. A colocação do limite poente neste local pode indicar que talvez a praça tivesse uma proporção próxima dos preceitos de Vitruvio, ou seja de duas vezes a largura por três vezes o comprimento.

Esta obediência a uma proporção canónica, repetida em vários outros *fora*, não representa no entanto uma garantia que o Forum da Bobadela siga um modelo tipológico seguro. De facto as estruturas descobertas no espaço interior do forum revelam uma situação de disposição interna complexa. São conhecidos vestígios de um pórtico duplo, paralelo ao limite nascente do forum, que parece prosseguir pelo limite Norte, sendo a continuação Norte deste pórtico identificada como uma basílica. A Sul, um conjunto de fundações foi interpretado como pertencendo a um templo, estando o espaço central ocupado por um conjunto de estruturas diversas provavelmente pertencentes a altares e templetes.

Apesar de os vestígios a Norte e Sul terem sido interpretados como uma basílica e um templo, apresentando assim uma configuração tipológica típica dos *fora* tripartidos, de oposição entre o templo e a basílica sobre um espaço aberto comum, a identificação destes elementos não é segura, podendo o espaço a Norte ser apenas a continuação do pórtico nascente, ou os elementos a Sul pertencerem a um conjunto de outros edifícios. A provável reduzida dimensão do aglomerado romano que está na génese da Bobadela, poderá implicar que, como no forum de Condeixa, na sua fase inicial este esteja mais próximo dos modelos republicanos, relativamente arcaicos e com uma forma mais irregular, não tendo evoluído para um modelo imperial consolidado, típico dos núcleos urbanos mais desenvolvidos.

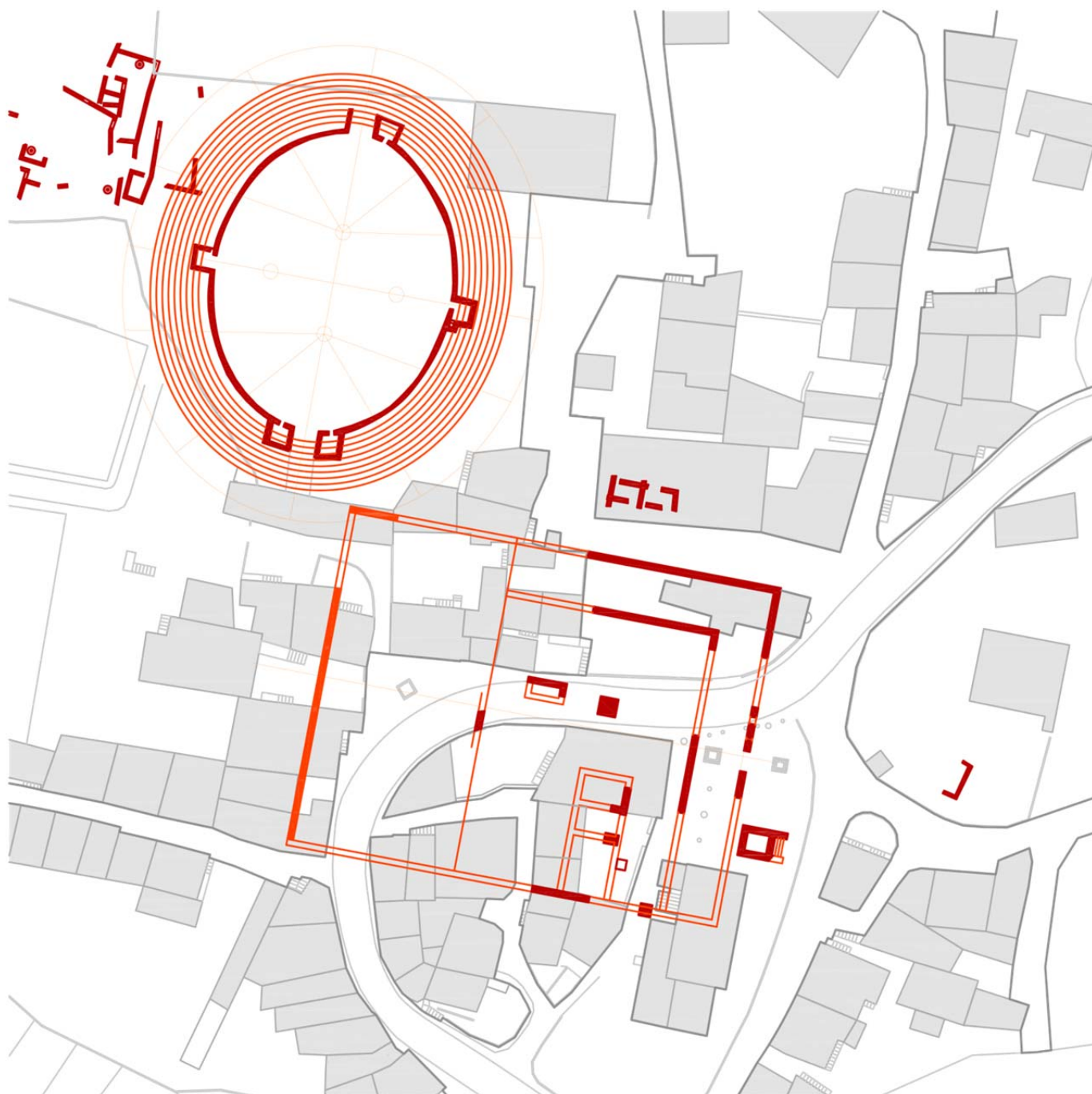


Figura 54 – Forum de Bobadela, escala 1/1000
Pedro Martins

Sem um enquadramento numa classe tipológica segura, a interpretação dos vestígios e a hipótese de reconstrução do espaço de forum da Bobadela, torna-se particularmente difícil. No entanto a análise da incorporação dos vestígios conhecidos do forum no tecido urbano da vila da Bobadela tem várias particularidades interessantes,

A localização da igreja sobre um tramo final do pórtico pode estar relacionada talvez com a existência de um pequeno espaço de culto anterior, talvez contemporâneo do forum ou paleo-cristão, que teria sido posteriormente transformado num espaço de culto, evoluindo até adoptar a forma que hoje dispõe, mantendo uma continuidade funcional com o espaço do forum romano. A preservação dos dois Arcos Romanos de acesso ao forum até uma época recente, perdurando um até á contemporaneidade, é também um aspecto interessante, dado que estes elementos pela sua complexidade, fragilidade e valor tendem a ser desmontados ou reaproveitados noutras estruturas logo numa fase inicial do processo de desarticulação das estruturas. No entanto, neste caso passa-se precisamente o oposto dado que foram estes os elementos construtivos que mais resistiram á progressiva destruição do forum. A sua importância simbólica enquanto elementos monumentais de entrada no forum pode ter assegurado a sua sobrevivência, como símbolo de poder e de importância, enquanto as restantes estruturas, perdendo o seu significado, foram desmontadas e incorporadas noutras edificações. A preservação dos dois arcos manteve uma leitura axial do espaço, ainda hoje visível no tecido contemporâneo de Bobadela

Os muros de limite do forum parecem ter sido os elementos construídos melhor preservados, dada a sua incorporação em edificações, possibilitando a sua leitura sobre o tecido edificado. O limite Norte do forum encontra-se extremamente bem preservado, devido em parte á sua função como talude, sendo possível encontrar vários tramos que preservaram o seu alçado, O limite poente encontra-se integrado num conjunto de edificações que a ele se adossaram, preservando-o no tecido edificado contemporâneo. Do limite nascente, temos poucos elementos, para além do Arco. Poderá ter sido demolido numa fase inicial do processo de desarticulação, talvez como consequência da construção da Igreja, ou da abertura do espaço para o seu adro. O limite Sul é o que apresenta menos vestígios, preservando-se apenas uma pequena secção próxima da igreja. É possível que outros elementos construtivos do interior do forum tenham sido preservados, tais como a basílica, no entanto e uma vez que o forum não parecer ser enquadrável numa tipologia, sem o contributo de novas intervenções arqueológicas pouco mais se poderá avançar no seu conhecimento.

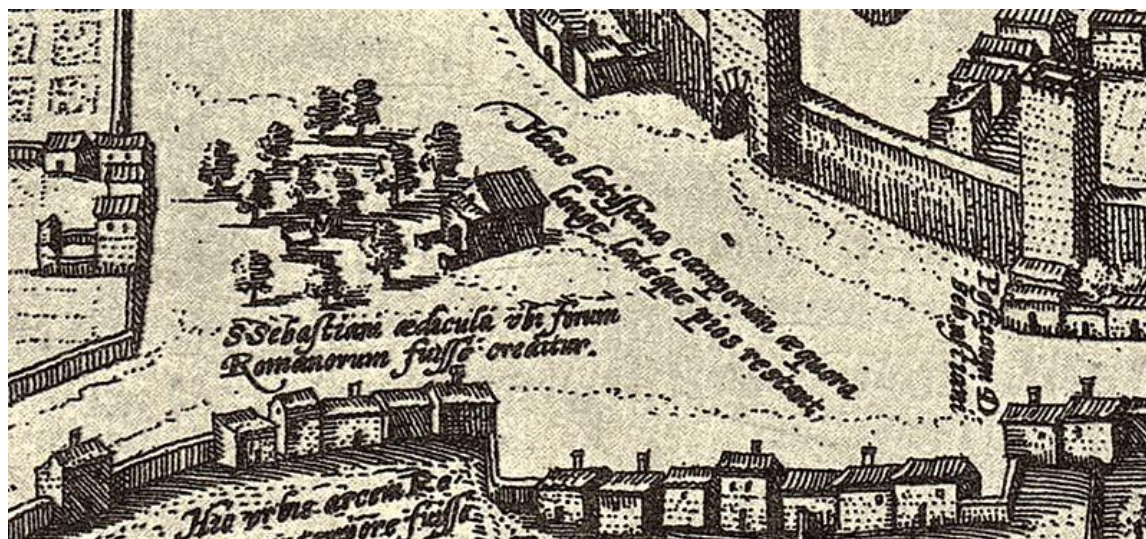


Figura 55 - Pormenor na gravura de Braunio, apresentando o "forum romanorum"
(Ribeiro, 2010)

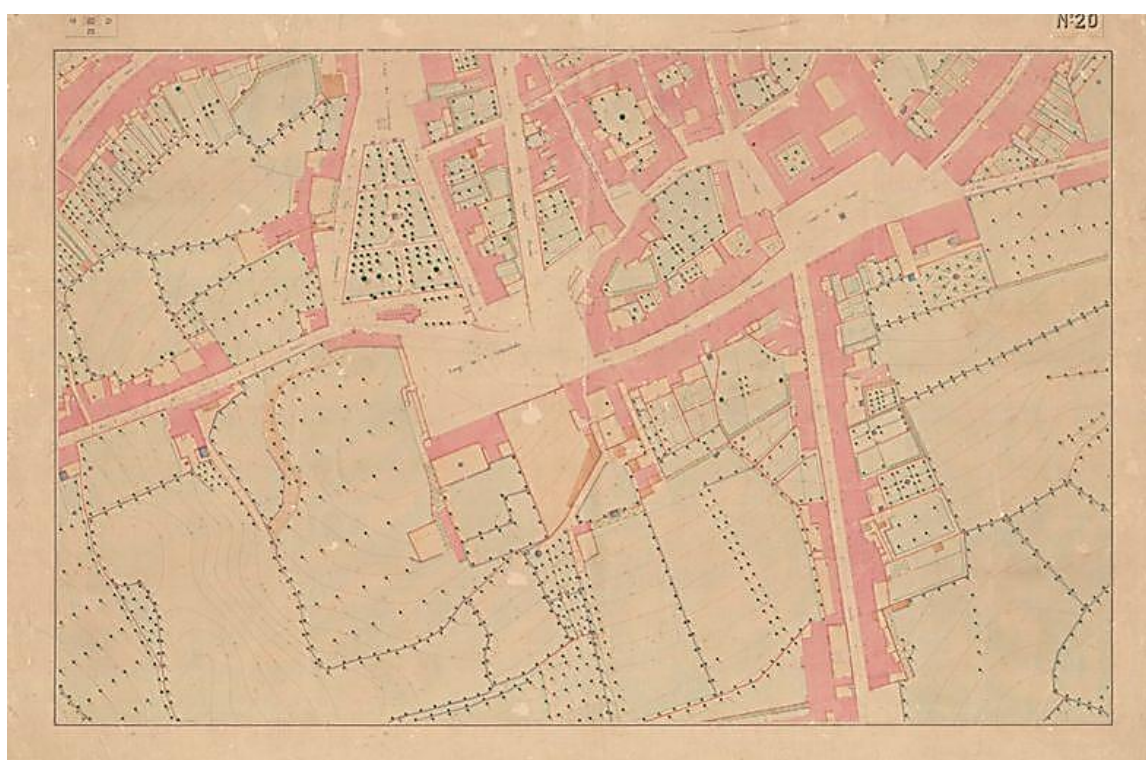


Figura 56 - Largo Paulo Osório numa planta topográfica da cidade de Braga
Folha XX planta topográfica de Francisco Goullard 1883/84 (Ribeiro, 2010)

Forum de Braga

A primeira referência conhecida ao forum romano de Braga surge no atlas urbano de Georg Braun e Franz Hogenberg "Civitates Orbis Terrarum" publicado em Colónia no ano de 1595, surgindo com o nome de "Romanum Forum" perto do espaço que corresponde ao actual Largo Paulo Osório⁴⁹.

O conhecimento construído nos últimos anos sobre a morfologia da cidade romana permitiu concluir que de facto seria este o local mais provável para a implantação do forum romano de Braga, sem no entanto existirem indícios arqueológicos que permitam compreender de modo rigoroso qual a sua forma, sendo a melhor pista para a sua compreensão o estudo da morfologia actual do espaço, bem como do traçado da cidade romana.

A configuração contemporânea do Largo Paulo Osório parece reflectir sem alterações significativas a sua forma desde pelo menos o séc. XVI, época da realização da gravura de Braun. As principais alterações deste espaço terão ocorrido já em época moderna com a demolição das muralhas, a expansão da cidade e abertura da Rua dos Bombeiros Voluntários para Sul.

A indicação de Braun, está provavelmente firmada numa tradição oral ou talvez num registo eclesiástico. A importância na hierarquia religiosa que a cidade de Braga obteve desde cedo na sua história, como sede de bispado, poderá ter sido fundamental para a preservação do conhecimento do local do antigo forum romano.

O facto de o Largo Paulo Osório se localizar no centro da malha romana, próximo do cruzamento entre o Cardo e o Decumano Maximus, no ponto topográfico mais elevado da cidade, dá-lhe sem dúvida o destaque visual e a centralidade funcional necessários à implantação do forum. Por outro lado, a descoberta de elementos arquitectónicos monumentais como bases de colunas e inscrições honoríficas, ou a convergência de localização de outros grandes equipamentos públicos de destaque como o teatro e termas, parecem indicar de um modo quase inequívoco a localização do forum sob o moderno largo conforme identificado pela gravura de Braun.

⁴⁹ MARTINS, M. 2009. Bracara Augusta. Panorama e estado da questão sobre o seu urbanismo. Do Castro á Cidade. A romanización na Gallaecia e na Hispânia indoeuropea. Lugo: Deputacion de Lugo. p. 192.



Figura 57 - Edifício construído sobre o alçado do limite Norte do forum, Braga
Pedro Martins



Figura 58 - Casa de São Sebastião das Carvalheiras, Braga
Pedro Martins

A associação do Forum como espaço de culto ao local mais elevado da cidade é um dos principais elementos da disposição do mesmo, sendo inclusive reproduzida para a disposição interior do edifício através da colocação da área sacra do forum com o seu templo e pórtico numa posição elevada em relação á praça do forum. Em Braga a disposição do forum parece ter aproveitado o declive natural do terreno para colocar o templo no local mais elevado, próximo da cota 200, seguindo-se a praça do forum numa cota mais baixa.

A forma atribuída ao forum por todos os autores analisados, apresenta uma configuração em que o forum é colocado na zona central da cidade, ocupando uma área correspondente a 2x3 quarteirões. Esta configuração poderá estar relacionada com a proporção estipulada por Vitruvius para as praças dos forums, também de 2x3 módulos, como aliás é referido por Rui Morais⁵⁰.

Sendo natural que o mesmo adoptasse um esquema muito próximo do modelo tipológico de forum tripartido, presente em várias outras cidades de fundação Augustana, a análise tipológica realizada indica que de facto a sua proporção seria mais alongada. À praça, que como Vitruvius indica teria uma proporção de 2x3, é adicionado num dos topos o templo e no outro a basílica, criando um espaço com um perfil mais próximo da proporção de 2x4 módulos. Ao utilizar a métrica de quarteirões da cidade romana, e desenhando o forum com início no *Cardo Maximus*, partindo de uma configuração equivalente a 2x4 quarteirões, verificamos como o seu limite Poente coincide com o ponto de cota mais alta. Esta situação reflecte a configuração geral presente na tipologia, localizando o templo em capitólio dominando visualmente toda a cidade.

Nesta perspectiva, o forum seria constituído por três elementos dominantes: a área sacra com o templo na parte mais elevada da colina; a praça imediatamente abaixo, rodeada por pórticos e *tabernae*; e finalmente a basílica. A zona sacra do forum, certamente ocupada pelas ruínas do templo e do seu pórtico, associada aos cultos pagãos, teria sido rapidamente abandonada, mantendo-se a área da praça do forum numa cota ligeiramente inferior como um espaço de carácter aberto e publico até ao presente, preservando inclusive os traços gerais da sua geometria nas edificações que foram sendo implantadas nos seus limites, certamente com sucessivos reaproveitamentos de elementos pré-existentes.

⁵⁰ MORAIS, R. 2010. Bracara Augusta, Braga, Câmara Municipal de Braga.

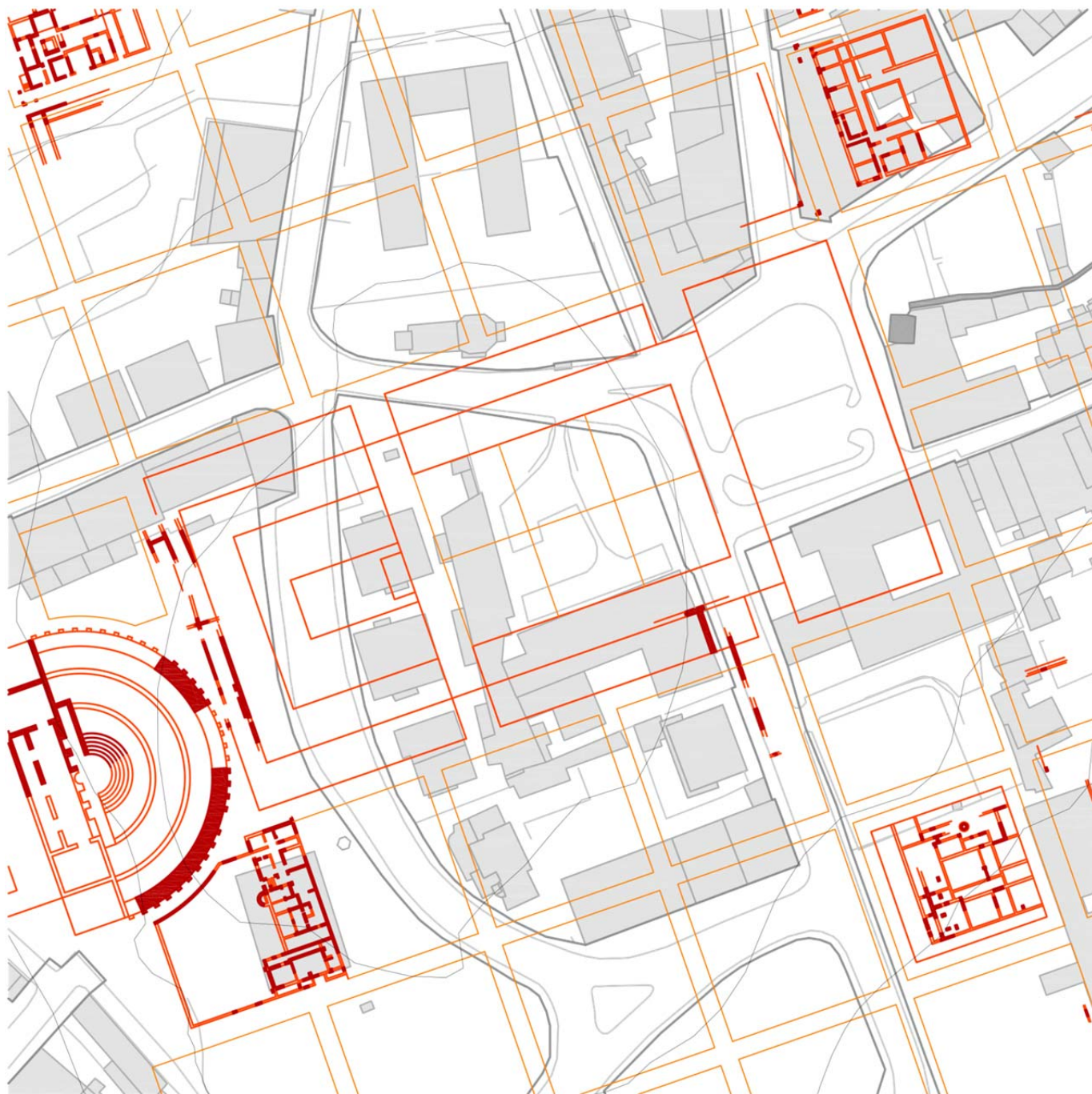


Figura 59 - Forum de Braga, escala 1/1500
Pedro Martins

No conjunto de edifícios que ocupa o actual Largo, destaca-se a Casa de São Sebastião das Carvalheiras, de origem setecentista. O rigor do seu traçado denota claramente um projecto cuidado e erudito, desenhado e implantado sobre quaisquer pré-existências. A gravura de Braun apresenta neste espaço um conjunto de pequenas habitações que teriam sido demolidas aquando da construção da casa nobre, no entanto, preserva-se no seu alçado lateral junto da Rua dos Bombeiros Voluntários, um massivo paramento de granito, cuja origem será certamente anterior à construção da Casa, ao qual a o alçado lateral da mesma aparenta estar apoiado.

A grande dimensão e espessura do paramento assim como os grandes blocos de granito empregues na sua construção parecem indicar uma origem numa construção de grandes dimensões, não coincidente com os modestos edifícios representados na gravura de Braun. Por outro lado as suas dimensões e orientação enquadram-se perfeitamente no traçado da cidade romana, colocando-se a hipótese de estarmos talvez perante uma parede sobrevivente das *tabernae* que limitariam a praça do forum, sucessivamente reutilizada e preservada no tecido urbano da cidade de Braga.

O caso do forum de Braga surge como mais um caso particular, em que para além da preservação da forma do espaço, cujos vestígios terão sido sucessivamente adaptados ao logo dos séculos por diferentes edifícios, podemos também observar uma manutenção funcional do espaço, enquanto primeiro praça do forum, adaptada para um rossio medieval até ao Largo contemporâneo.



Figura 60 - Colunas reaproveitadas no interior da sé
Pedro Martins



Figura 61 - Vista da torre templária
Pedro Martins

Forum de Idanha-a-Velha

Em Idanha-a-Velha, como em outros locais de presença romana em Portugal, é frequente encontrar fragmentos arquitectónicos de edifícios monumentais reutilizados na construção de outras edificações. No entanto, em Idanha, a quantidade e qualidade destes fragmentos é particularmente relevante, desde as várias colunas de grandes dimensões, reutilizadas na construção da catedral, ao elevado número de fragmentos de cornijas encontrados na muralha ou o grande embasamento do templo romano, reutilizado como torre templária, tornam a marca da cultura romana particularmente evidente.

A cidade foi alvo de uma série de campanhas arqueológicas nos anos 50 e 70 do séc. XX por D. Fernando Almeida, que deram a conhecer um grande conjunto de vestígios construídos, apesar de pouco se saber sobre a articulação urbana destes vestígios

Os fragmentos dispersos pela vila parecem apontar para a existência de um conjunto de importantes edifícios públicos de carácter monumental no centro da vila em época romana. Este conjunto de edifícios situar-se-ia provavelmente na área envolvente do templo, identificada como o forum da cidade. O templo teria sido demolido e utilizado como fonte de material para a construção de vários edifícios posteriores, destacando-se a torre templária edificada sobre o seu *podium*. São visíveis uma grande quantidade de elementos dispersos com origem provável no forum da cidade, estando os vestígios construtivos do mesmo relativamente bem preservados, o que permite observar vários paramentos e pavimentos provavelmente pertencentes ao edifício romano. No entanto, e apesar de terem sido realizadas várias intervenções arqueológicas no local e na sua envolvente por D. Fernando de Almeida entre 1950 e 1970, o conhecimento que temos sobre a forma do forum romano de Idanha é paradoxalmente muito reduzido⁵¹.

Recentemente, as escavações promovidas no local por Pedro C. Carvalho permitiram um melhor vislumbre sobre a configuração da zona envolvente do templo, bem como sobre a sua sequência construtiva, ao detectar junto do mesmo vários paramentos de edifícios anteriores à sua construção.

⁵¹ CARVALHO, P. 2009. O Forum dos Igaeditani e os primeiros tempos da Civitas Igaeditanorum. *Archivo Español de Arqueología*, 82, pp. 151 - 131.



Figura 62 - Torre e podium do templo
Pedro Martins



Figura 63 - Contraforte da plataforma
Pedro Martins

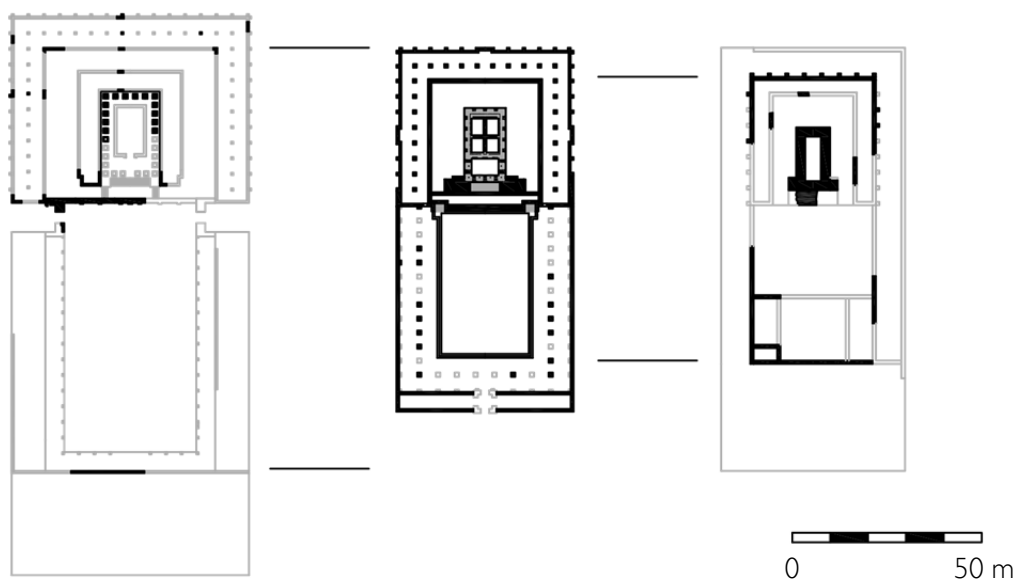


Figura 64 – Comparação entre os foruns de: Évora, Condeixa-a-Velha e Idanha-a-Velha
Pedro Martins

O Forum terá sido construído em época de Augusto, sobre uma colina no centro do núcleo urbano, destacando-se sobre o conjunto o templo construído no ponto mais elevado, no centro de uma pequena plataforma artificial obtida através da execução de vários aterros delimitados por fortes muros de suporte. Do templo subsiste grande parte do seu pódio, que foi reutilizado como base para a construção de uma torre medieval pelos templários. Na face nascente podemos ver uma ampla fundação em betão que se projecta da fachada do edifício, parcialmente arrasada e totalmente desaparecida na zona Norte. Este elemento estaria ligado a duas escadarias de acesso laterais ao templo, permitindo classificar o templo como um *templum rostratum*⁵² ou seja um templo que na sua fachada apresenta uma plataforma acedida por escada laterais, semelhante aos templos de Mérida, Évora e Condeixa-a-Velha, entre outros templos lusitanos.

Na área poente do edifício, que corresponderia á zona posterior do templo são observáveis grandes muros de suporte que formam uma plataforma rectangular, no centro da qual temos o templo e que constituiria a “área sacra” do forum . Os muros seriam reforçados por vários contrafortes em alvenaria rusticada, dos quais é claramente visível o contraforte que suporta a esquina Norte da plataforma. No interior de alguns edifícios que rodeiam a plataforma do templo observam-se ainda as impressões deixadas na face dos muros de suporte, causadas pela remoção dos silhares dos contrafortes de apoio aos muros. A plataforma que rodeia o templo suportaria um edifício em “U”, que rodearia o templo por três lados, deixando o quarto lado aberto para a praça do forum⁵³. Este edifício seria o embasamento de um pórtico também em “U”, semelhante ao existente no forum de Condeixa-a-Velha. Estas características na *area sacra* do forum, nomeadamente: o templo com acessos laterais, o pórtico em “U” rodeando o templo, e o conjunto de contrafortes apoiando o edifício do pórtico, partilham grandes semelhanças com as *areas sacras* de vários *fora* tripartidos, destacando-se pela proximidade geográfica os de Condeixa-a-Velha, Évora e Mérida,

Na área nascente do templo subsistem vários vestígios de muros e pavimentos, onde Vasco Mantas identificou um pequeno templete, talvez dedicado a Marte ou Vénus, propondo para o lado oposto da praça, seguindo o eixo de simetria do conjunto, outro templete de idênticas características.

⁵² MANTAS, V. 2010. Ammaia e civitas Igaeditanorum dois espaços forenses Lusitanos. *Studia Lusitana* 4 - *Cidade e foro na Lusitânia Romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.

⁵³ CARVALHO, P. 2009. O Forum dos Igaeditani e os primeiros tempos da Civitas Igaeditanorum. *Archivo Español de Arqueología*, 82, pp. 151 - 131.

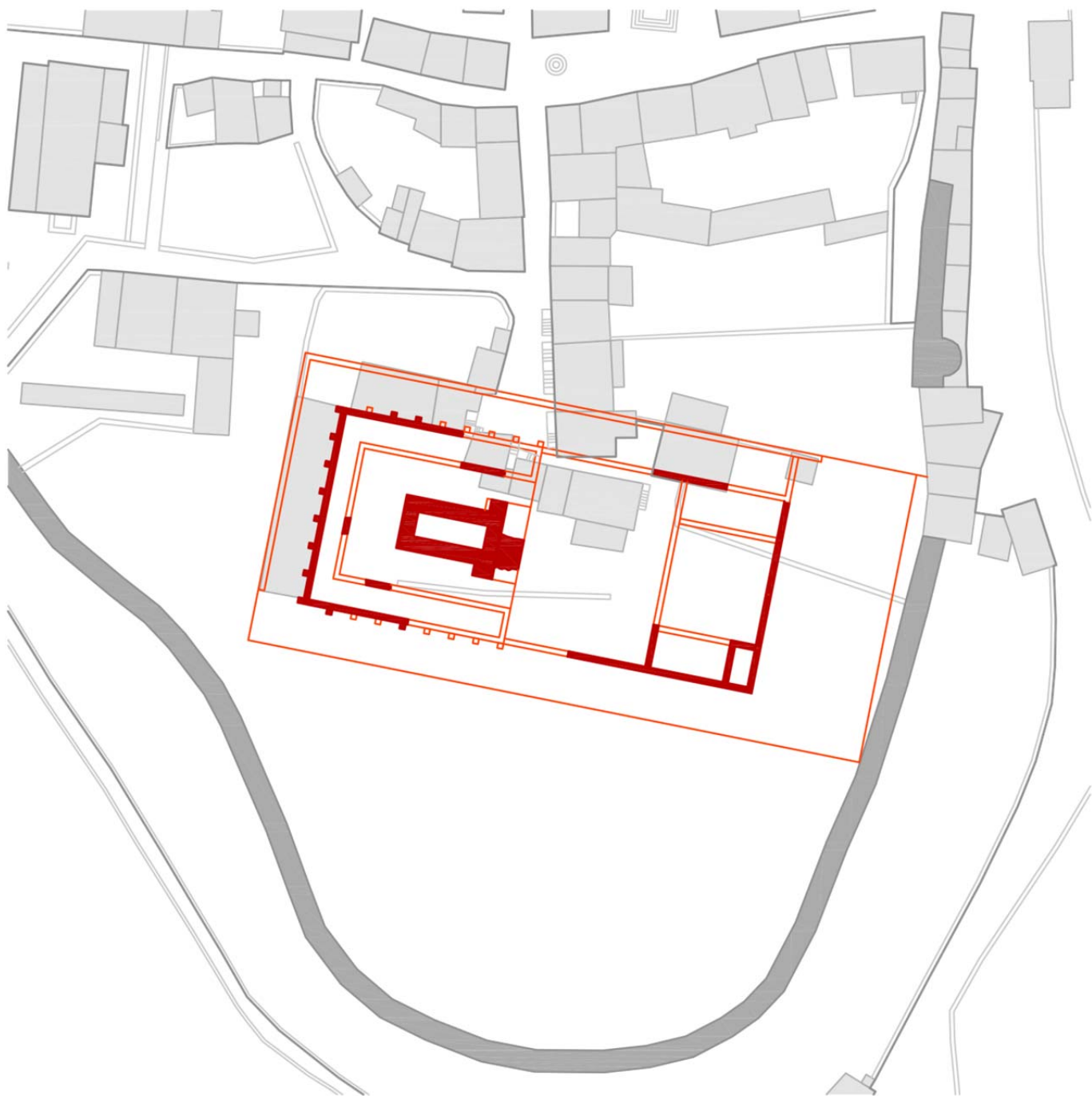


Figura 65 - Forum de Idanha-a-Velha, escala 1/1000
Pedro Martins

Seguindo a tipologia do forum tripartido a que parece obedecer o desenho do forum de Idanha-a-Velha, este seria constituído por três elementos principais: *area sacra*, praça porticada e basílica, sendo que este ultimo elemento (a basílica) estaria provavelmente colocado no lado oposto à área sacra, ou seja, no lado nascente do forum. Assim, talvez o templete identificado por Mantas seja parte da basílica, no entanto, como o próprio refere, ainda não foram encontrados elementos que permitam identificar a localização da mesma, podendo verificar-se uma situação semelhante ao forum de Condeixa-a-Velha, em que o conjunto forense evoluiu para um santuário, no qual estavam ausentes as demais funções típicas dos *fora*, como a basílica ou as *tabernae*.

A morfologia e a orientação dos edifícios que rodeiam o templo indiciam que foram construídos sobre partes do forum, destacando-se o facto de várias destas edificações, definirem um segundo perímetro que rodearia a totalidade do forum. Este segundo perímetro poderia corresponder a uma ampliação, como noutros conjuntos forenses ou talvez a um conjunto de *tabernae* que rodearia o edificio principal. Um aspecto interessante do segundo perímetro reside no facto de definir uma área com a dimensão e morfologia aproximadamente igual à *area sacra* do forum de Condeixa-a-Velha, podendo ser um indicador da existência de uma relação na morfologia dos dois recintos.

As *areas sacras* dos *fora* de Mérida, Évora, Condeixa-a-Velha e Idanha-a-Velha, como já foi indicado, apresentam uma sugestiva relação de formas e dimensões, pelo que seria tentador pensar que esta relação se estenderia ao restante do conjunto edificado, nomeadamente basílica e praça. Poderíamos deste modo prever que o restante do conjunto também adoptasse a mesma lógica e por conseguinte deduzir que o forum de Idanha-a-Velha seria semelhante ao forum de Évora ainda que com menores dimensões, ou ainda, no caso de se ter verificado uma ampliação como o segundo perímetro parece indicar seria o forum de Idanha da mesma dimensão que o de Condeixa? Neste caso o seu comprimento terminaria numa zona próxima da muralha, sendo talvez possível que se situasse neste local a basílica, rematada por um forte muro de suporte que seria incluído na mesma. Dada a ausência de vestígios na área nascente do conjunto é impossível afirmar, sem recurso a escavações qual a forma exacta do forum. No entanto dada a sua semelhança com outros edifícios é possível através da sua comparação, definir um conjunto de pressupostos que auxiliem ao conhecimento e interpretação dos vestígios conhecidos.

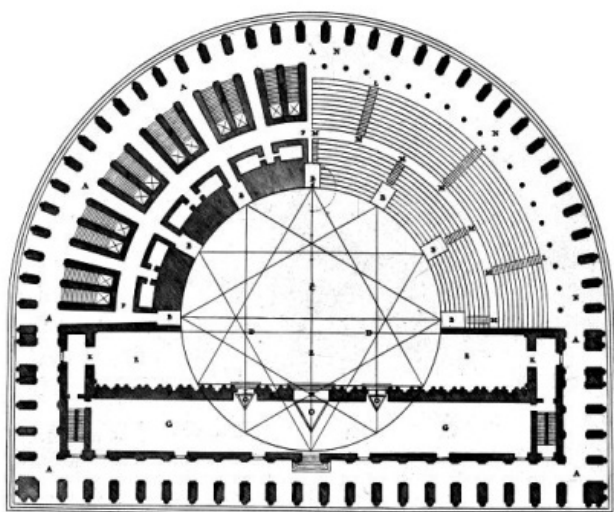
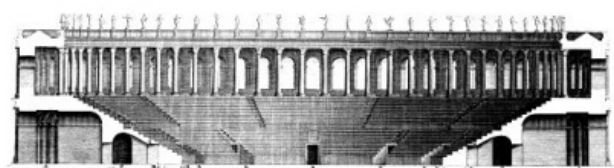


Figura 66 – Teatro romano segundo Vitruvio
Desenho atribuído a Leclerc Sébastien presente na obra “Les Dix Livres D'Architecture De Vitruve”
de Claude Perrault (www.claude.philip.pagesperso-orange.fr)

2.3 – Teatro

Os teatros romanos são talvez dos edifícios mais emblemáticos da civilização Romana. Neles encontramos um microcosmos da sociedade através da rígida divisão das bancadas por estratos sociais, assim como algumas das mais complexas formas arquitectónicas nas elaboradas decorações palacianas da frente de palco. Seria impossível falar da arquitectura dos teatros romanos sem mencionar a influência que os textos de Vitruvio nos deixaram na compreensão das complexas regras que definem o seu desenho e construção⁵⁴.

As regras geométricas que regem o projecto e construção dos teatros romanos permitem através da comparação com edifícios documentados, criar com relativa facilidade um conjunto de tipologias base e a partir das mesmas estabelecer paralelos para a correcta interpretação dos teatros em estudo. Deste modo os principais elementos constituintes de um teatro romano são os seguintes:

Cavea

A zona de auditório ou “*cavea*” corresponderia ao espaço para o público e possuía a típica forma semicircular que remete imediatamente para a identificação de um teatro. A sua estrutura encontrava-se estritamente dividida, vertical e horizontalmente, em várias bancadas, atribuídas a extractos sociais ou classes profissionais diferentes, formando um microcosmos da sociedade romana. A divisão horizontal era realizada ao longo dos diferentes corredores de acesso radiais, ou “*cunei*”, convergentes para o centro do edifício, que delimitavam o hemiciclo em diferentes sectores, sendo conhecidos casos em que estas divisões eram utilizadas, por exemplo, para criar bancadas específicas para mulheres, soldados ou confrarias. O número de *cunei* variava em função da dimensão do auditório e das necessidades de uma distribuição eficiente de espectadores ao longo das bancadas, sempre de forma simétrica e obedecendo a regras geométricas rigorosas. Verticalmente, as bancadas eram divididas em semicírculos concêntricos, atribuídos a classes sociais diferentes consoante a sua proximidade do palco, sendo o hemiciclo mais próximo denominado de *imma cavea*, atribuído à aristocracia, seguido da *media cavea* para a plebe togada, e no topo a *summa cavea* para as classes mais pobres não togadas ou para escravos. A *summa cavea* era tipicamente rodeada por um pórtico que faz o coroamento final do edifício.

⁵⁴ MACIEL, M. J. 2002. Vitruvius, Tratado de Arquitectura Lisboa, Instituto Superior Técnico. p. 191.



Figura 67 - *Scaenae frons* do teatro romano de Mérida
(eulogio - www.Panoramio.com)

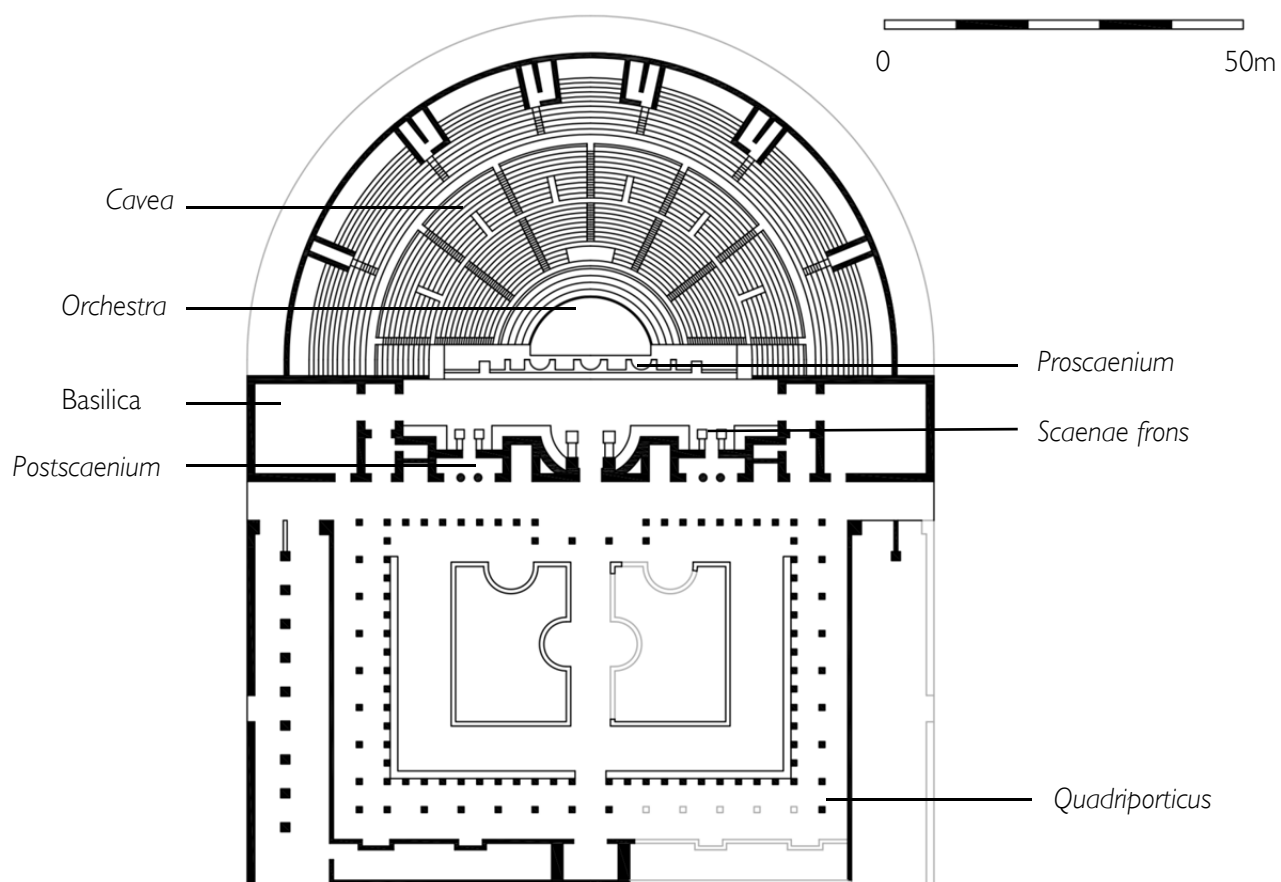


Figura 68 - Teatro romano (Mérida)
Pedro Martins, segundo (Gros, 1996) e (Sear, 2006)

Orchestra

A área entre o palco e a *cavea* denominava-se de *orchestra*. Este espaço, enquanto foco e centro gerador da matriz geométrica do edifício, pela sua localização privilegiada era considerado um espaço honorífico e utilizado para a colocação de altares, dispondo de lugares reservados a magistrados de particular relevo.

Proscenium ou *frons pulpiti*

O *proscenium* corresponde ao muro que faz a separação entre o palco e a *orchestra*. O muro era frequentemente decorado com elementos escultóricos, pinturas e vários nichos.

Scaenae frons

O muro de limite posterior do palco tinha o nome de *scaenae frons* e era construído como um cenário de fundo, à frente do qual ocorria a representação teatral. Representava uma fachada monumental com três portas, pelas quais entravam os actores. Progressivamente o desenho da fachada foi-se tornando mais elaborado e ornamentado, com vários elementos como nichos, estátuas, várias colunas, hemiciclos e frontões.

Postscenium e *Basilicas*

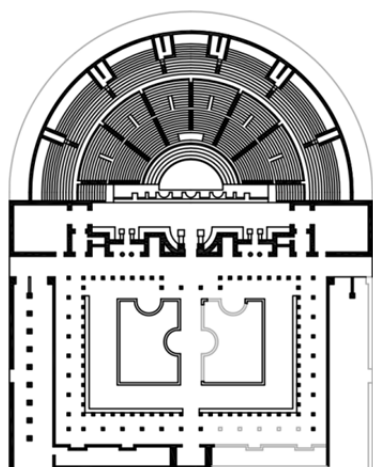
Nos extremos laterais do palco existiam duas grandes divisões com o nome de *basílica*, que para além de fornecerem duas entradas laterais para o palco tinham ainda a função de camarins e de armazenamento dos adereços necessários às peças. O espaço entre as duas *basílicas*, na área posterior ao *scaenae frons*, denominava-se *postscenium*.

Quadriporticus ou *peristilo*

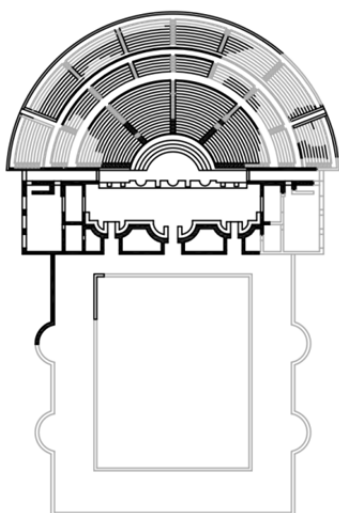
Segundo Vitruvio, deveria existir um espaço para os espectadores se refugiarem em caso de chuva. Este espaço adopta tipicamente o aspecto de um amplo pórtico quadrangular.

Os teatros construídos nas províncias ocidentais seguiram o modelo de teatro estabilizado em Roma no final da época republicana, no entanto podemos encontrar algumas especificidades no desenho dos teatros provinciais, tais como os teatros galo-romanos ou os teatros próximos do modelo grego construídos nas províncias orientais⁵⁵.

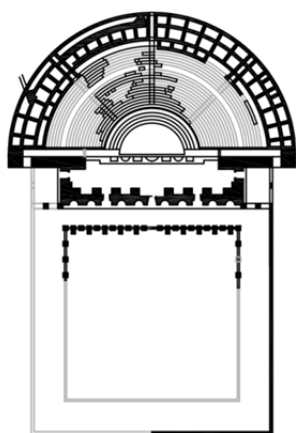
⁵⁵ SEAR, F. 2006. *Roman Theatres: An Architectural Study*, Oxford, Oxford University Press.



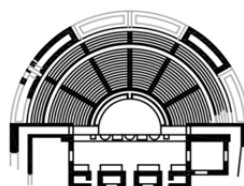
Mérida
(Gros, 1996) e (Sear, 2006)



Cartagena
(Sear, 2006)



Santiponce
(Sear, 2006)



Acinipo
(AAVV, 1982)



Baelo Claudia
(Sear, 2006)

Figura 69 - Comparação entre vários teatros romanos
Pedro Martins

Os teatros hispânicos seguem de perto o modelo tradicional do teatro ocidental romano. De modo geral, a maioria dos edifícios foram construídos durante o período Augustano, replicando á escala os modelos dos grandes teatros presentes nas cidades de maior dimensão ou mesmo de Roma. Grande parte dos teatros parece ter sofrido melhorias em época posterior, normalmente concentradas na recuperação ou reformulação da *scaenae frons*, com a construção de *exedras* semicirculares nas entradas de palco, por exemplo, ou na marmorização dos seus diferentes elementos, sendo pouco frequente a ampliação do edifício original Augustano. A quase totalidade dos edifícios hispânicos conhecidos foi construída com a *cavea* total ou parcialmente apoiada sobre uma colina de forma a minimizar os custos da sua construção, sendo a topografia uma condicionante importante na sua identificação.

Em relação às dimensões parecem existir três grupos principais de edifícios organizados segundo do diâmetro da sua *cavea*:

Grandes dimensões – de 90 a 120 m (Saragoça 104m, Clunia 95m, Córdova 124m, Cádiz 120m)

Média dimensão – de 70 a 90 m (Mérida 86, Cartagena 87, Santiponce 75m, Sagunto 85m)

Pequena dimensão - de 60 a 70 m (Acinipo 62m, Baelo Claudia 70m, Regina 64m, Málaga 64m)

Os edifícios de grandes dimensões são relativamente raros e excepcionais, sendo frequentes em cidades de grande ou média dimensão edifícios entre 70 a 90 metros de diâmetro. Por outro lado, as cidades de pequena dimensão possuíam frequentemente edifícios entre 60 a 70 metros.

A construção de teatros em época Augustana coincide com a profunda reforma administrativa da península, que em território português se reflectiu na criação da nova província da Lusitânia, com a criação do *Conventus Pacensis* (Beja), *Conventus Scallabitanus* (Santarém) e na província *Terraconensis*, a criação do *Conventus Bracarum* (Braga). A associação da construção ou melhoria destes edifícios a reformas administrativas com reflexo na alteração do estatuto das cidades, pode indicar que presença de um teatro seria obrigatória em qualquer aglomerado urbano com uma dimensão ou peso administrativo relevante, demonstrando também a sua condição como elementos de forte simbolismo político, em que as cidades procuravam exhibir o seu prestígio e importância no quadro regional.

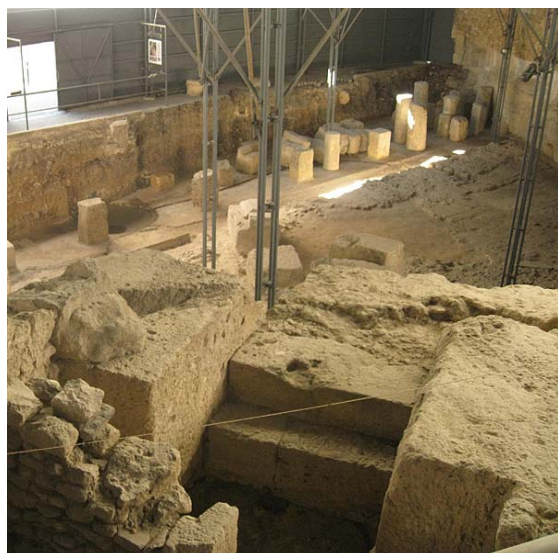
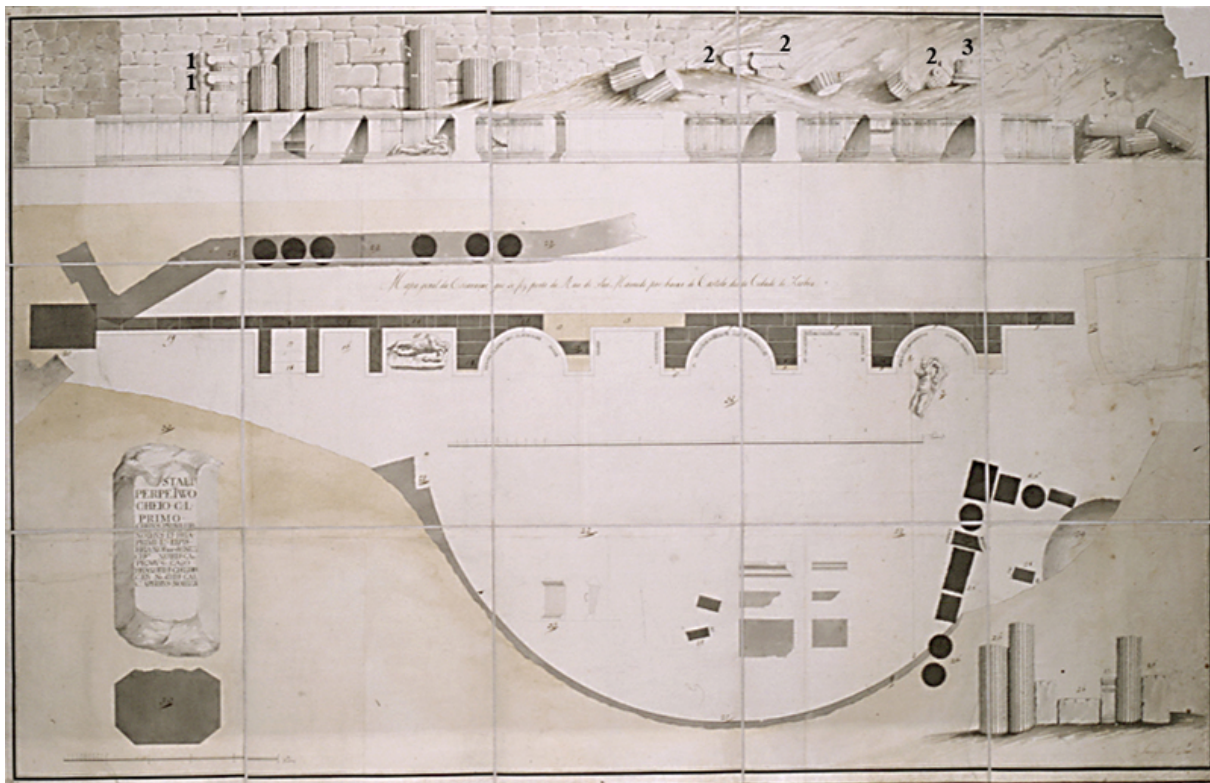


Figura 71 - Fustes de colunas num edifício pós-pombalino e aspecto geral das ruínas do teatro (www.museuteatroromano.pt)

Teatro de Lisboa

O teatro romano de Lisboa foi descoberto após o terramoto de 1755, durante a reconstrução pombalina, por volta de 1798, tendo sido realizada a primeira exploração e documentação do monumento pelo arquitecto régio Francisco Xavier Fabri. Os desenhos de Fabri ilustram a planta e o alçado da área do *frons pulpiti*, representando vários elementos arquitectónicos dispersos, incluindo vários fustes de colunas canelados, capitéis jónicos e elementos escultóricos, assim como detalhes da estrutura do muro do *frons pulpiti*, com as suas *exedras* claramente representadas, incluindo uma inscrição cinzelada referindo o patrono das obras da sua construção. Fabri desenha um grande muro em último plano, sobre o qual assenta vários capitéis e colunas, podendo ser parte do muro de suporte do *scaenae frons*, ou então um elemento imaginado, como artifício ilustrativo sobre o qual colocar as restantes peças descobertas. No ímpeto da reconstrução pombalina, e apesar das várias missivas ao rei no sentido de salvaguardar a descoberta, os vestígios do teatro foram novamente cobertos, construindo-se vários edifícios sobre a estrutura e reaproveitando inclusive alguns dos elementos arquitectónicos do teatro como material de construção. dos quais se destacam vários fustes de colunas utilizados na alvenaria de edifícios existentes sobre o teatro, e o desaparecimento de várias lajes do *frons pulpiti*, com a inscrição que dedicava o edifício ao imperador Nero, conhecidas através dos desenhos de Fabri, mas das quais só foi possível recuperar algumas peças, ignorando-se o destino das restantes⁵⁶.

As primeiras escavações de relevo decorreram entre 1964 e 1967 na área central do edifício, por D. Fernando de Almeida e posteriormente por Irisalva Moita. Entre 1989 e 1993 uma equipa camarária procedeu á escavação do sector Norte coincidente com parte da *ima cauea* e descobrindo-se o que foi identificado como sendo um sector do muro peribolar que marca o limite do teatro. Desde 2001 com a construção do museu do teatro romano, têm sido realizadas escavações na zona Sul junto do grande muro de suporte da *frons scenae*⁵⁷.

⁵⁶ DIOGO, A. M. D. 1993. O teatro romano de Lisboa - Notícia sobre as actuais escavações. *Teatro Romanos de Hispania - Cuadernos de Arquitectura Romana*, 2, pp. 217 - 224.

⁵⁷ FERNANDES, L. 2007. Teatro romano de Lisboa - os caminhos da descoberta e os percursos da investigação arqueológica. *Revista Almadán*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada.

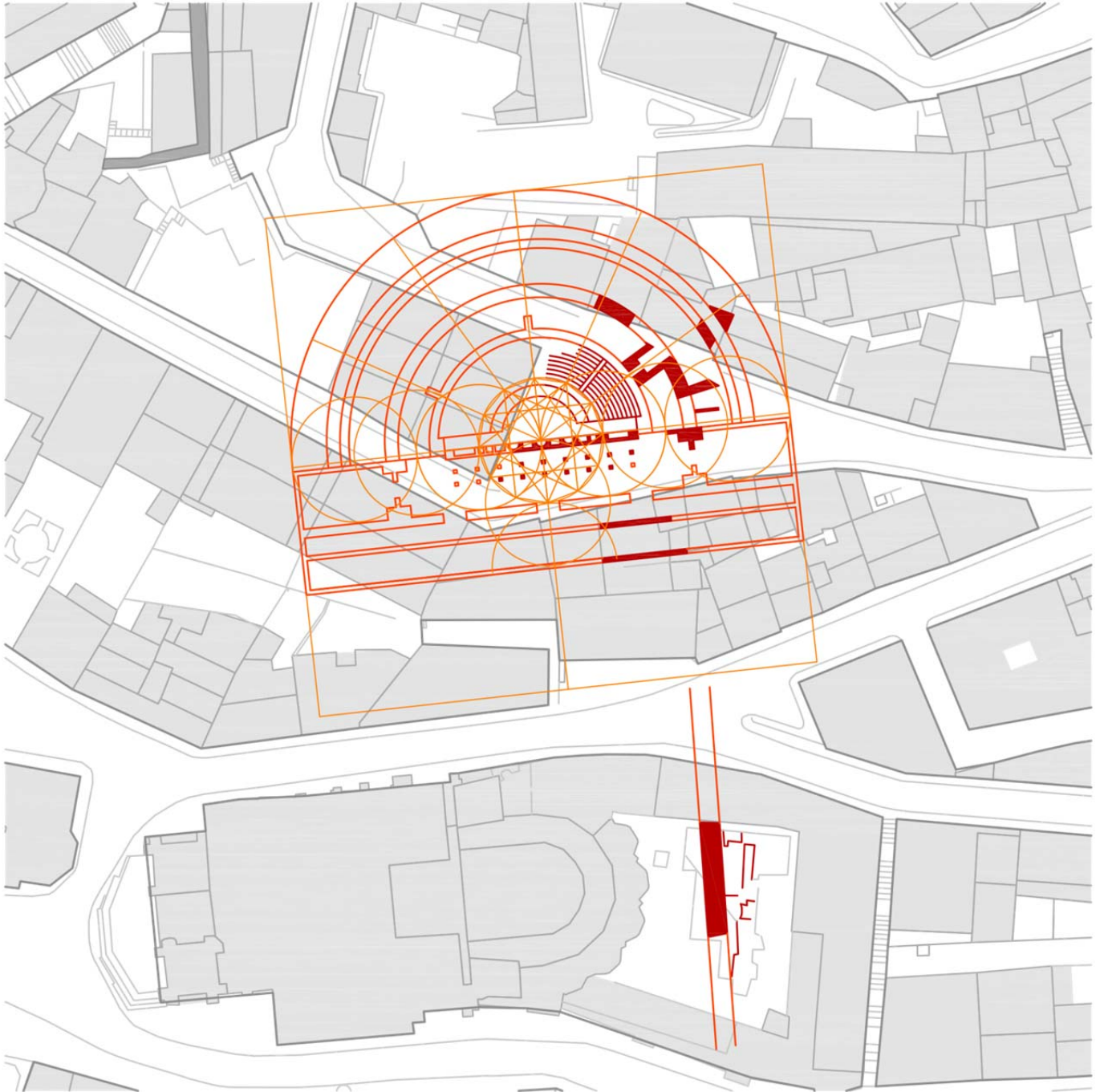


Figura 72 - Teatro de Lisboa, escala 1/1000
Pedro Martins

A estrutura do teatro era constituída na sua zona mais baixa por uma série de grandes muros paralelos com a função de talude e de suporte das fundações do *postcaenium* e da *frons scenae*. A *orchestra* e a *ima cavea* estavam directamente implantadas sobre a rocha, razão pela qual se encontram melhor preservadas. A partir da *media cavea*, o teatro desenvolvia-se, subindo a colina, apoiado numa estrutura de muros semicirculares concêntricos, sobre os quais estava a *media* e *summa cavea*. Os muros definiam também um conjunto de corredores internos semicirculares que davam acesso às saídas de espectadores na *cavea* (*vomitória*), fazendo a distribuição dos mesmos desde o acesso ao edifício até às bancadas. Um dos muros concêntricos descoberto no limite da zona Norte foi interpretado como pertencendo ao muro peribolar, ou seja, o limite exterior do edifício. No entanto conhece-se apenas a face interna do mesmo, pelo que é impossível afirmar com certeza que se trata de facto do limite do edifício⁵⁸. Apesar das reservas indicadas, com podemos afirmar que a dimensão total do monumento seria superior a 65 metros.

Considerando o módulo gerador do teatro como sendo um círculo de 35 pés (aproximadamente 20.7 metros) e utilizando-o para gerar a restante geometria do teatro segundo os princípios deixados por Vitruvio, e cruzando a informação com as características encontradas em outros teatros como o de Mérida e Clúnia, verificamos que o raio de curvatura do edifício corresponde a duas vezes a medida do módulo. Teríamos assim um diâmetro total de 4 vezes o módulo, ou seja 140 pés, aproximadamente 82 metros. Esta dimensão coloca o teatro de Lisboa próximo de outros teatros peninsulares de grandes dimensões como o de Mérida (86 metros) Itálica (75 metros) e Cartagena (87 metros), sendo sem dúvida um reflexo da importância da cidade.

O edifício teria sido edificado no início do século I, em época Augustana, sendo remodelado em meados do mesmo século como comprova a inscrição dedicada a Nero no *proscenium*. O abandono do edifício teria ocorrido em época tardo-romana ou visigótica, definido pela localização de uma habitação atribuível aos séculos V-VI sobre um dos *vomitória*. O monumento teria sido progressivamente absorvido pelo tecido urbano envolvente, sendo utilizado como fonte de matéria-prima para a construção de edifícios, que se acomodaram simultaneamente às suas ruínas, até ao seu encobrimento total. Este intenso reaproveitamento de elementos é ainda visível nos edifícios construídos junto do *postsacenum*⁵⁹ utilizando-o como apoio estrutural, assim como nos vários fustes de colunas reaproveitados para a construção de vários edifícios.

⁵⁸ Ibid.

⁵⁹ Ibid.



Figura 73 - Teatro de Lisboa, sobre a cartografia anterior ao sismo de 1755, escala 1/1000
Pedro Martins

A grande imponência dos muros de suporte e de fundação do teatro condicionou a implantação subsequente de edifícios que se lhe sobrepuseram, influenciando a morfologia da área até à reforma pombalina, época em que o traçado urbano foi radicalmente transformado.

A sequência de imponentes muros de talude em patamares aponta para a aplicação de um complexo plano urbanístico que condicionou de forma decisiva toda a topografia e morfologia urbana desta zona até à actualidade. De facto, observando o tecido actual, é notório o predomínio de um alinhamento Sul / Norte partilhado por vários edifícios, inclusive o teatro, apontando para a existência de uma quadrícula ortogonal que desceria desde o castelo até à zona ribeirinha.

Na comparação realizada com outros teatros, verifica-se frequentemente a colocação de um *peristilo* na área posterior do *postcaenium*. No entanto, no caso de Lisboa dificilmente poderíamos aplicar este esquema dada a grande pendente do terreno, podendo existir um peristilo de menores dimensões. De facto desenhando um quadrado com a medida do diâmetro da circunferência total do edifício e inserindo este quadrado sobre o teatro, obtemos um conjunto de alinhamentos a Sul sobre a antiga Rua Direita das Portas Travessas da Sé, que parece respeitar a geometria definida pelo teatro.

Analisando a colocação dos vestígios conhecidos e estimados sobre o mapa da cidade anterior ao terramoto e à reconstrução pombalina da zona, é possível verificar como o teatro condicionou a morfologia da zona, destacando-se claramente a área ocupada pelos fortes muros de suporte e o conjunto de edifícios que a eles se acostavam ortogonalmente. É também peculiar o modo como os dois acessos monumentais (*aditus maximus*) à *orchestra* e à *ima cavea* deram lugar a vias públicas, que contornavam a zona baixa do anfiteatro pelas bancadas. Por outro lado, nenhuma das escadas de acessos às bancadas (*cunei*) parece ter gerado espaços de circulação, pelo contrário e seguindo o paralelismo do *vomitorium*, escavado, todos os *vomitória* parecem ter sido ocupados com construções, pelo que podemos afirmar que nas *caveas*, os espaços de circulação posteriores não seguem o esquema de circulação original do edifício.



Figura 74 - Teatro de Coimbra, alinhado pelo criptopórtico, escala 1/1000
Pedro Martins



Figura 75 - Teatro de Coimbra, alinhado pela muralha, escala 1/1000
Pedro Martins

Teatro de Coimbra

O teatro romano de Coimbra teria existido na vertente norte da colina sobre a qual se situa a cidade. A sua identificação é até ao momento puramente conjectural, sendo baseada na leitura da morfologia urbana da zona que define uma grande estrutura semicircular com aproximadamente 60 metros, identificada por Vasco Mantas através do recurso á fotografia aérea⁶⁰. Inserindo sobre a malha urbana uma planta esquemática de um teatro romano, realizada com base nas regras definidas por Vitruvio, assim como num modelo delineado a partir da comparação com outros teatros, e fazendo coincidir os principais alinhamentos definidos pelos edifícios existentes com as linhas geradoras da geometria do teatro, é possível estimar a implantação de uma estrutura com aproximadamente 70 metros de diâmetro, ou seja, 150 pés romanos.

Considerando o alinhamento do *scaenae frons* do teatro como sendo paralelo ao do criptopórtico, como Vasco Mantas sugere, o seu perímetro semicircular é delineado na parte oriental pelo traçado da Rua das Flores e na zona Norte pela Rua João Jacinto que atravessa o eixo definido pelos *aditus maximus*, no lado Norte desta rua teríamos o *Scaenae frons*, hoje ocupado por edifícios. O beco da Anarda por outro lado parece seguir por um dos *cunei* laterais, dirigindo-se depois para um *cunei* central por onde saí do perímetro do edifício. Esta configuração parece ser a mais razoável face aos conhecimentos que temos do urbanismo romano da cidade de Coimbra, no entanto, o facto de esta orientação implicar que *post scaenium* seja intersectado pela muralha, torna esta hipótese pouco provável. Os poderosos muros de suporte paralelos, necessários à estabilização da vertente da encosta, para a construção do *Scaenae frons*, como os existentes no teatro de Lisboa, teriam sido certamente incorporados pela muralha, e nunca destruídos. Deste modo, a partir do traçado da muralha é possível definir a orientação do teatro no tecido urbano, que ficaria paralelo à mesma, com uma orientação coincidente com o *decumanus*, parcialmente escavado por Pedro Carvalho junto ao criptopórtico⁶¹.

Apesar do tecido urbano indiciar fortemente a existência de um teatro neste local, sem a realização de sondagens arqueológicas que comprovem ou desmintam esta hipótese, é impossível afirmar em rigor a sua existência.

⁶⁰ ALARCÃO, J. D. 2008a. Coimbra: a montagem do cenário urbano, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.

⁶¹ CARVALHO, P. 2010. Caminhando em redor do forum de Aeminium. *Studia Lusitana 4 - Cidade e foro na Lusitânia Romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.



Figura 76 - Teatro de Condeixa-a-Velha, escala, escala 1/1000
Pedro Martins

Teatro de Condeixa-a-Velha

Pedro Alarcão sugere em 2008 a localização de um teatro romano em Condeixa-a-Velha na vertente Norte do vale, próximo do anfiteatro⁶².

A vertente Norte do vale, a Oeste do anfiteatro, seria, o local ideal, para a construção de um teatro, como sugere Alarcão, uma vez que permite resguardar os espectadores da exposição directa do sol, em conformidade com as indicações de Vitruvio. O sítio aproveita o forte declive existente na zona para a implantação da *cavea* e encontra-se próximo do centro da cidade e de outros edifícios importantes como o forum e o anfiteatro. De facto, é possível encontrar nessa área um conjunto de vestígios sugestivos da localização de um teatro, tais como, duas vias radiais com origem num ponto comum central ao espaço, ou dois muros de talude radiais concêntricos sobre o mesmo ponto de origem das vias referidas e um pequeno muro e talude orientados também para o mesmo espaço central de origem das vias. Finalmente, Alarcão refere também um conjunto de indícios de fundações sob a muralha. Esta implantação apresenta também fortes paralelismos com outras cidades romanas onde anfiteatro e teatro são localizados em proximidade, como é o caso de Mérida ou mesmo Braga.

Estes vestígios são na sua maioria construções modernas que podem ter preservado um conjunto de orientações pré-existentes, com origem em estruturas romanas sobre as quais se implantaram. Considerando estes alinhamentos, é desenhado um edifício com aproximadamente 60 metros, o que corresponde à utilização de um módulo com 50 pés romanos, medida utilizada com frequência em teatros de pequenas dimensões.

Sendo, como afirma Pedro Alarcão, “uma hipótese formada entre a razão e a intuição”⁶³, no que em língua inglesa se refere como “educated guess”, a topografia e morfologia urbana de Condeixa-a-Velha sugere de facto fortes indícios da existência de um teatro romano no local, tornando-se fundamental uma análise mais detalhada para a confirmação desta hipótese.

⁶² ALARCÃO, P. 2008b. Entre a razão e a intuição: contribuições para a identificação do Teatro Romano de Conímbriga. *Seminário Internacional de Arquitectura e Arqueologia – FAUP 2008*. Porto: FAUP publicações.

⁶³ CARVALHO, P., ALARCÃO, J. D., ANDRÉ, P., BARRELAS, P., SANTOS, F. P. D. & SILVA, R. C. D. 2009. *O Forum de Aeminium - A busca do desenho original*, Coimbra, Instituto dos Museus e da Conservação. p. 138.



Figura 77 - Vista do muro peribolar
Jovemcoop (www.forum.bracarae.com/viewtopic.php?p=55596)



Figura 78 - Área das basílicas laterais
Jovemcoop (www.forum.bracarae.com/viewtopic.php?p=55596)

Teatro de Braga

A descoberta do teatro romano da cidade de Braga insere-se no amplo estudo que tem vindo a ser realizado pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho desde 1977, a partir do Projecto de Bracara Augusta. O projecto integra e centraliza toda a informação produzida pelos diferentes trabalhos arqueológicos que vão sendo realizados na cidade, permitindo obter uma visão abrangente da evolução da cidade de Braga. Durante a escavação do limite Norte das termas romanas na área do Alto da Cividade foi detectada uma grande estrutura semicircular, apoiada em contrafortes, identificada como o muro perimetral de um teatro⁶⁴.

O muro seria, sustentado por grandes contrafortes em silhares almofadados, tendo uma espessura aproximada de 4 metros, o que aponta para a existência de um pórtico semicircular no seu topo, coroando a *summa cavea*. Ao longo da sua fachada exterior existiriam várias portas que davam acesso aos vários níveis internos do teatro e à *summa*, *imma* e *media cavea*, através de uma calçada que rodeava o edifício, descendo a colina. Na zona inferior foi possível escavar parte da *orchestra* com um diâmetro máximo de 21 metros. A Norte desta localizou-se o seu corredor de acesso e uma pequena basílica de ligação com a *scenae frons*.

A análise da diferença entre as cotas do topo da colina e da zona inferior do teatro permitem estimar a altura máxima do edifício em cerca de 13.20 metros, possuindo uma dimensão considerável com um diâmetro total de aproximadamente 72 metros. O edifício teria sido provavelmente construído no séc. II, em época do imperador Trajano, talvez parte de um processo de monumentalização da cidade, localizando-se no remate ocidental da plataforma onde também se encontrava o forum e as termas, com as quais formava um espaço privilegiado da cidade romana. Nos finais do séc. III e inícios dos séc. IV dá-se o abandono da estrutura, iniciando-se o seu progressivo desmantelamento, muito provavelmente para construção da muralha.

⁶⁴ MARTINS, M., RIBEIRO, J. & MAGALHÃES, F. 2006. A arqueologia urbana em Braga e a descoberta do teatro romano de Bracara Augusta. Forum.

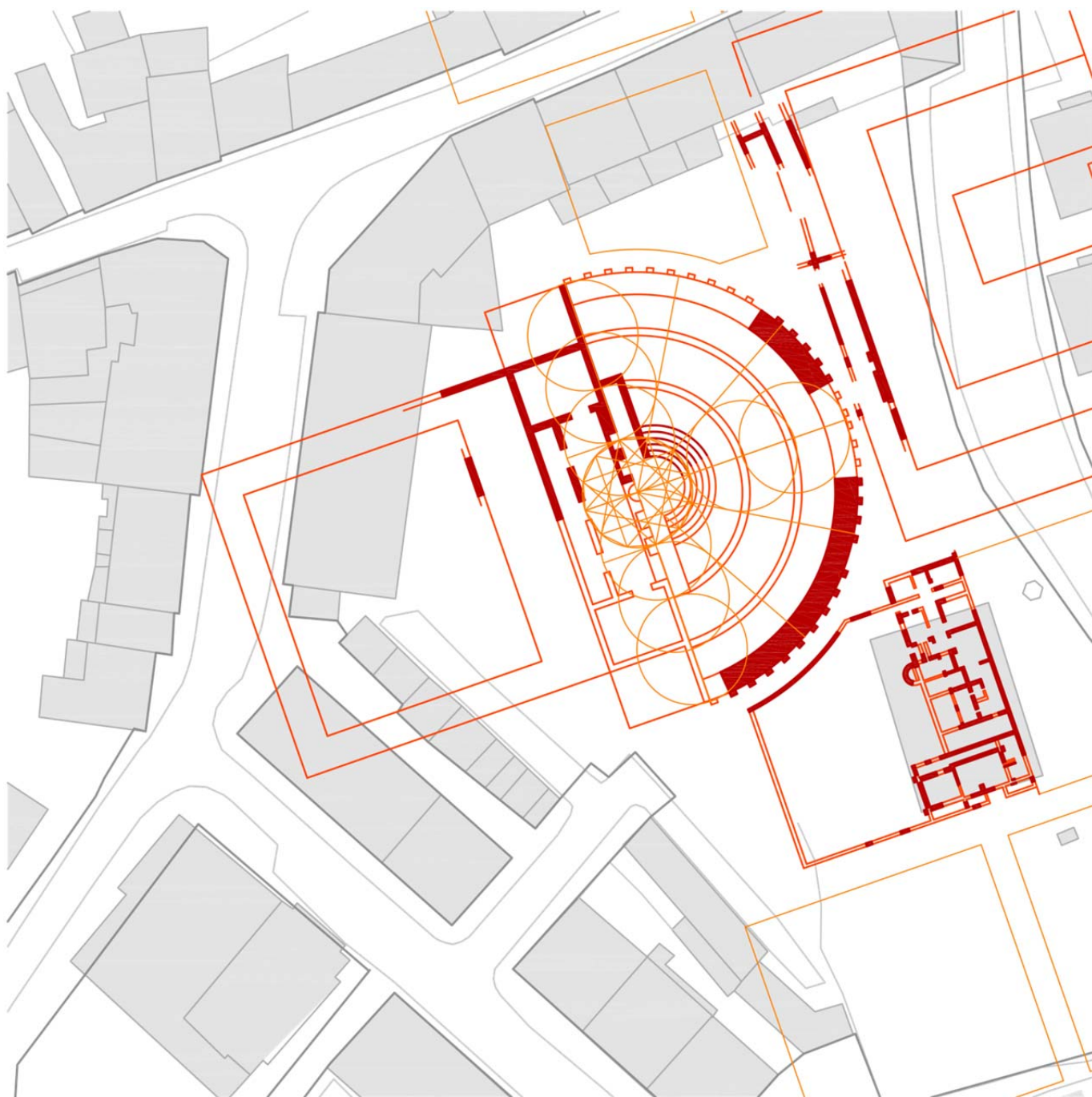


Figura 79 – Teatro de Braga, escala 1/1000
Pedro Martins

A zona Sul da *cavea* foi profundamente destruída nos anos 70 pela abertura de uma vala com o objectivo de abrir uma rua que ligasse a zona baixa da colina com a zona alta. O projecto de urbanização do espaço viria a ser abandonado pela dificuldade em realizar os desaterros necessários, uma vez que o edifício se implanta directamente sobre a encosta rochosa⁶⁵.

Analisando a morfologia urbana do local, é notório o modo como se apresenta totalmente desarticulada do espaço pertencente ao teatro, não havendo nada na mesma que indicie a existência de esta estrutura. Tal facto pode dever-se, por um lado, ao enorme hiato que existiu entre o abandono do teatro e a expansão moderna da cidade, pelo que, aquando da construção do tecido contemporâneo já não existiriam vestígios que pudessem condicionar a sua implantação. No entanto, por outro lado também a construção da cidade moderna se faz de lógicas próprias que apagam e ignoram muitas vezes, estruturas pré existentes. Tal teria sido o caso também do teatro romano de Braga, não fosse a sua topografia e implantação sobre um maciço granítico.

⁶⁵ Ibid.



Figura 80 - Topografia do teatro romano de Beja, escala 1/1000
Pedro Martins

Teatro de Beja

A localização proposta para o teatro romano de Beja está associada à identificação de um conjunto de vestígios entre a Rua de S. Gregório, a Rua da Guia, a Travessa Funda e as traseiras da igreja de S. Tiago, por Félix Caetano da Silva em 1792. Jorge de Alarcão considera provável que estes vestígios pertençam a um teatro romano, apesar de até ao momento não existir nenhum elemento que permita verificar esta identificação⁶⁶

Vasco Mantas apresenta a primeira hipótese para a configuração provável do teatro romano de Beja no seu estudo sobre o urbanismo romano da cidade, realizado com base na teledetecção aérea. Deste modo, Vasco Mantas constrói uma hipótese para a forma urbana da cidade no período romano afirmando que “a estrutura urbana de Beja conservou as linhas fundamentais do traçado romano”. O teatro aparece assim integrado no urbanismo da cidade no local descrito por Félix Caetano da Silva onde, segundo Mantas, se encontra uma anomalia nas fotografias aéreas. Por outro, lado segundo Conceição Lopes, a orientação da pendente não parece favorecer a implantação de um teatro nesta zona, não destacando nenhuma anomalia na análise do parcelário local. Assim, ao contrário do proposto por Vasco Mantas e dada a ausência de qualquer elemento construtivo, Conceição Lopes considera que “sem trabalho arqueológico não há legitimidade para deduzir qualquer edifício”, propondo talvez um circuito alternativo para a muralha medieval neste local⁶⁷.

No entanto, e contrariando a afirmação de C. Lopes, a análise de plantas topográficas⁶⁸ da zona evidencia claramente a existência de uma ampla bacia semicircular, desde a cota 269 até à cota 259, com um diâmetro aproximado de 70 metros. Para além da evidente marca no relevo, não existem indícios seguros da existência de um teatro nesta zona, uma vez que, tal como foi referido por C. Lopes, o tecido edificado não parece indicar existência de uma grande estrutura semicircular

⁶⁶ LOPES, M. D. C. 2003. *A cidade romana de Beja - Percursos e debates acerca da "civitas" de PAX IVLIA*, Coimbra, Universidade de Coimbra. p. 201,

⁶⁷ Ibid. p. 201.

⁶⁸ MARTINS, J. C., MASSAPINA, A. V. & MASSAPINA, J. V. 1981. *Beja Centro Histórico plano de salvaguarda e recuperação*, Câmara Municipal de Beja.



Figura 81 - Teatro de Beja, escala 1/1000
Pedro Martins

Os teatros romanos podem ser considerados como casos paradigmáticos de estruturas antigas que são absorvidas pelo tecido da cidade, deixando um conjunto de pistas morfológicas de fácil leitura no tecido urbano através, por exemplo, da preservação dos massivos muros concêntricos e radiais de suporte da *cavea*. Deste modo caso se verifique a existência de um teatro romano neste local, qual será a razão para a inexistência no tecido edificado de uma evidente cicatriz morfológica? A solução poderá estar no facto de o teatro romano de Beja ter sido implantado directamente sobre a encosta, de um modo idêntico ao teatro de Braga. Nestes casos, o desmantelamento da *cávea* raramente deixa os evidentes alinhamentos concêntricos e radiais que facilmente denunciam a presença de um teatro. Tal como em Braga o desmantelamento da *cávea* pode quase resumir-se à destruição do muro perimetral e à pilhagem dos silhares de assento, resultando num terreno relativamente desimpedido que não apresentaria fortes condicionantes á implantação de novas edificações. Assim, as principais estruturas edificadas que pudessem condicionar a morfologia urbana do local seriam o muro perimetral e o conjunto de espaços que definem a *Scaenae frons*, o *Postscaenium* e as *Basilicas* laterais. Observando a morfologia urbana da zona é possível destacar estas duas áreas distintas, uma de tendência regular e ortogonal na zona mais baixa do declive junto á muralha, que se pode associar à apropriação dos vestígios do *Scaenae frons*, e outra no topo da bacia formando um conjunto de edifícios que convergem radialmente para um centro comum, zona que se pode associar aos vestígios do muro perimetral.

Utilizando como guia a bacia topográfica existente e o conjunto de edifícios que convergem para um centro comum, é possível definir uma estrutura semicircular com aproximadamente 80 metros de diâmetro, correspondente a 272 pés, ou seja 4, vezes um módulo de 68 pés. Utilizando uma planta esquemática, realizada com base em Vitruvio assim como na comparação com outros edifícios conhecidos, é possível gerar uma planta esquemática perfeitamente enquadrada no tecido edificado existente, destacando-se inclusive o facto do traçado da muralha parecer seguir um alinhamento gerado a partir da geometria do teatro,

Deste modo discordamos de C. Lopes quando afirma que nem a topografia nem o parcelário parecem indicar a existência de um teatro. No nosso entender, verifica-se o oposto, dado que tanto o parcelário ou morfologia urbana como a topografia apresentam fortes indícios da sua existência. Estes indícios terão que necessariamente ser confirmados através da realização de sondagens arqueológicas sem as quais permanecem como meramente hipotéticos

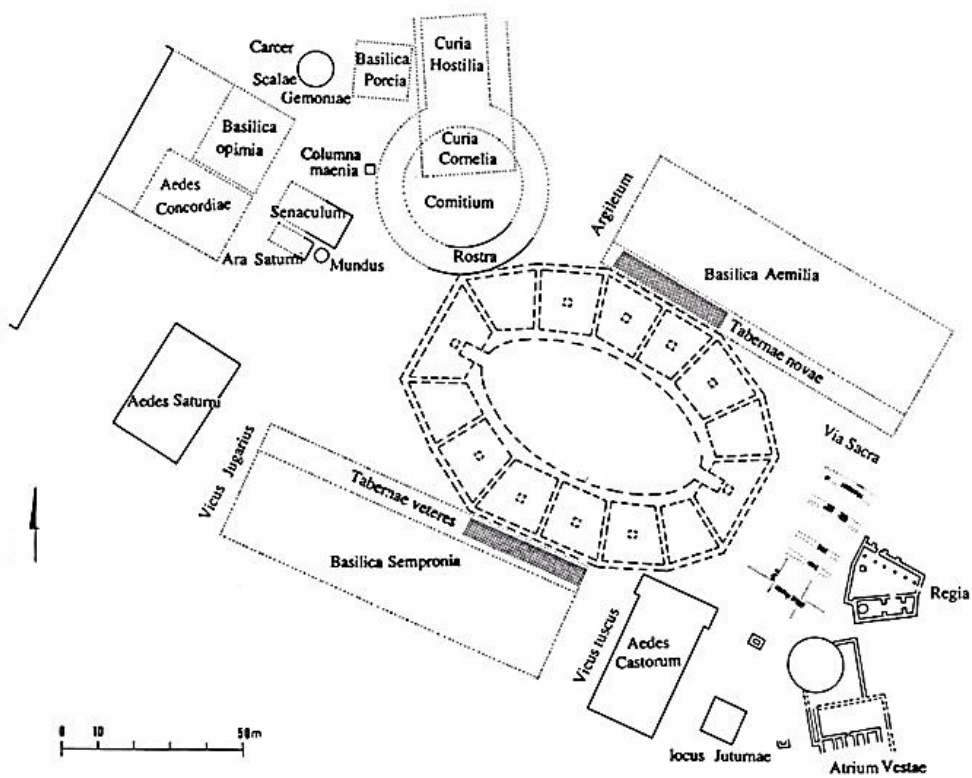


Figura 82 - Restituição do plano de um anfiteatro temporário no Forum de Roma
K. Welch (Gros, 1996)

2.4 – Anfiteatro

Os anfiteatros são edifícios destinados a receber espectáculos de combates simulados (entre gladiadores), combates com animais (*venationes*) e por vezes execuções públicas. O seu nome em latim- *amphiteatrum*, pode ser decomposto em “amphi” (dois) e teatro, remetendo para a noção de que o edifício é composto por duas *caveas* de teatros viradas uma sobre a outra, criando um edifício de natureza circular orientado sobre um ponto central. O nome indicia uma origem para o edifício a partir dos teatros romanos, no entanto a história do desenvolvimento arquitectónico desta tipologia é mais complexa do que o seu nome deixa antever. De facto, a noção da aorigem do anfiteatro como uma derivação de um teatro não tem fundamento. As primeiras referências a edifícios especificamente denominados de anfiteatros provêm do final do período republicano, mas o edifício tem uma origem que remonta aos primeiros espectáculos de gladiadores⁶⁹,

A introdução de espectáculos de gladiadores na Etrúria e na Campânia, está documentada a partir do séc. IV a.C. referindo-se a combates fúnebres com um carácter mais agonístico que sacrificial. O primeiro registo de um combate em Roma reporta-se a 264 a.C., quando se realizaram vários combates em honra do falecido *Decimus Junius Brutus* por 3 duplas de gladiadores no *Forum Boarium*. Todos os espectáculos registados posteriormente até ao final da república realizaram-se em arenas provisórias de madeira, montadas na praça central do Forum Romano, utilizando inclusive os pórticos das basílicas como bancadas adicionais de espectadores.

A crescente popularidade dos jogos de gladiadores e a perturbação causada pela construção de estruturas temporárias no forum levou a que se optasse pela mudança do espaço de realização dos jogos para a zona do Campo de Marte, sendo o primeiro edifício específico para a realização de espectáculos de gladiadores, o anfiteatro de *Statilius Taurus*, concluído em 29 a.C. Esta data pode considerar-se tardia quando comparada com outras cidades itálicas, algumas das quais já dispunham de anfiteatros definitivos desde o final do séc. II a.C.⁷⁰.

No séc. I a.C. o anfiteatro possuía já um conjunto de características essenciais estabilizadas, dando um aspecto unitário aos edifícios construídos.

⁶⁹ GROS, P. 1996. *L'architecture romaine. I. Les monuments publics*, Paris, Picard.

⁷⁰ Ibid.

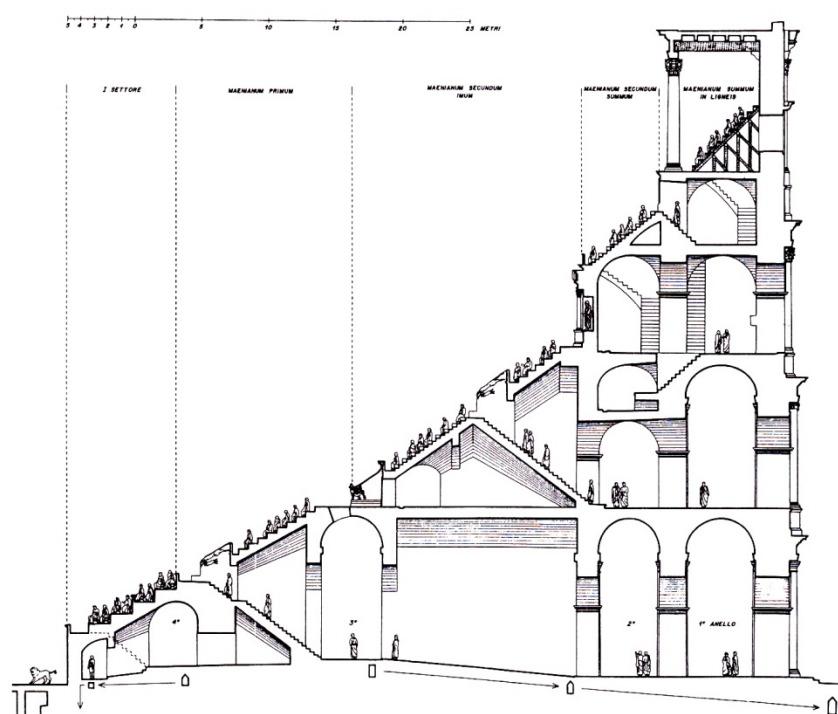


Figura 83 - Secção do Coliseu
R. Rea (Gros, 1996)

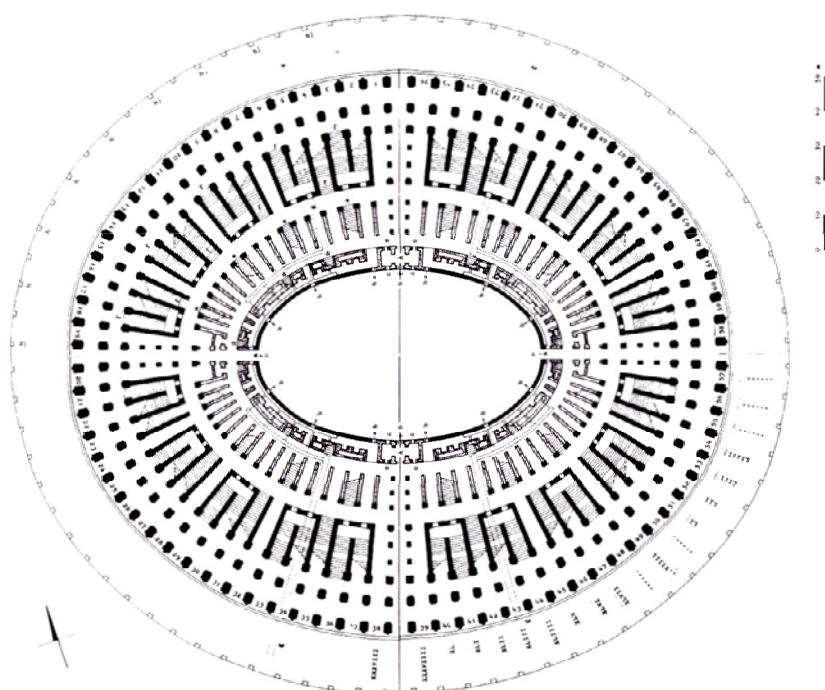
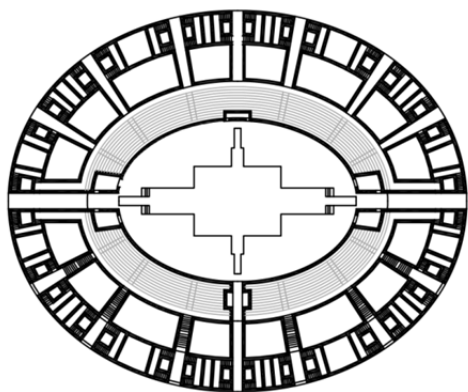


Figura 84 - Planta do Coliseu
J. C. Golvin (Gros, 1996)

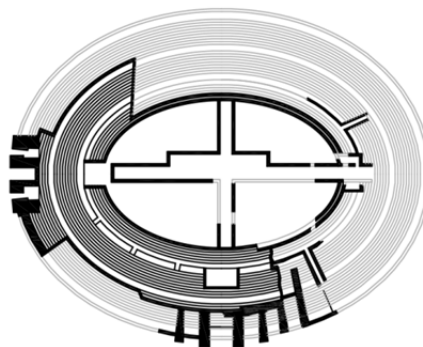
A concepção do anfiteatro revela um cuidado na sua elaboração superior apenas à junção de duas secções semicirculares de um teatro. O seu desenho adota quase sempre uma forma de uma elipse, não sendo claras as razões exactas para a escolha desta geometria, que pode estar relacionada com a axialidade gerada pelos dois acessos monumentais ou por razões cenográficas. O processo utilizado para o desenho da forma elíptica também não é conhecido com exactidão, existindo alguma discussão em redor da geometria rigorosa adoptada para a sua construção, que mais do que uma elipse poderá na verdade consistir numa forma oval criada a partir de várias circunferências, sendo possível gerar esta forma a partir de 4, 8 ou mesmo 12 circunferências. É possível que diferentes anfiteatros tenham resultado de diferentes formas de gerar a geometria da curva, cada uma com pequenas variações, tornando difícil compreender com rigor qual o processo de desenho utilizado. Vários autores apontam a convergência radial dos muros concêntricos para quatro centros em vários anfiteatros como indicadora da utilização de uma geometria oval gerada a partir de oito circunferências na maior parte das situações⁷¹. Considerou-se para este estudo esta forma simples adequada para a compreensão dos alinhamentos presentes nos tecidos urbanos como resultado da apropriação de anfiteatros.

Estruturalmente o anfiteatro apresenta várias semelhanças com o teatro. As bancadas organizam-se geralmente do mesmo modo numa estrutura hierárquica tripla composta por *media*, *summa* e *imma cavea*, por vezes também denominadas como *Maenianum*, e separadas por corredores de distribuição circulares aos quais se acedia através de escadas radiais com o nome de *cunnei*. O acesso à arena era realizado por duas grandes entradas monumentais dispostas axialmente ao longo do eixo maior, com os nomes de *porta triumphalis* por onde entravam os gladiadores e *porta libirtinesis* por onde eram retirados os mortos ou feridos. Sobre o eixo menor estavam acessos reservados a magistrados, sacerdotes ou outros elementos de destaque na sociedade romana. A arena estava separada da *cavea* por um *podium* elevado, como modo de garantir a segurança da assistência dado que as lutas que se desenrolariam na arena, por vezes utilizavam animais selvagens.

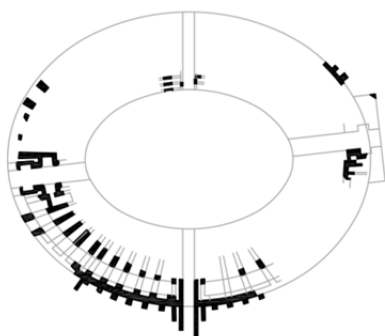
⁷¹ TREVISAN, C. 1999. Sullo schema geometrico costruttivo degli anfiteatri romani: gli esempi del Colosseo e dell'Arena di Verona. Disegnare idee immagini - Il Colosseo studi e ricerche. Roma: Gangemi Editore.



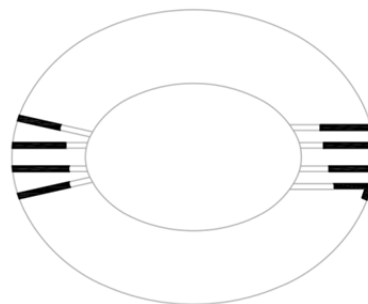
Anfiteatro de Mérida
J. C. Golvin (Gros, 1996)



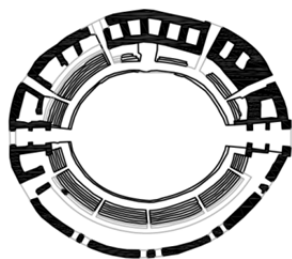
Anfiteatro de Tarragona
(Dupré, 1992)



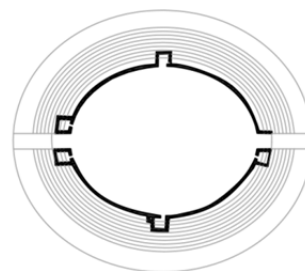
Anfiteatro de Cartagena
(Ballester et al., 1992)



Anfiteatro de Condeixa-a-Velha
(Correia, 1992a)



Anfiteatro de Segóbriga
(Almagro and Almagro-Gorbea, 1992)



Anfiteatro de Bobadela
(Frade and Portas, 1992)

Figura 85 - Comparação entre vários anfiteatros romanos
Pedro Martins



Os anfiteatros eram geralmente construídos na periferia das cidades, a uma distância curta mas exterior aos limites da mesma. Este facto poderá estar relacionado com o funcionamento dos espectáculos, que pelo uso de animais, realização de execuções, ou a necessidade grandes estruturas de apoio, seriam de difícil gestão no interior da urbe. Assim, a localização dos anfiteatros privilegia zonas na proximidade exterior das cidades, frequentemente junto a importantes vias de acesso. Por outro lado, a localização deste tipo de equipamentos, pelo seu elevado custo, tendeu também a procurar relevos que possibilitassem, como nos teatros, a construção de parte ou da totalidade da *cavea* sobre encostas, permitindo poupar na quantidade de trabalho requerida para a sua edificação.

Na Hispânia, o primeiro registo de combates de gladiadores é referente aos combates de carácter funerário realizados no ano de 207 a.C. em Cartagena (Cartago Nova). No entanto, a tradição de prestar honras fúnebres através da realização de combates poderá também ter raízes nas culturas indígenas hispânicas ao invés de se tratar meramente de uma importação romana. Um dos mais importantes eventos deste género registados é relativo ao funeral de Viriato, que teria tido 200 pares de lutadores combatendo em sua honra. Uma diferença importante em relação às cerimónias itálicas parece residir no facto de, ao contrário das tradicionais lutas de gladiadores em que eram empregues escravos, nos casos hispânicos indígenas as lutas decorriam entre os membros de classe elevada, que lutavam pelo poder e pela honra do falecido⁷².

Os primeiros anfiteatros romanos hispânicos terão sido construídos em época Augustana, procurando reproduzir o modelo de anfiteatro comum nas cidades da península itálica. As suas dimensões, como nos teatros, podem aproximadamente agrupar-se em quatro intervalos.

Dimensão Excepcional – Santiponce 152x130m, Córdoba 164x178m.

Grande dimensão – Mérida 126x102m, Tarragona 110x87m, Écija 130x107m,

Média dimensão – Cartagena 96x77m, Condeixa-a-Velha 98x86m.

Pequena dimensão – Segóbriga 74x66m. Bobadela 79x69m.

Os edifícios de Santiponce e Córdoba são excepcionais nas suas dimensões rivalizando com alguns dos maiores anfiteatros do império, tais como o Coliseu em Roma. As dimensões dominantes nos anfiteatros distribuíam-se entre os edifícios de grande e média dimensão.

⁷² MARTINEZ, J. M. 1992. Possibles precedentes prerromanos de los combates de gladiadores romanos en la península Ibérica. El Anfiteatro en Hispania Romana. Mérida: Junta de Extremadura.



Figura 86 - Escadinhas de S. Miguel
Pedro Martins



Figura 87 - Rua de S. Miguel
Pedro Martins

Anfiteatro de Lisboa

O teatro e o circo romano de Lisboa são até ao momento os dois únicos grandes edifícios de espectáculos conhecidos na cidade. A sua descoberta e análise ofereceu um importante contributo para a compreensão da cidade na época romana, assim como para as sucessivas transformações que sofreu ao longo do tempo.

A existência de um teatro e de um circo em Lisboa são sem dúvida um indício da importância económica que a cidade teria durante a época romana, tornando-se extremamente tentador considerar a possibilidade de a estes dois importantes edifícios se juntar um anfiteatro e deste modo completar a triologia dos tradicionais edifícios de espectáculos romanos (circos, teatros, anfiteatros). Colocando esta hipótese, qual seria o local mais indicado para a construção de um anfiteatro? Duas condicionantes relevantes para a construção deste tipo de edifícios limitam a escolha. Em primeiro, talvez resultado da associação à morte, os anfiteatros tendem a localizar-se em áreas periféricas, fora do perímetro da cidade e contíguas a importantes vias de acesso. Em segundo lugar, são preferencialmente escolhidos locais com uma topografia favorável que permita apoiar pelo menos parcialmente a *cavea* sobre o terreno e deste modo poupar recursos na construção do edifício.

Com estas condicionantes em mente, e lendo a topografia da cidade de Lisboa em conjunto com os vestígios conhecidos do período romano, duas zonas parecem ser as mais prováveis para construção de um anfiteatro: a vertente poente, onde hoje temos a Baixa, e o vale de Alfama. Ambas são exteriores ao que se pensa ser o limite da cidade romana e ambas apresentam declives favoráveis à construção de bancadas de espectadores.

Analisando em pormenor o traçado da cidade de Lisboa anterior ao terramoto, e considerando-o como herdeiro do traçado da cidade romana, uma zona de Alfama destaca-se claramente pela sua forma elíptica, frequente em tecidos urbanos edificados sobre anfiteatros. Esta zona apresenta claramente uma morfologia diferente do tecido urbano envolvente, e por conseguinte a sua génese poderá ser diferente do restante tecido, talvez relacionada com apropriação de estruturas pré-existentes.



Figura 88 – Anfiteatro de Lisboa, escala 1/1000
Pedro Martins

Analizando a morfologia urbana contemporânea da zona, e utilizando uma planta esquemática com a geometria geradora da elipse de um anfiteatro, alinhando-a com edifícios existentes na zona obtemos uma estrutura com uma dimensão aproximada de 96 x 78 metros, muito próxima das dimensões do anfiteatro de Condeixa-a-Velha (98 x 86 m)⁷³ e Cartagena (96 x 77 m)⁷⁴. A grande proximidade entre os alinhamentos utilizados para a criação da geometria do edifício romano com os alinhamentos presentes no tecido urbano e particularmente evidente na zona nascente. De facto, a zona nascente, para além de exibir de forma clara a convergência multicêntrica de alinhamentos típica dos anfiteatros, exhibe também uma pronunciada curvatura correspondente ao limite do perímetro do edifício romano, impondo-se sobre o restante tecido.

Esta dicotomia entre uma zona a nascente, na cota baixa, que obedece à estruturação geométrica existente num anfiteatro, e uma zona alta, fragmentada, obedecendo a outra lógica compositiva, poderá ser uma consequência da própria estrutura construtiva do anfiteatro. O anfiteatro seria construído segundo duas lógicas estruturais diferentes. A zona alta, em que a *cavea* seria directamente implantada sobre a encosta, e a zona baixa, em que a *cavea* seria suportada por uma complexa sequência de massivos muros radiais e concêntricos.

Durante o abandono e apropriação urbana da estrutura, as edificações erguidas na zona alta seriam construídas directamente sobre a *cavea* ou sobre os restos da mesma, ou seja, sobre a vertente rochosa da encosta, segundo lógicas próprias, relacionadas mais com o declive que com as poucas pré-existências sobreviventes. Pelo contrário, na zona baixa, mesmo após um significativo desmantelamento da estrutura, sobreviveriam inúmeros vestígios dos muros de suporte da *cávea* que condicionariam de forma significativa a disposição dos novos edifícios, que deste modo viriam a reflectir as pré-existências sobre as quais se implantaram até à actualidade.

Outro aspecto relevante da zona, refere-se à existência de dois edifícios de culto construídos sobre o possível perímetro do anfiteatro. A implantação de locais de culto no interior de anfiteatros romanos não é de todo invulgar, sendo conhecidos na península os casos da Igreja de S. Pedro Maximinos sobre o anfiteatro de Braga, a Igreja de S. Maria del Mar talvez sobre o anfiteatro de Barcelona e a Igreja de S. Maria del Milagro sobre o anfiteatro de Tarragona.

⁷³ CORREIA, V. H. Ibid. O anfiteatro de Conímbriga - Nota preliminar.

⁷⁴ BALLESTER, J., MORO, P. & CAPARRÓS, C. Ibid. El anfiteatro romano de Cartagena.

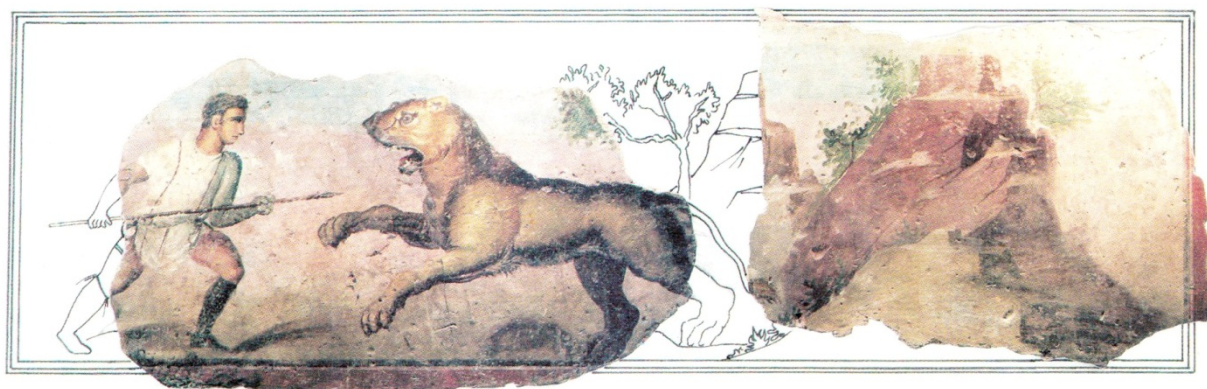


Figura 89 - Representação murais de *venationes* existentes no anfiteatro de Mérida (Martínez and Basarrate, 1992)



Figura 90 - Representação de S. Miguel presente na basílica de São Marcos em Veneza (www.gotterdammerung.org)

Sobre o hipotético anfiteatro romano de Lisboa teríamos duas igrejas com as invocações de S. Pedro e S. Miguel. A igreja de S. Pedro, edificada na zona Sul junto à torre de Alfama em data anterior a 1236, não teria sido reconstruída após o terramoto, estando hoje o seu espaço ocupado por um edifício de habitação. A igreja de S. Miguel teria originalmente a sua fachada virada para as Escadinhas de S. Miguel a Poente, tendo sido reconstruída entre 1673 e 1720 com uma nova orientação para Sul, originalmente a igreja poderia ter ocupado todo um sector do anfiteatro, estando a sua fachada orientada sobre a arena. Outro aspecto de interesse da igreja de S. Miguel, conforme mencionado por Rodrigo Banha da Silva, prende-se com a invocação da igreja a São Miguel Arcanjo:

“Depois travou-se uma batalha no céu: Miguel e seus anjos declararam guerra ao dragão. O Dragão e os seus anjos combateram. “
Apocalipse 12:7

Segundo o Novo Testamento, livro do Apocalipse, o Arcanjo S. Miguel lidera os exércitos de Deus, derrotando o Diabo, e assumindo frequentemente a representação de cavaleiro ou soldado empunhando uma lança com a qual mata um dragão que simboliza o mal.

Este tipo de representação é semelhante às representações conhecidas para um tipo de espectáculo frequente nos anfiteatros, com o nome de *venationes*. Estes espectáculos consistiam numa reprodução de cenas de caça, em que caçadores lutavam com animais selvagens, frequentemente empunhando apenas uma lança. A enorme popularidade que as *venationes* adquiriram durante os séculos chegou a rivalizar com as lutas de gladiadores, sacrificando-se por vezes centenas de animais exóticos trazidos de vários lugares do império. Como consequência da sua enorme popularidade e ao contrário de outros tipos específicos de espectáculos dos quais é difícil encontrar representações, são conhecidos inúmeras peças com imagens deste tipo de lutas, destacando-se vários exemplos conhecidos de pinturas murais que decoravam os *podiums* de anfiteatros como o de Pompeia ou de Mérida. A semelhança entre este tipo de representação documentada em anfiteatros romanos e a representação de S. Miguel levanta a possibilidade da invocação da igreja estar relacionada a uma imagem existente no anfiteatro à qual se associou posteriormente o culto.

,



Figura 91 - Arco poente do anfiteatro
Pedro Martins



Figura 92 - Arco nascente do anfiteatro
Pedro Martins

Anfiteatro de Condeixa

O anfiteatro romano de Condeixa-a-Velha permanece em parte conservado subsistindo os grandes arcos reaproveitados por construções modernas na zona central do vale em que se situa parte da aldeia. O conhecimento sobre a estrutura do edifício é ainda muito limitado. Os seus elementos mais visíveis e melhor estudados são compostos pelas aberturas existentes no eixo maior da elipse que desenha o recinto, com uma orientação Nascente / Poente e que fariam parte dos acessos monumentais à arena do edifício. A preservação destes elementos deve-se sobretudo ao facto de estarem localizados no eixo do vale e por conseguinte no local de maior deposição de sedimentos, que rapidamente os encobriram após o abandono da estrutura. Por outro lado, o facto se tratarem dos principais acessos do anfiteatro e estando localizados na zona do edifício em que a fachada seria mais elevada, obrigou a uma construção mais robusta e monumental, resultando numa estrutura extremamente sólida e resistente⁷⁵.

Os vestígios existentes tornam clara a presença de um anfiteatro desenhando uma elipse com dimensões próximas dos 98 x 86 metros. A medida do eixo maior da elipse encontra-se bem definida pelos vestígios das entradas monumentais da arena a nascente e a poente. Em relação ao eixo menor subsistem algumas dúvidas da sua dimensão exacta, que se encontra limitada pela largura do vale, estando provavelmente o seu extremo Sul no interior do perímetro definido pela muralha tardo-romana e o limite Norte sobre uma vertente rochosa, hoje intersectada por uma rua e ocupada por edificações contemporâneas.

No alçado poente, os acessos monumentais são constituídos por três abóbadas de perfil fusiforme, com uma extensão de cerca de 14 metros, sobre as quais existe hoje uma rua e um conjunto de edificações contemporâneas. O alçado nascente encontra-se hoje quase completamente aterrado, sendo visível apenas uma das abóbadas com uma extensão de cerca de 7 metros, funcionando como escoamento da linha de água que percorre o vale. Originalmente seria composto por três abóbadas de berço com dimensões semelhantes à extensão máxima do vão das abóbadas opostas da face poente⁷⁶.

⁷⁵ CORREIA, V. H. Ibid. O anfiteatro de Conímbriga - Nota preliminar.

⁷⁶ Ibid.

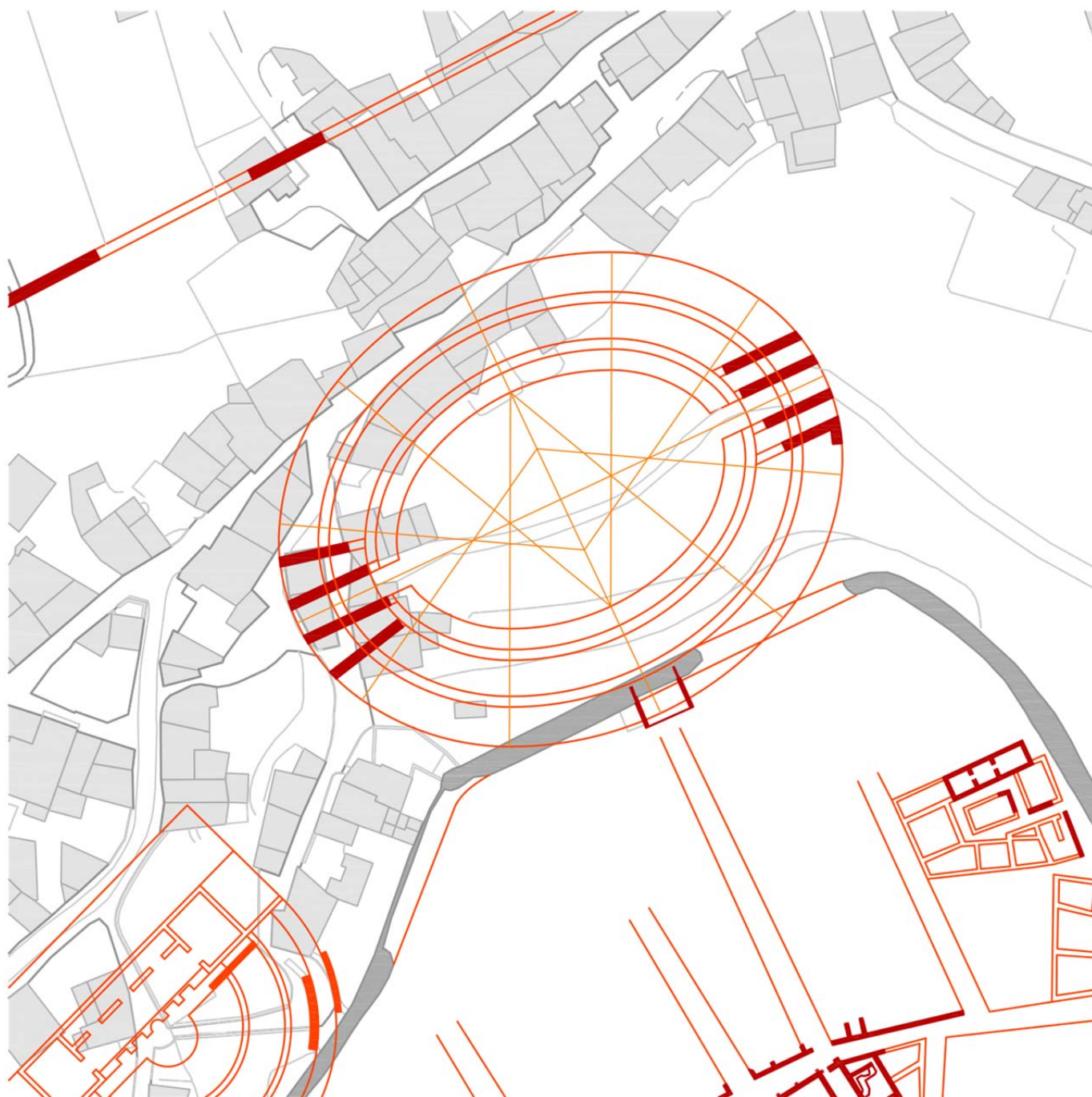


Figura 93 – Anfiteatro de Condeixa-a-Velha
Pedro Martins

O anfiteatro foi construído no centro do vale de modo a usar as suas vertentes como suporte da *cavea*, reduzindo os custos da sua edificação. Esta disposição permitia um acesso fácil aos níveis superiores do edifício, através de entradas de nível com o planalto onde se localizava a cidade de Conímbriga e em estreita articulação com os seus principais edifícios como o forum ou as termas.

A cronologia do edifício indica que o início da sua construção terá ocorrido provavelmente em época Claudio-Neroniana, tendo sido abandonado como consequência da construção da muralha baixo-imperial, talvez no séc. IV, em época Constantiniana ou durante a Tetrarquia⁷⁷. A sobreposição de edifícios que hoje temos sobre os vestígios do anfiteatro terá a sua origem antes do séc. XI, época em que o remanescente da população de Conímbriga terá gradualmente abandonado o planalto, concentrando-se na área do vale onde os vestígios do anfiteatro teriam certamente fornecido material para a construção de alguns dos edifícios que encontramos em Condeixa-a-Velha.

Analisando a morfologia das construções contemporâneas existentes na aldeia de Condeixa-a-Velha, sobrepondo uma planta conjectural do anfiteatro romano, é possível observar uma grande concordância entre alinhamentos definidos pelos vários elementos do mesmo e vários edifícios actuais, sendo especialmente evidente a sobreposição entre estruturas actuais e antigas, nas zonas poente e Norte do anfiteatro. A zona mais emblemática é claramente a área poente do anfiteatro onde se construíram vários edifícios sobre os vestígios, especialmente bem preservados, da entrada monumental para a arena, composta por três abóbadas. Este espaço estaria provavelmente ocupado na zona superior pela *summa cavea* existindo uma pequena rua sobre o que seria talvez o corredor de circulação entre a *media* e a *summa cavea*. Do mesmo modo na zona Noroeste do anfiteatro temos um conjunto de edifícios que parecem ocupar um sector da *media cavea*, limitados a Norte pela rua que corre sobre o espaço pertencente á *summa cavea* e a Sul sobre um pequeno aterro que coincide com o espaço da *imma cavea*.

O modo como os edifícios contemporâneos parecem ocupar os espaços pertencentes às *caveas* com ruas sobre os corredores de circulação poderá ser revelador da estrutura interna do anfiteatro assim como do modo em que a gradual destruição e apropriação do mesmo se verificou.

⁷⁷ Ibid.

Figura 94 - Pormenor da planta de Braga de José Teixeira no local de S. Pedro de Maximinos (Morais, 2010)



Figura 95 - Fotografia aérea de Braga (RAF 1947) assinalando-se o local do anfiteatro Rui Morais (Morais, 2010)

Anfiteatro de Braga

A primeira referência escrita referindo o anfiteatro de Braga é da autoria do arcebispo D. Rodrigo da Cunha em 1634, que ao descrever as ruínas dos grandes edifícios visíveis na paróquia de S. Pedro de Maximinos, refere:

...”junto à Igreja de São Pedro de Maximinos onde se mostram hoje ruínas de grandes edifícios, que dão testemunho de sua antiga majestade & ainda aparece hum como meo circulo lugar onde estaua o amphiteatro, em que os Bracharenses ao modo Romano celebrauão suas festas”...

No século seguinte Jerónimo Contador Argote (1732-34) realiza outra referência ao edifício:

“Fóra dos muros da Cidade, aonde agora está a igreja de S. Pedro de Maximinos, estava o amphitheatro, onde se celebravaõ as festas, e jogos públicos; era redondo, e ainda no tempo do Illustrissimo Cunha appareciaõ vestígios muito claros da sua fabrica”...”hoje com trabalho se divisão as taes ruinas”.

Estas duas referências constituem as principais evidências da existência e localização do anfiteatro romano na cidade de Braga próximo da igreja de S. Pedro de Maximinos, cujos vestígios e memória parecem ter desaparecido nos anos seguintes. A própria igreja de S. Pedro viria a ser demolida e reconstruída no local em que hoje se encontra, tendo sido o espaço onde se situaria a primitiva igreja completamente urbanizado nos anos 70, perdendo-se assim em definitivo qualquer referência física ao espaço ocupado pelo anfiteatro romano.

A aparente existência de uma igreja no interior do espaço do anfiteatro oferece paralelos interessantes com outros casos existentes na península, nomeadamente o caso do anfiteatro de Tarragona em cuja arena durante a época visigótica foi edificada uma pequena igreja em honra aos mártires⁷⁸, ou o caso da hipotética implantação da igreja de Santa Maria del Mar sobre o local do anfiteatro romano de Barcelona⁷⁹,

⁷⁸ DUPRÉ, X. Ibid.El anfiteatro de Tarraco.

⁷⁹ CARBONELL, J. S. 2011. Santa María de las Arenas, Santa María del Mar y el anfiteatro romano de Barcelona. *Revista d'Arqueologia de Ponent*.

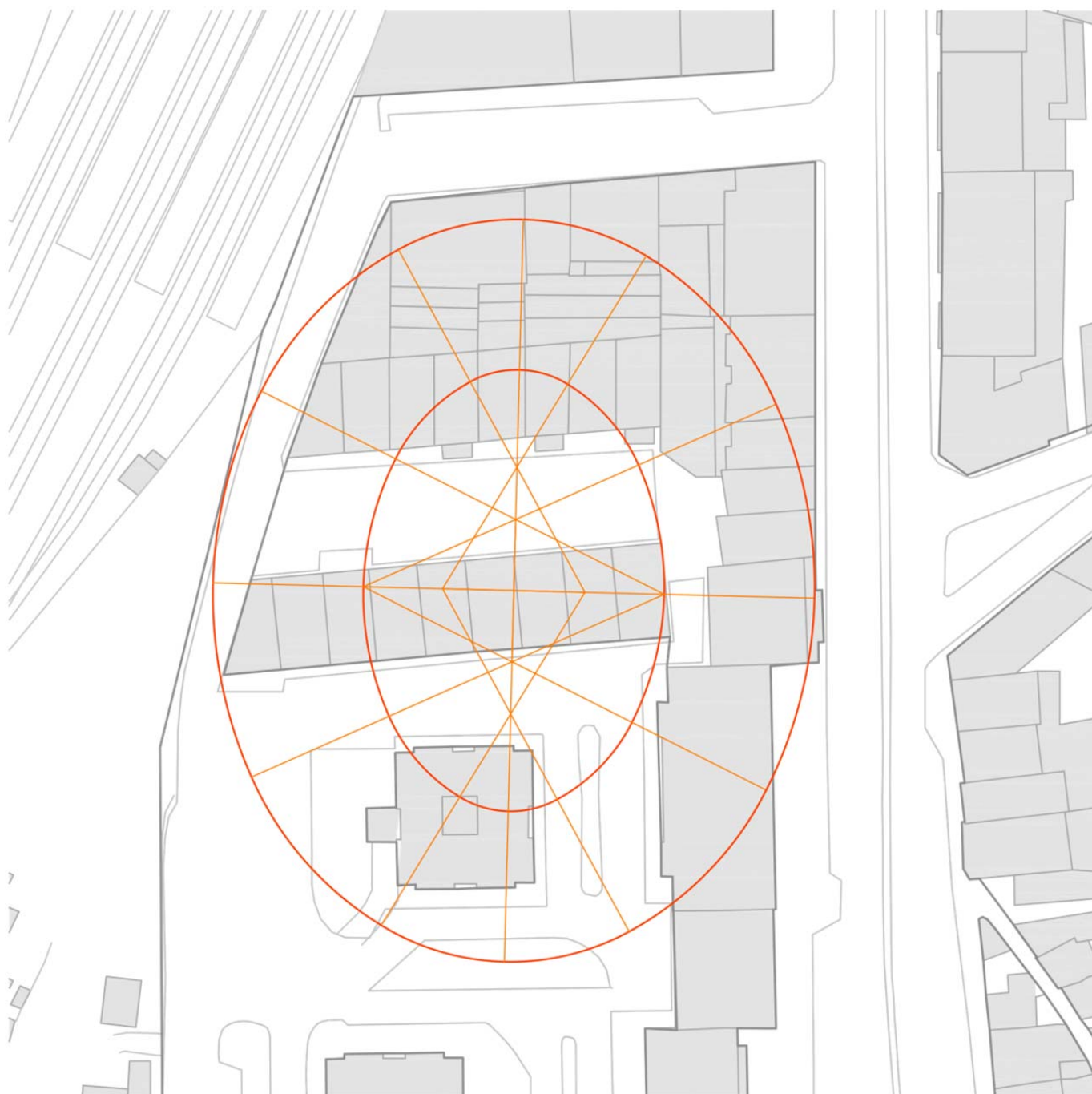


Figura 96 - Anfiteatro de Braga, escala 1/1000
Pedro Martins

Rui Morais em 2001 através do recurso a cartografia histórica, nomeadamente o mapa “Mappa da Cidade de Braga Primas” datado de cerca de 1756, localiza o espaço ocupado pela antiga igreja de S. Pedro de Maximinos, realizando seguidamente uma análise estereoscópica de fotografias aéreas da cidade tiradas em 1964 na área onde se localizaria a antiga igreja, antes de ser completamente urbanizada, identificando uma “mancha” correspondente a um meio círculo “seguramente resultante da adaptação a estruturas enterradas ou semi enterradas do anfiteatro romano” ⁸⁰

A partir da análise das imagens de Rui Morais, é possível estimar que o anfiteatro se aproximasse das dimensões do anfiteatro de Mérida ou seja 126 x 102 metros, com uma orientação Norte – Sul. A sua localização a Oeste da cidade, fora do perímetro muralhado e no alinhamento directo do *decumanus maximus*, actual rua de S. Sebastião, dar-lhe ia uma ligação directa com os principais edifícios da cidade, destacando-se o teatro romano, também localizado a Oeste junto do *decumanus maximus*.

Desenhado um plano esquemático para o anfiteatro com as dimensões propostas, segundo o modelo típico deste tipo de estruturas, é evidente que a forma elíptica descoberta por Rui Morais deverá ter condicionado a morfologia urbana da zona, criando os limites do espaço que viria a ser subsequentemente loteado e urbanizado.

A Hipótese de Rui Morais é particularmente interessante e merece consideração, no entanto sem o recurso a sondagens arqueológicas não é possível confirmar a localização deste edifício. As descrições existentes, referindo uma estrutura semicircular na proximidade da igreja de S. Pedro de Maximinos, são demasiado imprecisas, podendo ter por base outro tipo de vestígios erroneamente interpretados como sendo um anfiteatro ou inclusive referir-se à semicircunferência do teatro romano, cuja localização é também relativamente próxima.

⁸⁰ MORAIS, R. 2001. Breve ensaio sobre o Anfiteatro de Bracara Augusta. Análise do fotogramas de 1964. *Forum*, pp. 55 - 76.



Figura 97 - Circo romano Mérida
(Alfonso MS – www.panoramio.com)



Figura 98 - Circo romano Toledo
(BGIGIREY – www.panoramio.com)

2.5 - Circo

Os circos são frequentemente considerados como a versão romanizada dos hipódromos gregos. A sua função prende-se principalmente com realização de espectáculos hípicas, nomeadamente corridas entre carros puxados por pares de quatro cavalos (quadrigas).

As corridas de carros teriam surgido na Itália etrusca por influência grega no século VI a.C., tendo segundo a tradição o *Circus Maximus* sido o primeiro edifício deste tipo a ser construído em Roma, pelo rei etrusco Tarquino-o-Antigo, no local do vale entre o Palatino e o Aventino. Inicialmente uma estrutura relativamente informal e temporária, consistindo talvez numa adaptação do terreno e num conjunto de bancadas de madeira, a partir de Pompeu irá gradualmente monumentalizar-se.

Os vestígios ainda hoje observáveis serão o resultado de diversas ampliações e melhoramentos sucessivos, alguns realizados de forma quase anárquica, sobretudo no tratamento da decoração da *spina*, que irá receber ao longo do tempo vários monumentos, criando uma exótica colecção de todo o tipo de peças, desde golfinhos em bronze, revestimentos de mármore, obeliscos egípcios, tanques de água (*euripus*), assim como vários pequenos santuários.

O *Circus Maximus*, cujo processo de sucessivas ampliações e melhoramentos teria terminado em época Trajanânica, teria sido o maior edifício de espectáculos de Roma com 620 por 140 m, e uma capacidade estimada para receber cerca de 250 000 espectadores. Este edifício será o modelo que servirá de guia para a construção de todos os circos provinciais, procurando reproduzir os seus diversos componentes ainda que a uma escala mais modesta⁸¹.

⁸¹ GROS, P. 1996. L'architecture romaine. I. Les monuments publics, Paris, Picard.



Figura 99 - Mosaico do circo de Lyon
(www.connaissancedesarts.com)

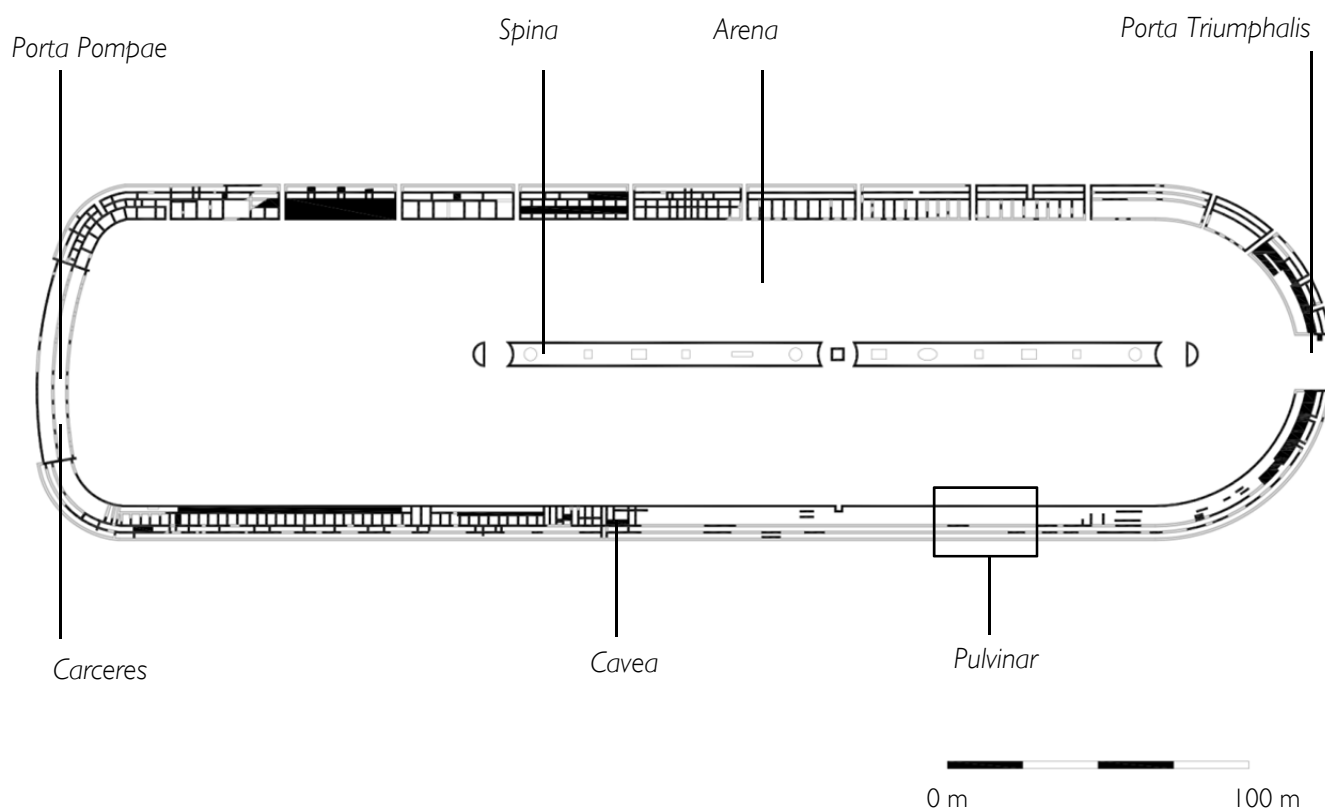


Figura 100 - Circo romano (Mérida)
(segundo planimetria existente no centro de interpretação do circo romano de Mérida)

Estruturalmente o circo apresenta grandes semelhanças com outros edifícios de espectáculos romanos tais como os teatros ou anfiteatros, seguindo lógicas construtivas e de estruturação das bancadas semelhantes. A arquitectura dos circos romanos é constituída pelos seguintes elementos principais:

Carceres – Edifício de onde saíam os carros, normalmente com 13 portas. A entrada central seria o principal acesso ao circo, e teria de ambos os lados dois conjuntos de seis portas. O número de portas de saída e por conseguinte de carros teria um simbolismo astrológico relacionado com os 12 meses do ano.

Porta Pompae – A porta central do edifício dos *carcere*, teria o nome de *Porta Pompae*. Seria através deste acesso que se realizaria a entrada no circo.

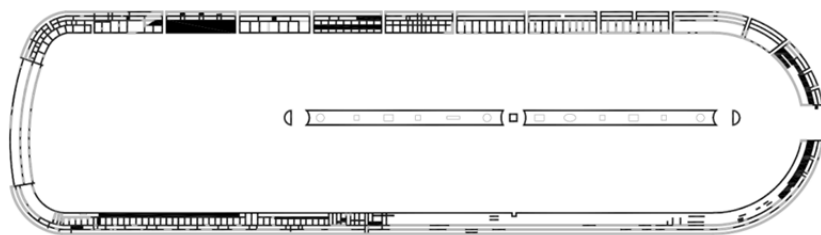
Porta Triumphalis – Na secção semicircular seria frequente existir um acesso triunfal ao circo normalmente sob a forma de um arco comemorativo como no caso do arco de Tito no *Circus Maximus* em Roma.

Cavea – Como os teatros e anfiteatros a *cavea* era o espaço destinado aos espectadores, podendo estar dividido em vários sectores segundo classes sociais.

Pulvinar – Secção particular da *cavea* destinada a elementos de destaque na sociedade, de modo semelhante a um camarote real. Estaria posicionado em alinhamento com a meta no lado oposto do circo.

Arena – Espaço central em que se realizariam as corridas.

Spina – Elemento central da arena, serviria de barreira em torno da qual as quadrigas circulariam. O espaço da *spina* era decorado com vários elementos, tais como tanques com água, obeliscos, templetes, altares, assim como sete ovos ou sete golfinhos em bronze assinalando cada volta.



Circo Mérida
(segundo planimetria existente no
centro de interpretação do circo
romano de Mérida)



Circo Toledo
(Sánchez-Palencia and Pascual, 2001)



Circo Valencia
(Lacomba, 2001)



Circo Sagunto
(Buyé, 2001)



Circo Miróbriga
(Barata, 2001)

0m 100m

Figura 101 - Comparação entre vários circos romanos
Pedro Martins

Nas províncias são frequentes os elementos iconográficos relativos a espectáculos de corridas de carros, no entanto são conhecidos relativamente poucos edifícios deste tipo, o que poderá indicar que os circos apesar de comuns, seriam construídos em muitos casos de estruturas temporárias em madeira ou de estruturas de alvenaria simples, deixando poucos vestígios construtivos. A análise dos poucos edifícios conhecidos na península aponta para a existência de três tipos de estruturas:

Grandes dimensões – Mérida 430x118m, Toledo 423x100m.

Média dimensão – Valencia 350x70m, Sagunto 354x73m.

Pequena dimensão – Miróbriga 359x77m.

Os circos de grandes dimensões, para além de relativamente maiores que a generalidade dos circos provinciais, apresentam uma estrutura com alguma complexidade, dispondo de bancadas com diversos, decorações complexas da *spina* e edifícios dos *carceres*; os edifícios de média dimensão, procuram reproduzir o aspecto dos circos maiores, apresentando no conjunto uma estrutura mais simples e de menores dimensões; finalmente os edifícios de pequenas dimensões, dos quais apenas foi possível registar o circo de Miróbriga, apresentam dimensões idênticas aos circos de média dimensão, mas com uma estrutura ainda mais simples de bancadas e *carceres* temporários em madeira.

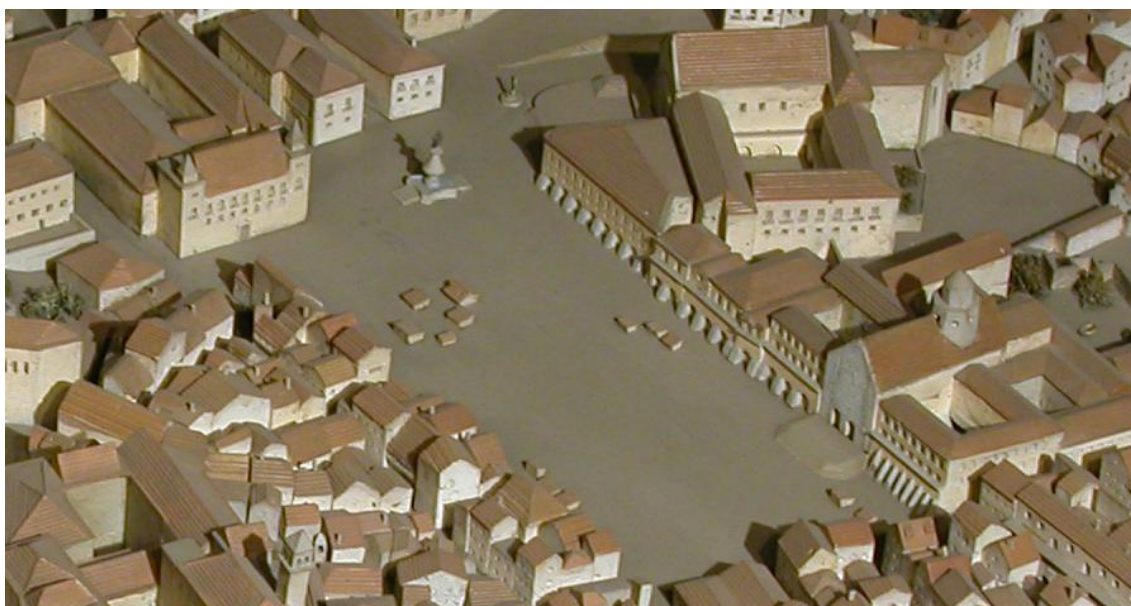


Figura 102 - Zona do Rossio na maqueta da cidade de Lisboa antes do terramoto de 1755
(www.aps-ruasdelisboacomhistris.blogspot.pt)



Figura 103 - Fotografia aérea do Rossio
(www.bingmaps.com)

Circo de Lisboa

O espaço do Rossio foi invariavelmente representado ao longo dos séculos como um espaço livre de utilização colectiva, longe do centro da cidade. Como é referido por Júlio Castilho, o próprio termo, *rocio* ou *recio*, denuncia a sua forma de utilização como uma superfície ampla e desocupada. O conhecimento da evolução do Rossio na antiguidade limitava-se a um conjunto de referências bibliográficas, destacando-se um relato descrevendo a descoberta de estruturas identificadas como romanas em 1571, durante a construção de um dormitório do convento de S. Domingos:

“sylhares de pedraria be lavrada & a partes grossos argolas de bröze travadas & pendentes della, como em caiz, pêra servire de amarrar navios”⁸²

Esta informação viria a condicionar toda a subsequente análise da evolução do espaço até recentemente, presumindo-se a existência de um braço de rio navegável e um porto romano na área do Rossio, ainda que Vieira da Silva alertasse já em 1899, que o eventual braço de rio deveria já em época romana encontrar-se totalmente assoreado na zona da praça da Figueira⁸³. Para além da descrição dos vestígios descobertos em S. Domingos em 1571, ao longo dos séculos várias lápides funerárias foram descobertas junto do convento construindo a ideia da existência de uma grande necrópole na zona, ideia que viria a ser confirmada nas escavações realizadas por Irisalva Moita na praça da Figueira em 1960, na sequência da expansão da rede de metropolitano, nas quais foi identificada uma ampla necrópole construída ao longo de uma via romana de acesso à cidade. Na sequência das escavações para o Metropolitano viria a ser analisada uma estrutura romana de grandes dimensões descoberta no subsolo do Rossio, tendo sido realizado o seu levantamento planimétrico e fotográfico⁸⁴.

⁸² VALE, A. P. D. 2001. O Circo de Olisipo. *El Circo en Hispania Romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.

⁸³ SILVA, V. D. 1899. *A Cêrca Moura*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa. p. 22.

⁸⁴ SILVA, R. B. 2005. *As “marcas de oleiro” em terra sigilata da Praça da Figueira: uma contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc.I a.C.-séc.II d.C.)*. Mestrado Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arqueologia, Universidade do Minho - Instituto de Ciências Sociais.



Figura 104 – Circo de Lisboa sobre a cartografia anterior ao sismo de 1755, escala 1/2000
Pedro Martins

A estrutura descrita por Irisalva Moita seria reanalisada nos anos 90 por uma equipa do IPPAR, que a identificou como parte da *spina*, de um circo romano sendo constituída por um amplo tabuleiro que teria no topo uma sucessão de bacias com água (*euripus*), das quais se encontrou o pavimento e vestígios das paredes. A decoração lateral da *spina* seria realizada através da colocação de placas de mármore de tonalidade rosada como revestimento do muro central⁸⁵.

A cronologia de construção e utilização e abandono do edifício afigura-se de difícil compreensão face aos poucos vestígios encontrados, apontando para um edifício tardio, provavelmente edificado no séc. III, época em que a necrópole existente na zona e à qual o circo em parte se sobrepõe, entrou em declínio. Quanto ao abandono, não existem praticamente vestígios que documentem o processo, estimando-se que a presente condição resulte de um processo de espoliação dos materiais mais preciosos como os revestimentos de mármore e os silhares de calcário, sendo os vestígios gradualmente soterrados por camadas de sedimentos provavelmente originários das ribeiras de Arroios e S. Sebastião.

Tendo em consideração as dimensões de vários circos existentes na península como referência tipológica para este tipo de estrutura, as prováveis dimensões do circo de Lisboa seriam de aproximadamente 360 metros de comprimento por 75 metros de largura.

A análise da morfologia urbana anterior ao sismo de 1755 sugere que a posição do mesmo estaria compreendida entre o antigo Paço dos Estaus e a Rua Nova d'El Rei. A Norte, na secção curva do circo, a saída monumental estaria sedimentada na Rua da Inquisição, entre o antigo Paço dos Estaus e o Paço do Conde de Ourem. Os limites do circo ficariam preservados sob o alinhamento de fachadas Sudoeste que acompanhava o perímetro do circo até à Rua Nova d'El Rei, onde se situariam os *carceres* de partida. Na zona Sul, o espaço entre a saída dos *carceres* até ao início da *spina*, teria sido ocupada com edificações que curiosamente reflectiam o percurso diagonal realizado pelos carros desde a partida até à primeira *meta* no arranque da *spina*.

⁸⁵ VALE, A. P. D. 2001. O Circo de Olisipo. El Circo en Hispania Romana. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.



Figura 105 - Circo Lisboa 1/2000
Pedro Martins

Deste modo é possível compreender como toda a morfologia urbana da zona teria sido fortemente condicionada pela existência dos vestígios do circo, de tal modo que inclusivamente o trajecto dos carros aparentemente se reflecte nos diversos alinhamentos do tecido edificado anterior à reconstrução pombalina.

A implantação do circo têm sido tradicionalmente apresentada numa posição mais a norte, com a secção semicircular sob um troço da cerca fernandina existente junto das Portas de Santo Antão,. Esta disposição apresenta alguns problemas na sua relação com a topografia do espaço, que hoje se apresenta relativamente plana, como consequência dos aterros realizados ao longo dos séculos. No entanto se considerada a profundidade a que o circo se encontra, podemos inferir que na antiguidade o espaço ocupado pela cerca fernandina teria já um declive considerável, pelo que a implantação de um circo junto da mesma em zona de pendente seria problemático, sendo mais provável que o mesmo que situasse mais a Sul sobre terrenos mais planos, e cuja morfologia antiga também parece melhor corresponder à adaptação a preexistências de estruturas pertencentes ao circo.

Outro aspecto interessante prende-se com a preservação de uma via romana na morfologia da cidade medieval, sob a forma de um beco, sendo um indício importante da preservação do traçado da cidade romana na construção da cidade medieval. Esta via apresenta um traçado que é praticamente coincidente com a actual Rua da Prata.

O espaço ocupado pelo circo romano de Lisboa apresenta-se como um exemplo quase paradigmático da manutenção de uma pré-existência espacial romana ao longo dos séculos. Neste caso para além de uma continuidade morfológica estruturante, na definição do tecido urbano, o circo de Lisboa enquanto edifício público de espectáculos, permanece como espaço de utilização pública, mantendo inclusive utilizações semelhantes, tendo sido utilizado para a realização eventos como touradas e autos de fé.

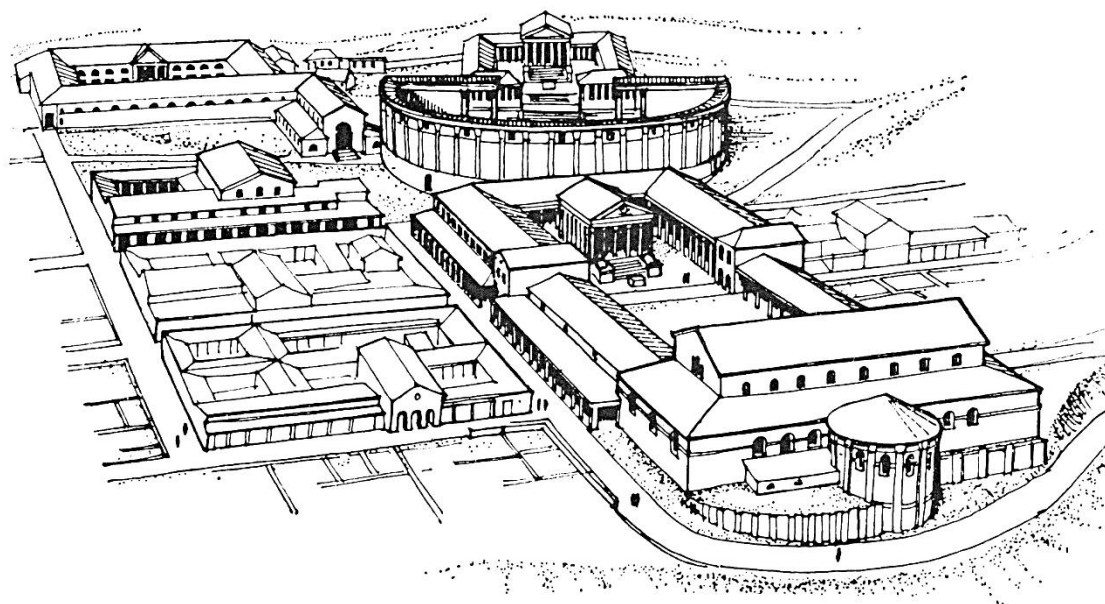


Figura 106 - Augusta Raurica, perspectiva do centro da cidade
(Ward-Perkins, 1974)

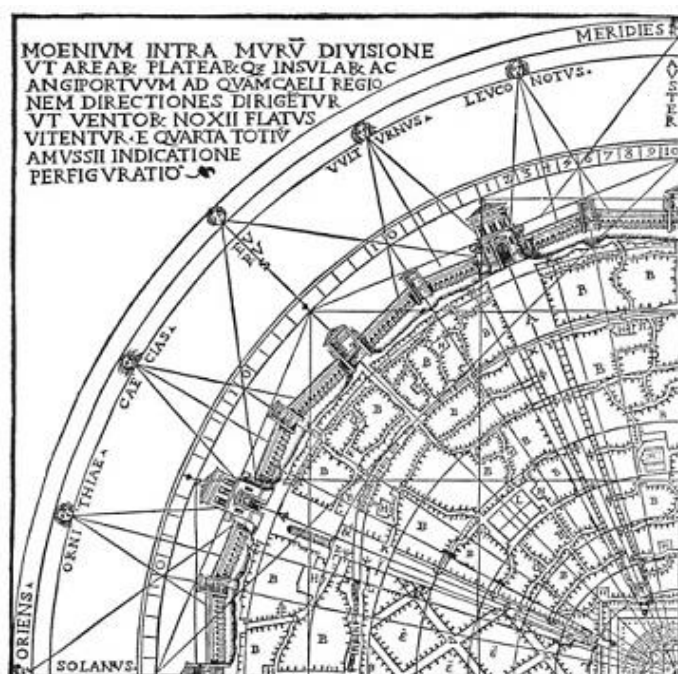


Figura 107 - Representação da Cidade Ideal de Vitúrvio segundo Cesare Cesariano, 1521
(www.tumblr.com/tagged/vitruvius)

2.1 – Traçado

A cidade romana não se define quantitativamente, mas qualitativamente. Entendida como mais do que uma aglomeração de casas, a cidade romana era um espaço simbólico, administrativo e religioso consagrado aos deuses desde o momento da fundação⁸⁶, em que seria aberto o *sulcus primogenitus*, uma vala, aberta com um arado, marcando o perímetro da cidade no local onde mais tarde se colocaram as muralhas, e assim, definindo espacialmente o interior e exterior da cidade, separando o espaço dos vivos do espaço dos mortos, com leis e vocações próprias. Deste modo a cidade romana deve ser entendida como uma organização colectiva, com o seu estatuto jurídico específico, constituída pelo património comum dos seus habitantes, e não apenas como uma aglomeração de edifícios.

A cidade romana enquanto conceito e enquanto realidade material não é particularmente inovadora ou original, tem as suas origens no conjunto de civilizações precedentes que ocuparam o espaço do mediterrâneo, gregos e Cartaginenses haviam já implantado centenas de cidades coloniais seguindo estruturas ortogonais, antes dos romanos. No entanto estas cidades limitavam-se a ocupar pequenas franjas de território junto ao mar. Os espaços interiores continuavam as ser ocupados na sua maioria por pequenas povoações indígenas algumas segundo modelos milenares, como seria o caso das culturas castrejas do Norte peninsular. Para estes territórios conquista romana marca um momento decisivo na história do seu desenvolvimento urbano

Terminadas as operações de conquista dos novos territórios, e concluindo-se período de instabilidade política e de guerra civil que se seguiu ao assassinato de Júlio César, o seu filho adoptivo e sucessor Augusto, inicia um processo de pacificação, estabilização e reorganização geral dos novos territórios. Um elemento fundamental deste processo consiste na criação de uma extensa rede de centros urbanos, políticos e administrativos, cada um dos quais adstrito a um território, e unidos entre si por uma densa rede de vias de comunicação. Esta complexa rede urbana e infra-estrutural, teria um forte carácter hierárquico, existindo uma progressão natural de importância administrativa nos vários centros urbanos, que culminaria na cidade de Roma “Roma caput Mundi”⁸⁷.

⁸⁶ PELLETIER, A. 1982. *L'urbanisme romain sous l'Empire*, Paris, Picard. p. 5.

⁸⁷ FABIÃO, C. 2006. *A herança romana em Portugal*, CTT Correios de Portugal. p. 39-40.

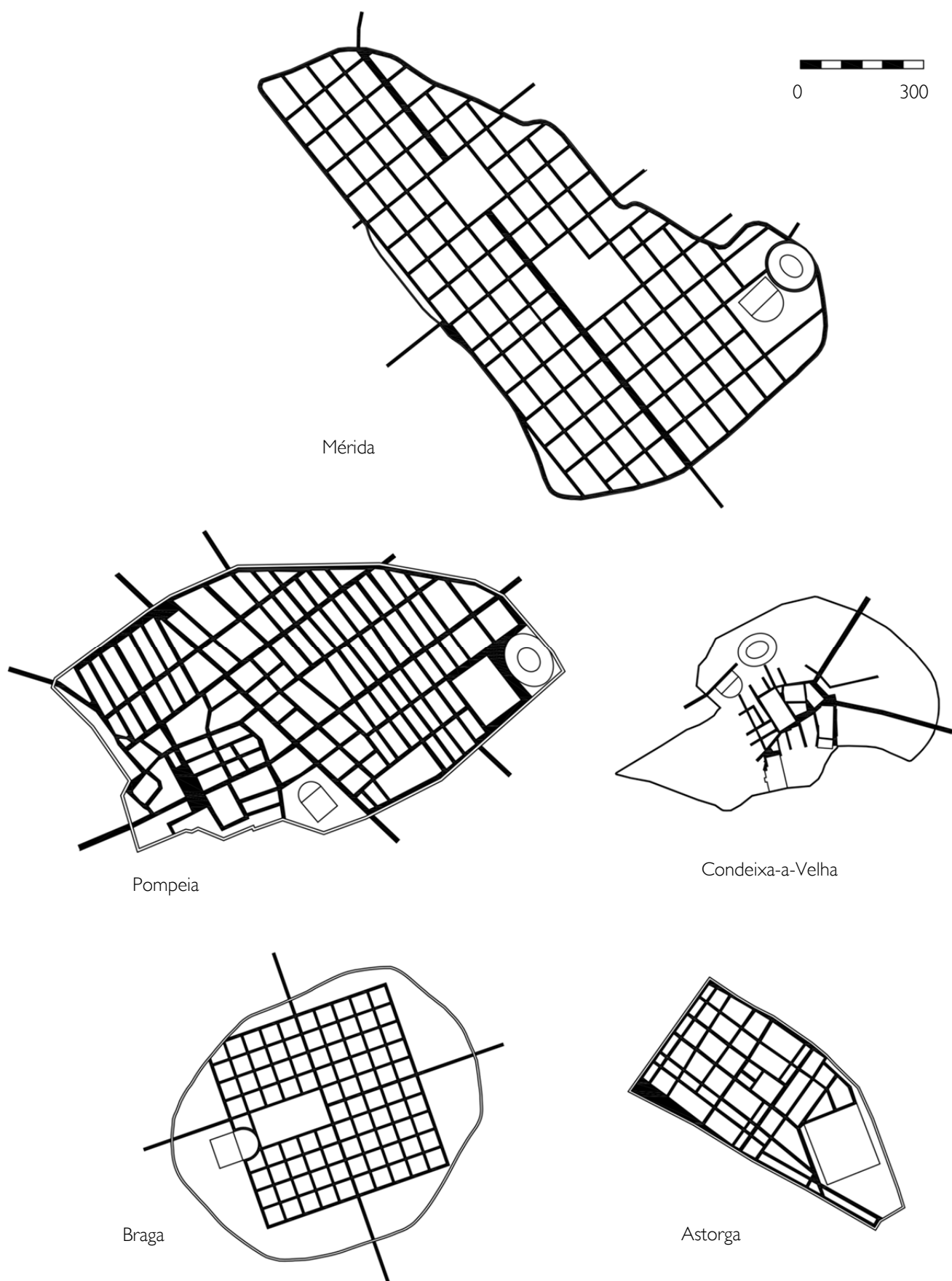


Figura 108 - Comparação entre o traçado de várias cidades romanas
Pedro Martins

A rápida expansão e construção de cidades pelo império tornou necessária utilização de um modelo padrão que permitisse a construção de novos espaços urbanos de um modo sistemático e eficiente⁸⁸. Seguindo o mesmo modelo das cidades coloniais gregas do passado ou das cidades coloniais espanholas que estariam por vir, também as colónias romanas seriam edificadas segundo regras geométricas rigorosas. A cidade romana seria preferencialmente construída segundo um plano ortogonal regular, em que as ruas se intersectam a ângulos rectos, formando um sistema de vias paralelas e perpendiculares com quarteirões quadrangulares ou rectangulares. Este modo de construir cidade seria aplicado não só às cidades coloniais fundadas *ex nihilo*⁸⁹, mas também na gradual regularização formal de povoados indígenas ou na criação de expansões regulares de cidades já existentes, sendo de tal modo frequente que se viria a tornar sinónimo da concepção ideal da cidade romana, intrinsecamente associada a um traçado ortogonal regular. A cidade romana é composta por diferentes elementos que contribuem para a construção de um todo inteligível partilhado por um quadro civilizacional comum, desde o norte de África até à Inglaterra.

Sítio – A localização das cidades é muito variada, dependendo sobretudo de, a sua origem ser romana ou indígena. Em casos de fundações romanas *ex nihilo*, são preferencialmente escolhidos locais planos ou com ligeiros declives, geralmente perto de importantes vias de acesso ou rios. No caso de fundações indígenas geralmente localizam-se no topo de colinas facilmente defensíveis podendo ser reestruturadas de modo a aproximarem-se do modelo romano ou refundadas em locais planos próximos do aglomerado indígena original^{90 91}.

Ruas – O esquema de ruas numa cidade romana adopta por regra um sistema constituído por duas ruas principais que se intersectam perpendicularmente com a designação de *cardo* e *decumanus maximus*. O *cardus maximus* geralmente adopta uma orientação próxima do alinhamento Norte-Sul, enquanto o *decumanus maximus*, segue o alinhamento Este-Oeste. Paralelas a estas seriam traçadas um conjunto de ruas de menores dimensões denominando-se consoante o seu alinhamento por *cardines* ou *decumani*. As ruas são geralmente cobertas por um sistema de pórticos que pode ser comum a todas as vias ou apenas às mais importantes.

⁸⁸ RIBEIRO, M. D. C. 2008. *Braga entre a época romana e a Idade Moderna. Uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana*. Doutoramento em Arqueologia, Universidade do Minho. pp 249.

⁸⁹ Expressão latina que significa “do nada”, referindo-se a cidades fundadas de raiz sobre locais onde não existia nenhuma ocupação precedente

⁹⁰ PELLETIER, A. 1982. *L'urbanisme romain sous l'Empire*, Paris, Picard.

⁹¹ BELLIDO, A. G. Y. 1985. *Urbanística de las grandes ciudades del mundo antiguo*, Madrid, Instituto Español de Arqueologia.

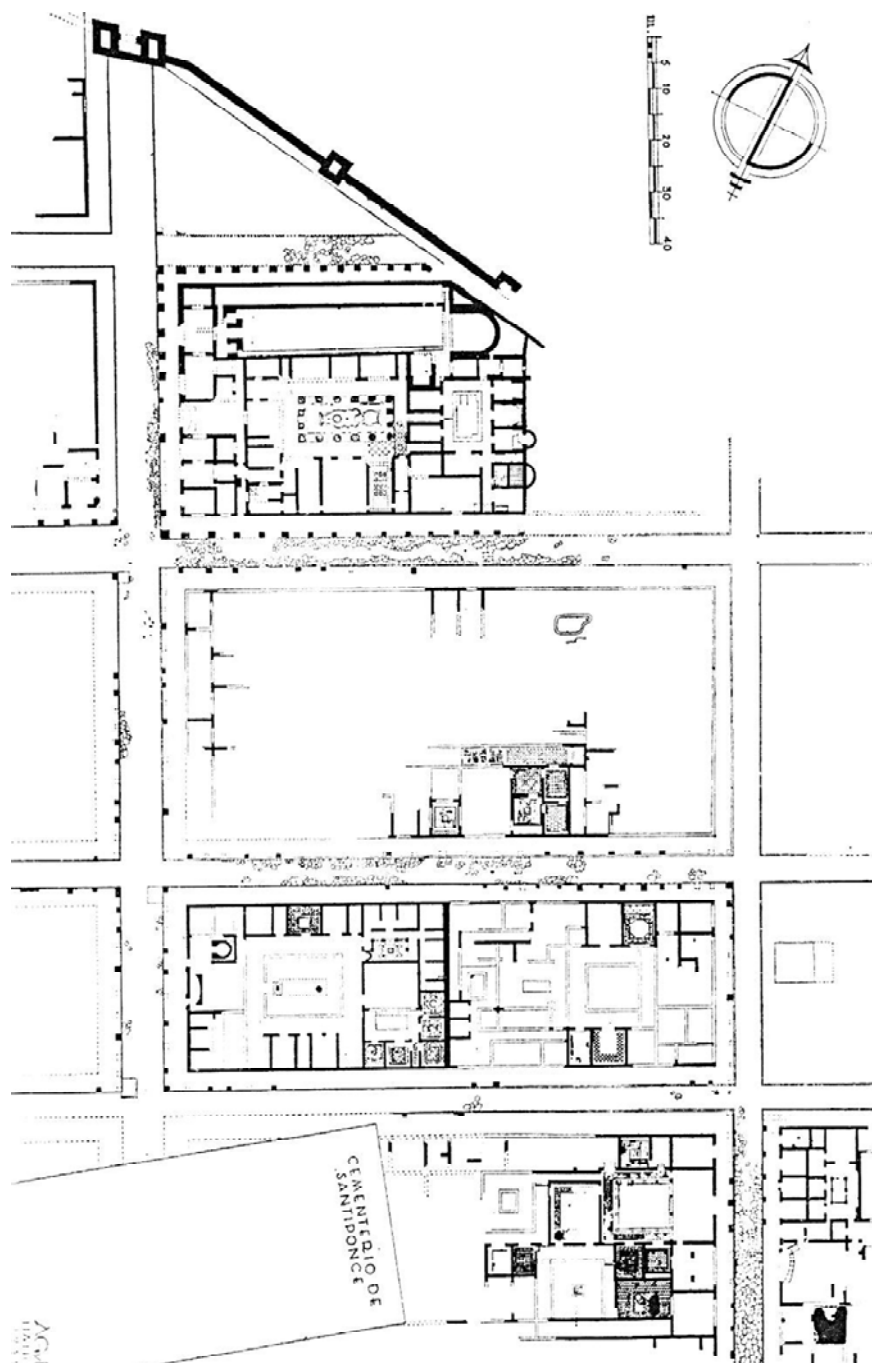


Figura 109 - Tecido urbano escavado em Itálica
(Bellido, 1985)

Recinto – A cidade romana atribui ao conceito de recinto uma importância fundamental no entanto, seria no império romano que pela primeira vez se assistiria à construção de cidades “abertas” sem estruturas defensivas⁹². O limite muralhado existiria em muitas cidades apenas de modo puramente cerimonial e administrativo, com uma estrutura de tal forma precária que em vários casos pouca ou nenhuma informação nos chegou de estas muralhas fundacionais.

Edifícios Públicos – Uma das principais características da cidade romana é sem dúvida a quantidade e diversidade dos seus edifícios públicos. Os distintos tipos de edifícios têm diversos locais de implantação preferencial no traçado urbano:

Forum - Localiza-se preferencialmente em dois locais. Ou no ponto de cota mais elevada, funcionando como um espaço sagrado que domina visualmente toda a cidade, semelhante a uma Acrópole (Beja, Sagunto). Ou junto da intersecção entre o *cardus maximus* e o *decumanus maximus*, geralmente coincidente com o centro físico da cidade.

Teatros - Frequentemente edificadas no interior da cidade, procurando ou a proximidade do forum (os teatros seriam ocasionalmente utilizados como espaços de assembleia e reunião) ou locais de declives acentuados como forma de reduzir os custos da sua construção.

Anfiteatros e Circos - Geralmente construídos em locais exteriores mas próximos da cidade junto, a vias de acesso importantes. A preferência pela localização exterior poderá estar relacionada com a natureza dos espectáculos realizados, que frequentemente utilizavam animais selvagens e escravos, e execuções públicas, sendo de articulação difícil com o ambiente urbano. Este tipo de edifícios, como os teatros, procura geralmente locais com uma topografia favorável à sua construção.

Termas - Localizam-se de modo disperso pela cidade, sendo frequente existir um edifício deste tipo perto de outros edifícios públicos importantes, como em Condeixa próximo ao forum, em Braga junto do teatro ou em Mérida ao lado do circo.

⁹² PELLETIER, A. 1982. *L'urbanisme romain sous l'Empire*, Paris, Picard.



Figura I I 0 - Elementos arquitectónicos romanos presentes no museu municipal de Beja

Pedro Martins



Figura I I I - Vestígios do templo romano de Beja

Pedro Martins

Traçado de Beja

A cidade de Beja em época romana seria uma das mais importantes cidades da província, designada como “Pax Iulia” por Ptolomeu ou “Pax Augusta” por Estrabão, “Colónia Pacensis” por Plínio, Beja teria o importante estatuto colonial desde a sua fundação, ou seja todos os seus habitantes teriam cidadania romana, sendo sede de um “*conventus iuridicus*” que abrangia grande parte do Alentejo e Algarve⁹³.

Sabendo-se hoje que no local de Beja existiria um povoado da idade do ferro⁹⁴, a fundação da cidade, ou refundação, dever-se-á provavelmente a Augusto ou talvez a César. A obtenção do estatuto de colónia e de sede de “*conventus iuridicus*” será contemporânea da profunda reforma administrativa promovida por Augusto na Hispânia, e teria resultado, de um modo semelhante ao ocorrido em outras cidades, numa significativa transformação e monumentalização urbana, com a construção de um grande número de grandes edifícios públicos.

O urbanismo romano da cidade de Beja é segundo o conhecimento actual, ainda de difícil compreensão. A escassez de vestígios encontrados e a deficiente documentação sobre a sua descoberta ou origem dificulta a leitura da morfologia urbana da cidade. A leitura do tecido actual parece indiciar um urbanismo hipodâmico, no entanto a descoberta de que a cidade se teria implantado sobre uma povoação indígena pré-existente introduz a possibilidade de a malha ortogonal, frequente no urbanismo romano, ter sofrido um conjunto de adaptações e alterações de difícil leitura na morfologia actual.

Em relação ao estudo do passado da cidade de Beja, destacam-se os recentes trabalhos realizados por Maria Conceição Lopes, que contribuíram de maneira significativa para a expansão do conhecimento do passado romano da cidade de Beja.

⁹³ ALARCÃO, J. D. 1988b. *Roman Portugal Volume II The Gazetteer fasc 3*, Aris & Phillips. p. 197.

⁹⁴ LOPES, M. D. C. 2003. *A cidade romana de Beja - Percursos e debates acerca da "civitas" de PAX IULIA*, Coimbra, Universidade de Coimbra. pp. 89-94.

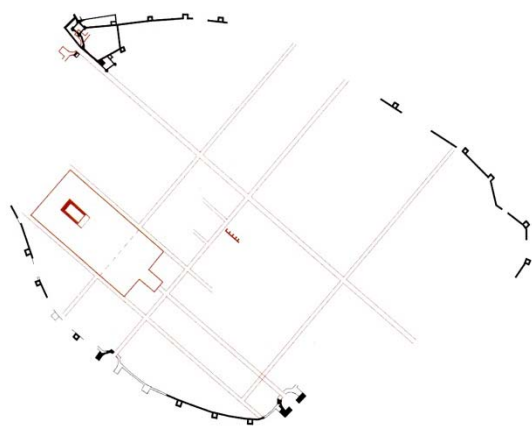


Figura 112 - Hipótese do urbanismo romano de Beja segundo Jorge de Alarcão.

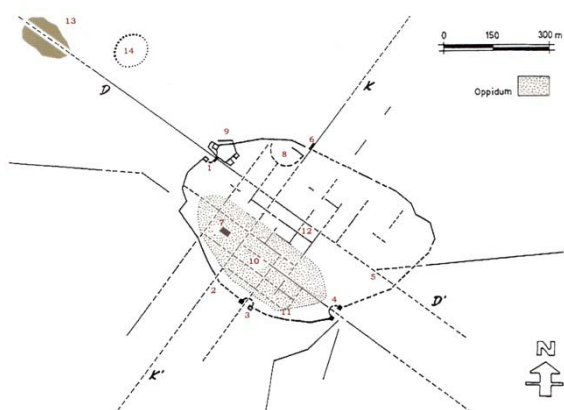


Figura 113 - Hipótese do urbanismo romano de Beja segundo Vasco Mantas.

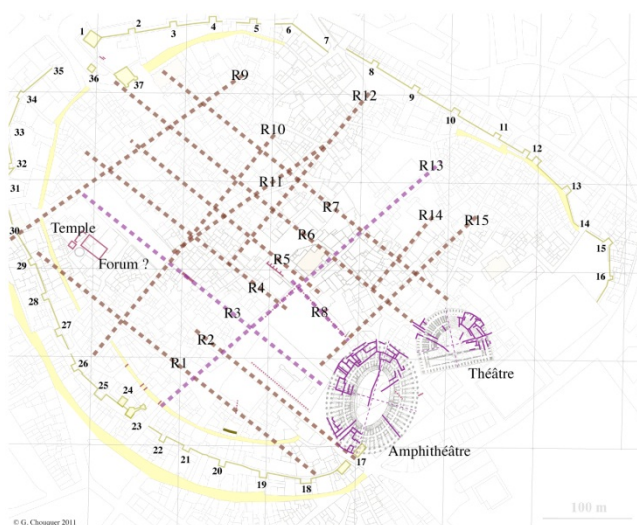


Figura 114 - Hipótese do urbanismo romano de Beja segundo Gérard Chouquer.

Do universo de ensaios sobre o urbanismo romano da cidade de Beja, foram analisados os trabalhos realizados por Jorge de Alarcão⁹⁵, Vasco Mantas⁹⁶ e Gérard Chouquer⁹⁷.

A proposta realizada por Alarcão destaca-se por considerar as portas de Mértola, Évora e na antiga rua do Buraco como de origem romana. Estas portas teriam uma forma semicircular com paralelo em várias outras cidades romanas. Com base num conjunto de elementos, Alarcão propõe um forum com um recinto de 80x160m segundo o modelo de forum tripartido, e em relação ao urbanismo uma estrutura hipodâmica delineado apenas alguns eixos. Não existem contudo provas arqueológicas que garantam que os elementos propostos por Alarcão são válidos, apesar de conformes com o tradicional urbanismo romano.

A análise realizada por Mantas, considera a morfologia actual como herdeira do traçado romano, utilizando-a através da fotografia aérea ou “teledetecção”, para propor um traçado hipodâmico com base em alinhamentos coincidentes de várias ruas que poderão ter por base *cardines* e *decumani*, e que resultam numa quadrícula de 120x180 pés romanos. Mantas considera o templo escavado por Abel Viana e as portas semicirculares monumentais propostas por Alarcão, acrescentado um teatro numa zona da cidade em que, segundo o autor, se pode verificar uma anomalia na fotografia aérea, sendo o mesmo local em que Félix Caetano da Silva em 1792 descreve um conjunto de vestígios que Alarcão teria considerado originários de um provável teatro.

Chouquer realiza uma profunda análise da morfologia urbana da cidade, analisando o parcelário da mesma segundo critérios de dimensão, orientação, alinhamentos, forma e articulação. A proposta resultante desta análise, considera apenas o espaço central da cidade como de génese romana, propondo que a zona da mouraria, apesar de inserida no perímetro medieval muralhado da cidade tem uma origem diferente do restante tecido urbano. Outro aspecto interessante reside na proposta de localização de um teatro e um anfiteatro a Sudoeste no local onde se verificam um conjunto de alinhamentos radiais no parcelário contemporâneo.

⁹⁵ ALARCÃO, J. D. 1990. A urbanização de Portugal nas épocas de César e Augusto. *Stadtbild und Ideologie. Die Monumentalisierung hispanischer Städte zwischen Republik und Kaiserzeit*. Munique.

⁹⁶ MANTAS, V. 1996. Teledetecção, cidade e território. *Arquivo de Beja*.

⁹⁷ CHOUQUER, G. 2011. *Méthodologie de l'analyse de morphologie urbaine. Le centre historique de Beja* [Online]. <http://www.formesdufoncier.org>: Observatoire des Formes du Foncier dans le Monde. [Accessed 05/10/2012].

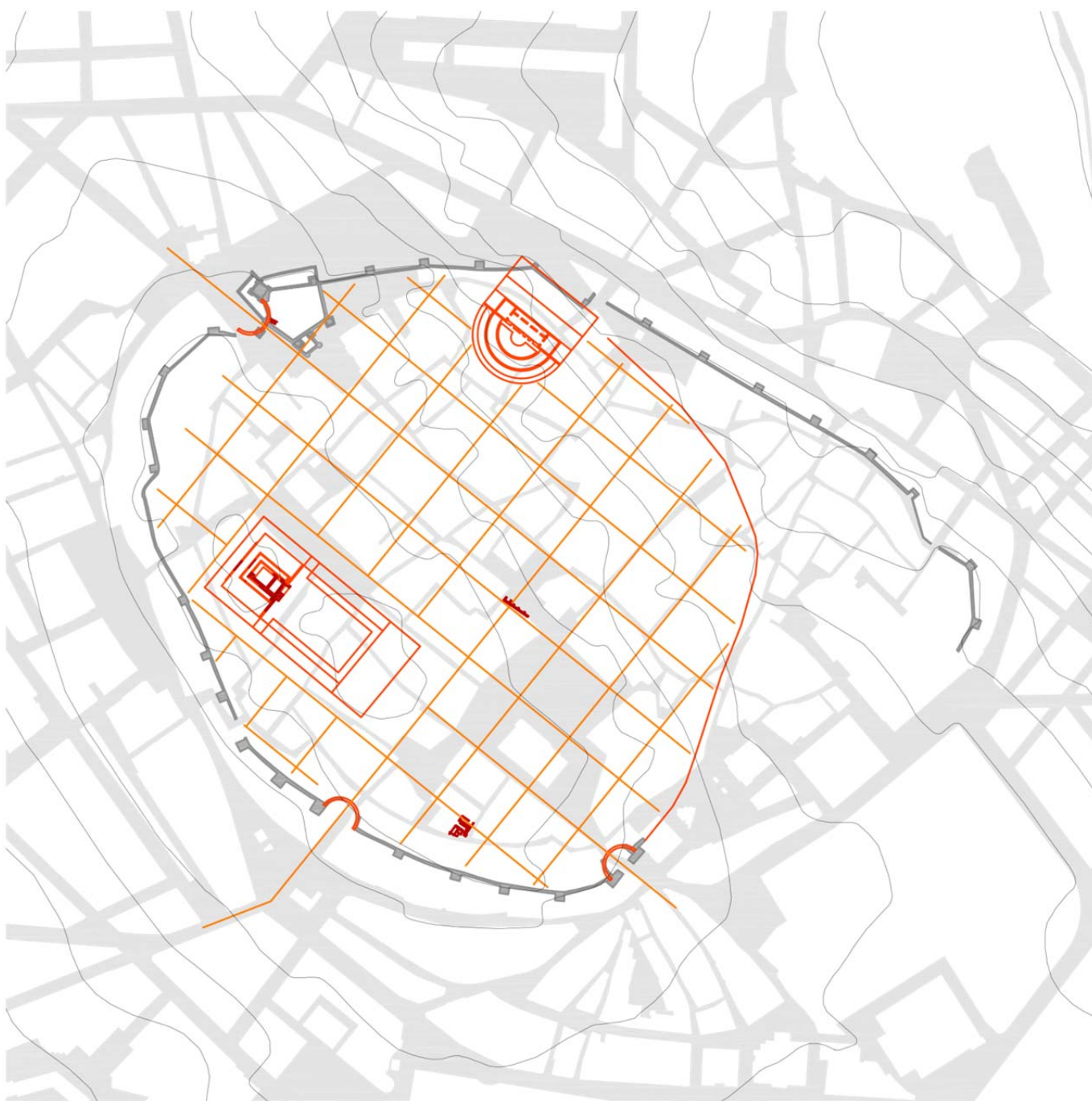


Figura 115 - Traçado romano de Beja, escala 1/5000
Pedro Martins

Considerando as três propostas para o urbanismo romano analisadas, a proposta de Chouquer destaca-se sobre as propostas de Alarcão e Mantas pelo detalhe e rigor da sua análise, chegando no entanto à conclusão de que nem a arqueologia nem a análise morfológica permitem alcançar o conhecimento da forma da cidade antiga⁹⁸. Esta conclusão está próxima dos argumentos defendidos por Maria Conceição Lopes, “Teorizar, com base em alguns fragmentos da materialização física e espacial de *Pax Iulia*, levar-nos-ia a uma construção especulativa impossível de confirmação”⁹⁹. Concordando com os dois autores, em que o conhecimento actual disponível sobre a cidade é insuficiente para apresentar uma hipótese com rigor sobre a sua morfologia em época romana. A afirmação de Mantas de que “A estrutura urbana de Beja conservou as linhas fundamentais do traçado romano”¹⁰⁰, parece também pertinente, dado que efectivamente grande parte do tecido urbano contemporâneo mantém um conjunto de alinhamentos com uma orientação comum persistente de Noroeste - Sudeste, que indicia claramente a preexistência de um plano geométrico abrangendo uma parte significativa do espaço da cidade.

A aplicação de um plano geométrico de natureza hipodâmica teria evidentemente o constrangimento da sua aplicação sobre o núcleo preexistente da idade do ferro que as escavações recentes confirmaram, no entanto, sem o conhecimento da sua forma ou dimensão, é impossível presumir que o mesmo fosse impeditivo da aplicação de um plano regular.

Considerando os vestígios arqueológicos conhecidos, nomeadamente os resultantes das escavações realizadas por Conceição Lopes no local do templo romano, considerando que as portas semicirculares propostas por Alarcão, e considerando os arruamentos contemporâneos; foi possível desenhar uma malha ortogonal esquemática de 180x180 pés. Com o desenvolvimento deste estudo, foi possível verificar que esta malha, enquadrava também os eventuais vestígios de um teatro romano na zona Norte da cidade, como proposto por Alarcão e Mantas. O plano proposto provavelmente estará longe da realidade, no entanto, presumir uma geometria genérica quadrangular ortogonal típica nas cidades romanas, face ao conhecimento actual poderá ser mais credível do que tentar teorizar um urbanismo excepcional e particular de Beja (como decerto seria) do qual não existe qualquer prova arqueológica (nem a favor, nem contra).

⁹⁸ Ibid.

⁹⁹ LOPES, M. D. C. 2003. *A cidade romana de Beja - Percursos e debates acerca da "civitas" de PAX IULIA*, Coimbra, Universidade de Coimbra. p. 124.

¹⁰⁰ Ibid. p. 197

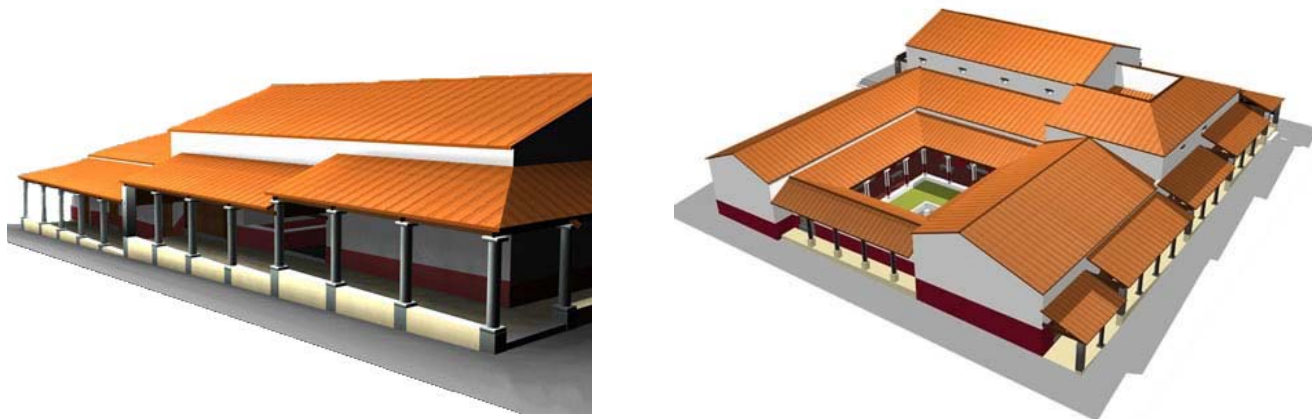


Figura 116 - Reconstituição virtual casa das Carvalheiras
Segundo proposta do arquitecto Rui Coelho (Martins, 2011), (Morais, 2010)

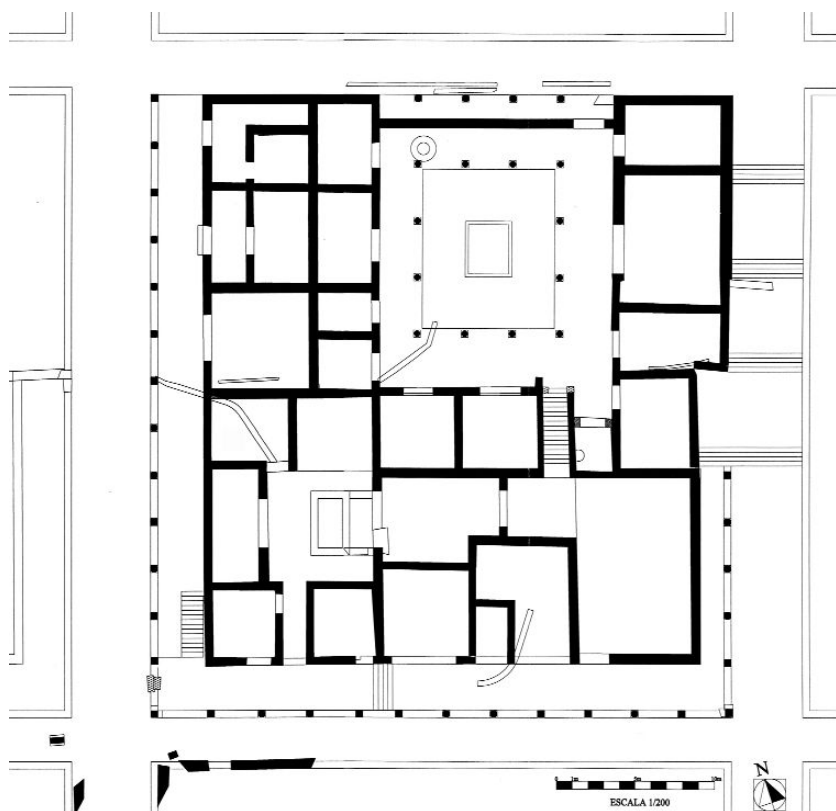


Figura 117 - Planta da casa das Carvalheiras. Fase I
Manuela Martins (Martins, 2002)

Traçado de Braga

O conhecimento que temos sobre a morfologia urbana da cidade de Braga durante a época romana deve-se em grande medida às escavações realizadas ao longo dos últimos 30 anos, coordenadas pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. O facto de apenas uma entidade tratar toda a informação produzida pelas diferentes escavações arqueológicas realizadas na cidade, permitiu de um modo privilegiado agregar um vasto conhecimento fundamental para a obtenção de uma imagem da evolução da cidade ao longo do tempo.

Braga teria sido fundada e construída em época do Imperador Augusto na sequência do final das guerras cantábricas e anexação da região norte da península pelo Império Romano. A definitiva pacificação da Hispânia durante o principado de Augusto trouxe consigo a promoção de uma profunda reorganização territorial como forma de consolidação definitiva do novo poder. No Noroeste da península esta reorganização reflectiu-se na constituição de um conjunto de novas cidades sedes de *conventus iuridicus* que agiriam como centros administrativos regionais e promotoras da implementação de uma nova ordem social, económica e cultural.

A cidade teria sido fundada *ex nihilo* sobre um local criteriosamente escolhido pelas suas qualidades enquanto centralidade regional, assim como pela topografia favorável, pela proximidade a eixos viários e pela facilidade de acesso a água¹⁰¹. A estrutura urbana da nova cidade foi organizada segundo um modelo ortogonal regular de modo similar a outras cidades contemporâneas fundadas na península. O plano da cidade seria semelhante a um tabuleiro de xadrez em que a distância entre eixos de ruas seria de 150 pés¹⁰², com a largura média das mesmas de entre 10 a 12 pés, excluindo o *Cardo* e *Decumanus Maximus* podendo ter larguras superiores as 25 pés. As ruas seriam na sua generalidade ladeadas por um sistema de pórticos articulando os edifícios com o espaço público, com medidas compreendidas entre 10 a 15 pés de largura¹⁰³.

¹⁰¹ MARTINS, M. 2009. Bracara Augusta. Panorama e estado da questão sobre o seu urbanismo. *Do Castro á Cidade. A romanización na Gallaecia e na Hispânia indoeuropea*. Lugo: Deputacion de Lugo. p. 185.

¹⁰² RIBEIRO, M. D. C. 2008. *Braga entre a época romana e a Idade Moderna. Uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana*. Doutoramento em Arqueologia, Universidade do Minho. p. 243.

¹⁰³ Ibid. pp 248-249

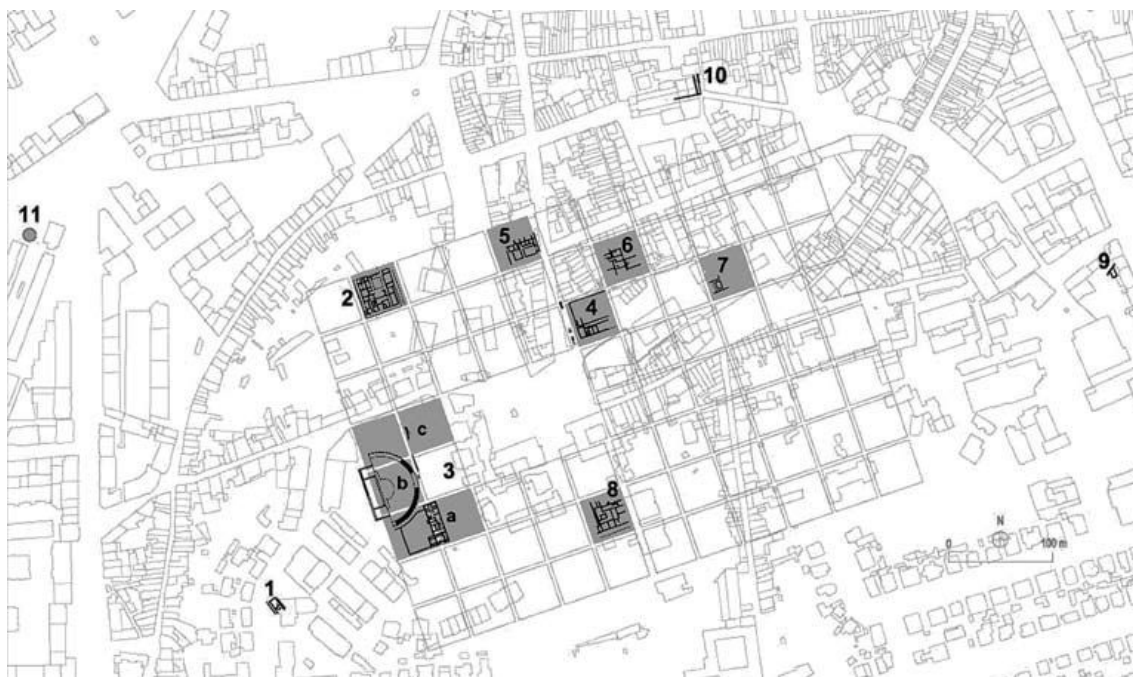


Figura I 18 - Malha urbana de Bracara Augusta: 1- Casa do Poco; 2- Carvalheiras; 3- Alto da Cidade (a-termas; b-teatro; c-aqueduto); 4- Ex Albergue Distrital; 5- Escola Velha da Se; 6- R. Afonso Henriques (termas); 7- Domus de Santiago; 8- Antigas Cavalarias; 9- Fonte do Idolo; 10- Edifício sob a Se Catedral; 11- Balneario pre-romano da estacao da Refer. (Martins and Ribeiro, 2012)



Figura I 19 - Silhares almofadados no torreão do Paço dos Bispos
Pedro Martins

O forum situar-se ia na zona mais alta da colina, sendo a sua localização deduzida a partir da análise da morfologia da cidade romana, assim como por uma referência escrita no mapa de Braunio que refere a localização do *forum romanorum* nas imediações da capela de S. Sebastião. A descoberta de grandes bases de colunas durante a construção do edifício dos bombeiros voluntários no Largo Paulo Osório oferece indícios que parecem confirmar esta hipótese¹⁰⁴. A morfologia do forum seguiria de perto o modelo de forum tripartido frequente nas cidades peninsulares.

A cidade teria sido objecto de um programa de reestruturação urbana datável dos inícios do século II, dos quais são conhecidas as termas das Carvalheiras e o Teatro Romano¹⁰⁵. As termas foram construídas sobre um edifício de época anterior, tendo sido sucessivamente reformuladas em vários séculos¹⁰⁶. O teatro encontra-se ainda em estudo, estimando-se a sua dimensão em cerca de 68,60 m de diâmetro por 13,40 m de altura com uma capacidade de 3000 espectadores. O edifício tem uma configuração semelhante a outros teatros conhecidos, sendo um exemplar típico deste tipo de equipamentos de espectáculo¹⁰⁷. Para além do teatro, a cidade teria também um anfiteatro situado junto da antiga igreja de S. Pedro de Maximinos, tendo sido descritos os seus vestígios nos séculos XVII e XVIII¹⁰⁸. A sua localização precisa foi estimada recentemente com base na análise de fotogramas por Rui Morais¹⁰⁹. No séc. III Diocleciano irá promover a cidade a capital da recém-formada província da *Gallaecia* favorecendo um importante florescimento urbano no qual foram renovados vários edifícios, construindo-se também uma muralha de dimensões consideráveis. A cidade manteve a sua importância ao longo dos séculos seguintes, sendo escolhida para sede do reino Suevo, no entanto a invasão Visigoda e consequente anexação do mesmo, motivariam um progressivo declínio acentuado pelas incursões árabes no início do século VIII. A persistente instabilidade terá motivado o definitivo abandono da zona Sul da cidade e a construção de um novo recinto fortificado em torno do quadrante Noroeste protegendo a área de maior prestígio e concentração populacional em torno da basílica cristã.

¹⁰⁴ MARTINS, M. 2011. *Braga Romana*, Braga, Universidade do Minho. p. 19.

¹⁰⁵ MARTINS, M. 2009. Bracara Augusta. Panorama e estado da questão sobre o seu urbanismo. *Do Castro à Cidade. A romanización na Gallaecia e na Hispânia indoeuropea*. Lugo: Deputacion de Lugo. p.192.

¹⁰⁶ Ibid. p. 194-195.

¹⁰⁷ MARTINS, M. 2011. *Braga Romana*, Braga, Universidade do Minho. p. 22.

¹⁰⁸ Ibid. p. 24.

¹⁰⁹ MORAIS, R. 2001. Breve ensaio sobre o Anfiteatro de Bracara Augusta. Análise do fotogramas de 1964. *Forum*, pp. 55 - 76.

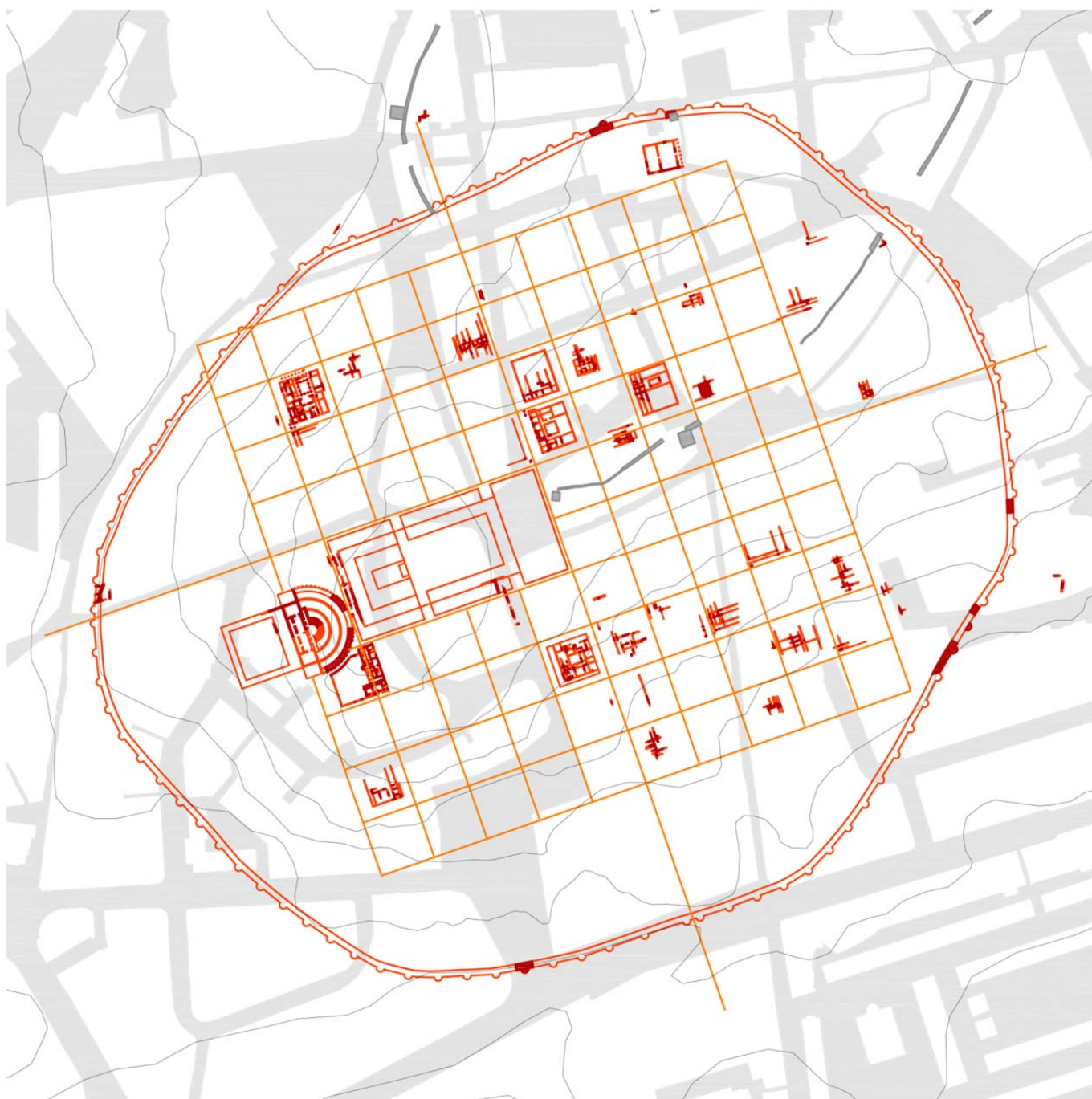


Figura 120 - Traçado romano de Braga, escala 1/5000
Pedro Martins, adaptado de (Ribeiro, 2008) e (Martins, 2009)

A persistência da ocupação urbana no quadrante Noroeste da cidade sedimentou e preservou nos tecidos subsequentes a morfologia da cidade de época romana, construindo uma zona de características tendencialmente ortogonais apesar de irregulares. Os alinhamentos mantêm uma morfologia herdeira da geometria ortogonal da cidade romana ainda que progressivamente alterada com a deformação de alguns arruamentos, assim como o surgimento ou a supressão pontual de outros. Por outro lado os espaços exteriores à nova muralha perderam os seus habitantes, ruralizando-se, e deste modo o seu cadastro, após o rápido desaparecimento dos edifícios, tenderia para a junção de parcelas em propriedades agrícolas maiores, apagando a memória da cidade romana. Do tecido da antiga cidade romana agora abandonada, apenas as grandes vias de circulação, o *cardus* e o *decumanus maximus*, se mantiveram ao longo dos séculos.

É deste modo possível verificar a resiliência do cadastro face à constante mutação espacial da cidade. A construção de um novo perímetro muralhado, de menores dimensões, permitiu redefinir o limite da cidade em torno do quadrante Noroeste, mantendo este espaço com uma ocupação urbana contínua, que permitiria a sobrevivência do cadastro ao longo de vários séculos.

Sem pré-existências significativas, a cidade moderna ocupou os espaços da antiga cidade romana seguindo e impondo as suas lógicas sobre quaisquer estruturas remanescentes. Podemos deste modo constatar a grande diferença entre o modo de fazer cidade contemporânea, impondo-se às estruturas pré-existentes, e a cidade histórica tradicional, construída através da sedimentação e continuidade de inúmeras partes ao longo do tempo.



Figura 122 - Templo romano de Évora
Jon Sodapop (www.flickr.com)



Figura 121 - Laconium das termas romanas de Évora
autor desconhecido (www2.cm-evora.pt)

Traçado de Évora

No caso de Évora, como em Beja, a cidade romana terá sido precedida por um *oppidum*, como o topónimo “*Ebora*” indicia, embora, no caso de Évora, não sejam conhecidos vestígios arqueológicos que comprovem esta hipótese. A cidade terá recebido de Julio César ou de Augusto o estatuto de “municipium”, passando a denominar-se “*Liberalitas Iulia*”¹¹⁰.

São conhecidos na cidade vários monumentos de época romana, dos quais se destaca, sobre a zona mais alta da encosta, um dos mais bem preservados templos romanos da península. Na área envolvente ao templo teríamos o forum da cidade, construído segundo o modelo de forum tripartido, com uma grande proximidade tipológica ao forum de Mérida com o qual partilharia uma grande variedade de elementos formais. De um modo semelhante ao Forum de Mérida, o templo seria rodeado por um espelho de água e um edifício em “U” constituído por um criptopórtico sobre o qual se erguia um pórtico que fechava a área sacra do templo. A praça do forum era mais ampla que o largo actual, continuando sob o museu municipal até à zona da Sé Catedral, construída sobre o local onde se situaria a basílica romana. A área monumentalizada do forum prolongar-se ia para além da basílica até à zona das portas de moura, onde seria rematada por uma grande estrutura semicircular cuja função é desconhecida. As termas estavam localizadas sob a actual câmara municipal, e a sua plataforma de implantação teria sido em época posterior aproveitada para o suporte de uma parte da muralha¹¹¹. Nas estruturas conhecidas das termas destaca-se a grande sala circular do *laconium*, com 9 metros de diâmetro, assim como a grande piscina exterior, ou natatium, com 14 metros de largura¹¹².

Existem referências a vários monumentos de origem romana que o tempo não preservou, tais como, o aqueduto romano cujas ruínas teriam sido reutilizadas para a construção de um novo aqueduto no séc. XVI, com a designação de Água da Prata. Na actual praça do Giraldo foi demolido também no séc. XVI, um arco romano de modo, a permitir a reconstrução da Igreja de S. António. Destaca-se também o fragmento de um friso de ordem dórica preservado no museu de Évora, certamente pertencente a um templo cuja localização permanece desconhecida.

110 ALARCÃO, J. D. 1988b. Roman Portugal Volume II The Gazetteer fasc 3, Aris & Phillips. p. 159.

111 MAN, A. D. 2008. Defesas Urbanas Tardias da Lusitânia. Doutoramento, Universidade do Porto - Faculdade de Letras. p. 302.

112 SARANTOPOULOS, P. 1994-1995. A piscina dos banhos públicos de Évora Romana - Notícia da sua identificação no corpo novo do edifício dos actuais paços do concelho de Évora. A cidade de Évora - Boletim de cultura da Câmara Municipal.

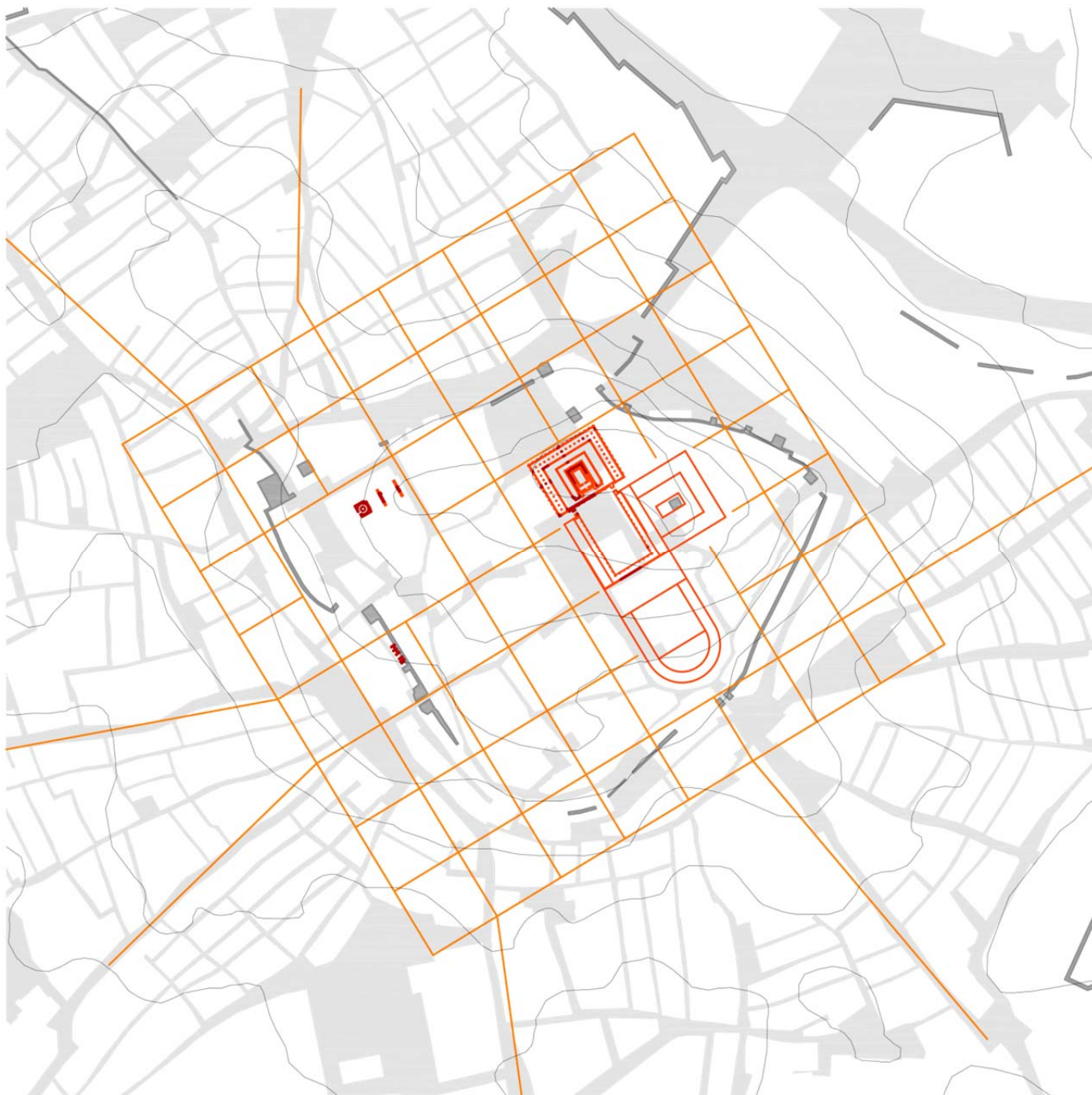


Figura 123 - Traçado romano de Évora, escala 1/5000
Pedro Martins

A cidade Romana teria uma morfologia regular ortogonal na generalidade do seu tecido urbano, ainda hoje observável sob alguns arruamentos e alinhamentos existentes que preservaram parte da sua quadrícula. Os dados existentes são ainda demasiado escassos para poder definir com rigor a dimensão dos quarteirões, no entanto é possível ler no tecido actual os vestígios do traçado do *Cardo* e *Decumanus Maximus*¹¹³

Analizando o traçado das principais vias existentes no núcleo histórico da cidade de Évora, é possível verificar como a sua orientação se mantém aproximadamente constante com o alinhamento Sudoeste nordeste, que é coincidente com a orientação do templo, um forte indício da sua génese em arruamentos romanos. A métrica definida por estes eixos aponta para a existência de um espaçamento constante de aproximadamente 210 pés. A mesma dimensão parece ser válida para os arruamentos com uma orientação perpendicular de Noroeste sudeste, uma vez que, considerando a porta de D. Isabel como de origem romana, o espaçamento entre eixos de vias proposto faz coincidir uma via com o eixo do forum romano e por conseguinte também com as portas de Moura. É deste modo possível que o traçado da cidade romana obedecesse a uma métrica ortogonal regular com a medida entre eixos de vias de 210 x 210 pés. No entanto, o conhecimento que na génese da cidade estaria provavelmente um *oppidum* pré-romano introduz a possibilidade de em determinados locais a malha ortogonal romana se adaptar a pré-existências de origem indígena, dificultando a aplicação de um modelo ortogonal.

A zona de irregularidade perto da igreja de S. Tiago poderá ter origem num espaço aberto pertencente às termas da cidade, talvez uma palestra, que, dada a ausência de construções pré-existentes com a orientação típica das estruturas romanas em Évora, teria sido ocupada de forma irregular, gerando um tecido com orientações diversas das presentes na generalidade do restante tecido.

O percurso seguido pelas principais vias de saída da cidade adequa-se também ao traçado proposto, verificando-se que algumas das vias apresentam uma orientação diversa até à intersecção com o traçado ortogonal, a partir do qual inflectem seguindo a orientação regular do traçado ortogonal. É deste modo possível perceber qual seria a extensão aproximada do traçado ortogonal existente na cidade, assemelhando-se talvez a um quadrado com dimensões próximas de outras cidades romanas.

¹¹³ MANTAS, V. 1986. Arqueologia urbana e fotografia aérea: contributos para o estudo do urbanismo antigo de Santarém, Évora e Faro. *Trabalhos de Arqueologia*, 3, pp. 13-26.

III

Conclusão



Figura 124 - Estátua presente no Museu Monográfico de Conímbriga
Pedro Martins

*"O traçado de uma cidade é mais obra do tempo do que de arquitecto."*¹¹⁴

Leonce Raynaud

A cultura portuguesa construiu o tecido edificado das nossas cidades ao longo de vários séculos, no entanto para além desta, vários outros povos e culturas contribuíram para a sua morfologia. Celtas, Romanos, Visigodos, Mouros, entre outros, contribuíram para a formação da matriz da cidade portuguesa, no entanto, poucos contribuíram de uma forma tão expressiva a construção da sua identidade material e cultural como a civilização romana.

Partindo da metodologia proposta, através da realização de uma análise tipológica, em que se compararam diversos edifícios semelhantes aos casos de estudo analisados, foi possível verificar de modo conclusivo que a forma da cidade romana se mantém presente, escondida no substrato construído da cidade portuguesa contemporânea. As estruturas romanas são em muitos casos a matriz geradora que possibilitou a construção e o desenvolvimento da cidade ao ocupar, os vestígios remanescentes das estruturas romanas, tais como os seus edifícios ou traçados.

Uma parte significativa das análises realizadas abarcaram estruturas cujos vestígios haviam sido já documentados arqueologicamente, ainda que geralmente os estudos arqueológicos, dadas as grandes condicionantes na prática da arqueologia urbana, sejam limitados a zonas muito pontuais de estruturas que seriam no momento da sua construção significativamente maiores que as áreas escavadas. Deste modo, a conjugação de estudos arqueológicos detalhados com a análise tipológica e a análise da morfologia urbana contemporânea permitiu obter leituras mais abrangentes e informadas sobre a estrutura e morfologia original das estruturas romanas analisadas. De facto, foi inclusive possível verificar que em determinados casos a sua presença é de tal modo marcante que, mesmo na ausência de vestígios arqueológicos que as identifiquem de modo conclusivo, é possível argumentar a sua existência de uma forma fundamentada através apenas da inteligibilidade da sua cicatriz morfológica sobre o tecido urbano contemporâneo, permitindo, com um elevado grau de certeza, esperar a existência, por exemplo, de um anfiteatro em Lisboa ou de um teatro em Beja.

¹¹⁴ RONCAYOLO, M. 2011. *L'abécédaire de Marcel Roncayolo*, Genève, InFolio.

Por outro lado análise dos casos de estudo permitiu verificar o modo em que a morfologia urbana actual resulta de uma adaptação às condicionantes, impostas por pré-existências com génese em estruturas romanas, algumas das quais ainda presentes no tecido contemporâneo da cidade, mantendo a acção na produção no tecido contemporâneo.

A preservação de estruturas romanas em alçado, condicionando de modo directo a morfologia contemporânea, é pouco frequente, sendo poucos os vestígios que preservam pelo menos em parte a sua projecção vertical. De entre estes vestígios destacam-se emblematicamente os templos pertencentes aos *fora* de Évora e Idanha-a-Velha.

Uma parte significativa dos elementos morfológicos contemporâneos reflecte a presença de pré-existências romanas de modo indirecto, sob a forma de alinhamentos cadastrais, reflectindo provavelmente vestígios de paramentos de edifícios que com o passar dos séculos terão sido gradualmente desmontados, sobrevivendo apenas a sua “memória” no cadastro da cidade contemporânea. Sendo a génese destes alinhamentos estruturas sobreviventes de paramentos pertencentes a edifícios, foi possível verificar que os alinhamentos correspondentes aos muros perimetrais que definiam o limite exterior dos mesmos apresentam uma maior resistência ao passar do tempo que os atribuíveis a estruturas internas.

De entre as estruturas romanas que mantêm ainda hoje uma influência directa na morfologia do tecido urbano actual, destacam-se os vestígios de natureza topográfica. Sem dúvida, uma das características da arquitectura romana é a sua capacidade de realizar significativas movimentações de terrenos, em aterros e desaterros, consolidados por poderosos muros de suporte. Este tipo de estruturas teriam a função de preparar o terreno para a implantação de edifícios, que em época posterior foram total ou parcialmente desmontados, sendo a sua alvenaria reutilizada. No entanto, os muros de suporte dos aterros ou desaterros que apoiavam os edifícios, entretanto desaparecidos, foram frequentemente mantidos e preservados até à contemporaneidade, estando presentes por exemplo no teatro romano de Lisboa ou no forum de Coimbra.

O facto de várias destas estruturas manterem um papel activo directo sobre a morfologia da cidade contemporânea não deixa de ser um resultado surpreendente para vestígios com tantos séculos de história sob espaços tão propensos à permanente mudança como são as cidades.

Paralelamente, o estudo permitiu verificar que edifícios como os teatros ou anfiteatros, não condicionam a morfologia urbana contemporânea na forma tradicionalmente considerada, através da preservação alinhamentos no tecido actual com origem nas suas paredes interiores. Geralmente estes edifícios deixam um conjunto evidente de cicatrizes morfológicas no tecido, causadas pela preservação parcial de muros radiais e concêntricos que fariam as fundações das *cáveas*. Esta característica torna a análise de teatros e anfiteatros com base nos alinhamentos, relativamente comum e fácil de realizar. No entanto uma grande parte dos edifícios construídos da Hispânia, e em particular na Lusitânia, apoiam as estruturas das *caveas* através de significativas modulações de terreno ou através da construção de massivas fundações sob a forma de caixotões de alvenaria preenchidos com material de aterro, e não sobre arcadas com suportes em muros radiais e concêntricos. Este tipo de construções em que as *caveas* são directamente implantadas sobre o terreno deixa poucos vestígios de alinhamentos geométricos no tecido urbano posterior, porque os mesmos são praticamente inexistentes. Após o abandono das estruturas, são construídos edifícios directamente sobre a *cavea*, segundo lógicas próprias mais relacionadas com a sua inter-relação e com a topografia do que com os alinhamentos definidos pelos *cunnei*. Um exemplo expressivo desta situação pode ser verificado nos vestígios de edificações implantadas após o abandono do teatro romano de Lisboa, algumas ocupando a *cavea* precisamente sobre os *cunnei* e *vomitória* do edifício romano. Deste modo, propostas como as realizadas por Jorge de Alarcão para um anfiteatro em Coimbra ou por Gérard Chouquer para um teatro e anfiteatro em Beja, com base em alinhamentos radiais e concêntricos existentes no tecido contemporâneo, sem a realização de uma análise atenta da topografia devem ser tomadas com alguma ponderação relativa à sua validade.

O hipotético anfiteatro de Lisboa reflecte de modo particularmente evidente esta lógica construtiva, apresentado na morfologia actual uma parte superior na encosta em que os edifícios se estruturam paralelamente ao declive e uma zona inferior em que os edifícios se encontram orientados segundo o conjunto de alinhamentos típicos dos anfiteatros romanos. Podendo deduzir-se que o sector Norte da *cavea* estaria directamente implantado sobre a encosta, deixando poucos condicionantes à implantação de novos edifícios, enquanto a parte Sul, apoiada sobre arcadas, teria deixado após o abandono um conjunto de muros concêntricos que teriam estruturado toda a ocupação posterior.

O trabalho realizado permitiu estabelecer também um esboço comparativo das tipologias edificadas de origem romana em Portugal. Este esboço, apesar de não ser um objectivo central da dissertação, permitiu delinear novas hipóteses de interpretação, destacando-se por exemplo a verificação da forte proximidade na morfologia dos *fora* romanos nacionais.

A comparação em primeiro lugar das diversas *areas sacras* conhecidas, tornou clara a grande proximidade morfológica entre os diversos edifícios e sugeriu a possibilidade de existir uma regra de dimensionamento para todos. O facto do intercolúnio dos criptopórticos de Condeixa-a-Velha, Évora e Mérida, apresentarem aproximadamente as mesmas dimensões, sendo esta ampliada escalonadamente através da adição de colunas, o que resulta numa progressão de escala em que o perímetro da *area sacra* de Condeixa encaixa no interior da *area sacra* de Évora que por sua vez encaixa na *area sacra* de Mérida, reflectido talvez a importância hierárquica de cada cidade. Uma peça importante que de momento falta nesta hipótese é a da dimensão da *area sacra* de Beja, que permitiria perceber se esta relação se mantém entre a capital provincial em Mérida, a sede de *conventus iuridicus* em Beja, um *municipium* relevante em Évora, e talvez um *municipium* de menor importância em Condeixa.

A estreita relação entre as *areas sacras* levanta a hipótese de possivelmente todos os outros componentes do forum obedecerem a regras semelhantes. De facto através da comparação de várias basílicas, é possível constatar uma dimensão constante na largura das naves com aproximadamente 27 m, sendo o comprimento do edifício variável em função da dimensão do forum desde os 114 m de Clúnia até aos 62 m de Évora. Uma primeira consequência desta análise resultou na verificação da proximidade de dimensões entre a basílica dos *fora* de Évora e Tomar com a estrutura do criptopórtico de Coimbra. Propõe-se assim uma reinterpretação dos vestígios do criptopórtico existente em Coimbra, não como o embasamento de um forum construído em época Cláudia, mas antes como a fundação de uma basílica que teria resultado de uma profunda remodelação do forum original construído em época Augustana.

A possibilidade levantada por este estudo relativa à existência de uma regra comum na concepção e dimensionamento dos *fora* romanos nacionais poderá ser relevante para a correcta análise e interpretação dos *fora* conhecidos, assim como para a descoberta de novos edifícios, como no caso da cidade de Santarém que, como sede de *conventus iuridicus*, deveria ter um edifício de dimensões consideráveis, do qual no entanto nada se sabe.

"O espaço e o tempo reorganiza-se artisticamente nas cidades, nas linhas periféricas e nas silhuetas dos edifícios." "A cidade conserva a marca de uma cultura e de uma época e relaciona-a com os factos fundamentais da sua existência..."¹¹⁵

Lewis Mumford

Transformando-se permanentemente no espaço e no tempo, a compreensão da cidade, passa necessariamente pelo entendimento dos fenómenos que estão na origem da sua evolução morfológica. O tecido urbano, preserva na sua forma as cicatrizes de diferentes etapas na constante evolução da cidade, sob a forma de fragmentos. Estes fragmentos, são elementos fundamentais na composição da estrutura da cidade, formando um todo disperso, mas ainda assim, suficientemente expressivo e inteligível. Deste modo a sua leitura e interpretação permite a compreensão dos processos que caracterizam a evolução constante da cidade, tornando-se na chave para a decodificação da sua evolução morfológica e cultural. O tempo é um factor determinante na compreensão dos processos compositivos e evolutivos da arquitectura da cidade. Assim a compreensão do passado é fundamental para a sistematização das transformações e consequentemente das permanências formais.

A análise morfológica do tecido urbano contemporâneo, partindo dos fragmentos conhecidos de época romana, procurou compreender e descrever os processos que estão na génese da forma da cidade. Esta deve ser entendida não como um resultado de um projecto coerente e consciente mas antes como um processo constante, do qual o início ou o fim são horizontes de difícil concepção. Dir-se-ia da evolução da cidade que o mais importante é a viagem e não o destino.

Mais do que uma análise exaustiva da arquitectura romana, este estudo procurou abrir uma porta para o conhecimento da cidade portuguesa através da análise da sua evolução morfológica, deixando antever a possibilidade da aplicação da metodologia a um universo temporal mais abrangente de casos, que possibilitarão a construção de uma imagem mais detalhada da influência das diferentes culturas e das distintas fases na sua evolução.

¹¹⁵ MUMFORD, L. 1998. *A Cidade na História. Suas origens, transformações e perspectivas*, São Paulo, Martins Fontes.

IV **Imagens e Bibliografia**

Índice de Imagens

Figura 1 - Templo de Diana.....	6
Figura 2 - Split Croácia.....	8
Figura 4 - Reconstituição do plano original do Palácio de Diocleciano	10
Figura 3 - Tecido Edificado sobre o Palácio de Diocleciano	10
Figura 5 - Vestígios romanos conhecidos do Palácio de Diocleciano.....	10
Figura 7 - Gravura do Panteão em Roma.....	16
Figura 6 - Representação da ponte romana de Sacavém.....	16
Figura 8 - Templo de Diana em Évora, antes das obras de restauro.....	18
Figura 9 - Planimetria dos Foruns Imperiais.....	20
Figura 10 - Modelo virtual de Roma no séc. IV.....	20
Figura 11 - Evolução do tecido urbano na área do Teatro de Pompeu.....	22
Figura 12 - Análise da forma Palácio Massimo e elementos de composição da forma urbana.....	24
Figura 13 - Evolução da cidade de Florença.....	26
Figura 14 - Numancia.....	28
Figura 15 - Augusta Raurica.....	30
Figura 16 - Bustos de Trajano e Agripina descobertos no criptopórtico de Coimbra.....	32
Figura 17 - Anfiteatro de Arles no séc. II e no séc. XVIII.....	34
Figura 18 - Urbanismo romano de Coimbra	38
Figura 19 - Urbanismo romano de Coimbra	38
Figura 20 - Planta das estruturas do teatro romano de Lisboa.....	40
Figura 21 - Planta das estruturas do circo romano de Lisboa	40
Figura 22 - Perspectiva do forum de Condeixa-a-Velha - Conímbriga.....	42
Figura 23 - Perspectiva do forum de Mérida - Emérita Augusta.....	42
Figura 24 - Esquema de desenho do Teatro romano Lisboa, escala 1/1000.....	44
Figura 25 - Forum Republicano em Roma.....	48
Figura 26 - Planta dos foruns de César e Augusto.....	50
Figura 28 - Forum de César.....	50
Figura 27 - Forum de Augusto.....	50
Figura 29 - Forum Tripartido (Feurs).....	52
Figura 30 - Comparação entre vários foruns romanos.....	54
Figura 31 - Templo de Diana numa Ilustração de 1865.....	56

Figura 32 - Vestígios arqueológicos no Templo de Diana	56
Figura 33 - Évora - Tecido Edificado	56
Figura 34 - <i>Areas Sacras</i> de foruns lusitanos.....	58
Figura 35 - Forum de Évora, escala 1/1000.....	60
Figura 36 - Fotografia aérea do espaço envolvente à sé de Évora.....	62
Figura 37 - Hipótese de implantação do anfiteatro de Évora.....	62
Figura 38 - Templo de Dea Caelestis em Dougga	64
Figura 39 - Comparação entre o forum de Évora e Mérida apresentando as plataformas a Este...64	
Figura 40 - Cercadilha em Córdoba	64
Figura 41 - Criptopórtico romano sob o Museu Nacional Machado Castro.....	66
Figura 42 - Urbanismo de Aeminium.....	66
Figura 43 - Área presumida do forum de Augusto e do forum de Cláudio.....	68
Figura 44 - Plantas e Cortes do forum de Augusto e Cláudio, segundo Pedro Carvalho.....	70
Figura 45 - Comparação entre o forum de Condeixa e Coimbra.....	72
Figura 46 - Comparação entre várias basílicas Romanas e o criptopórtico de Coimbra.....	74
Figura 47 - Forum de Coimbra sobre traçado anterior às intervenções de 1940 e 1960.....	76
Figura 48 - Forum de Coimbra, escala 1/1000.....	78
Figura 49 - Postal antigo.....	80
Figura 50 - Perspectiva do Arco de Bobadela.....	80
Figura 51 - Fragmentos de colunas e aduelas do segundo Arco Romano de Bobadela.....	80
Figura 52 - Edifício construído sobre o alçado do limite norte do forum de Bobadela.....	82
Figura 53 - Sobreposição de paramentos perto do limite poente do forum de Bobadela.....	82
Figura 54 - Forum de Bobadela, escala 1/1000.....	84
Figura 55 - Pormenor na gravura de Braunio, apresentando o “forum romanorum”	86
Figura 56 - Largo Paulo Osório numa planta topográfica da cidade de Braga.....	86
Figura 57 - Edifício construído sobre o alçado do limite Norte do forum, Braga.....	88
Figura 58 - Casa de São Sebastião das Carvalheiras, Braga.....	88
Figura 59 - Forum de Braga, escala 1/1500	90
Figura 60 - Colunas reaproveitadas no interior da sé.....	92
Figura 61 - Vista da torre templária	92
Figura 62 - Torre e podium do templo.....	94
Figura 63 - Contraforte da plataforma	94
Figura 64 - Comparação entre os foruns de: Évora, Condeixa-a-Velha e Idanha-a-Velha.....	94

Figura 65 - Forum de Idanha-a-Velha, escala 1/1000.....	96
Figura 66 – Teatro romano segundo Vitruvio.....	98
Figura 67 - <i>Scaenae frons</i> do teatro romano de Mérida.....	100
Figura 68 - Teatro romano (Mérida).....	100
Figura 69 - Comparação entre vários teatros romanos	102
Figura 70 - Desenho aguarelado de 1798 realizado por Francisco Xavier Fabri	104
Figura 71 - Fustes de colunas num edifício pós-pombalino e aspecto geral das ruínas do teatro	104
Figura 72 - Teatro de Lisboa, escala 1/1000.....	106
Figura 73 - Teatro de Lisboa, sobre a cartografia anterior ao sismo de 1755, escala 1/1000	108
Figura 74 - Teatro de Coimbra, alinhado pelo criptopórtico, escala 1/1000.....	110
Figura 75 - Teatro de Coimbra, alinhado pela muralha, escala 1/1000	110
Figura 76 - Teatro de Condeixa-a-Velha, escala, escala 1/1000.....	112
Figura 77 - Vista do muro peribolar	114
Figura 78 - Área das basílicas laterais.....	114
Figura 79 – Teatro de Braga, escala 1/1000	116
Figura 80 - Topografia do teatro romano de Beja, escala 1/1000	118
Figura 81 - Teatro de Beja, escala 1/1000	120
Figura 82 - Restituição do plano de um anfiteatro temporário no Forum de Roma	122
Figura 83 - Secção do Coliseu	124
Figura 84 - Planta do Coliseu.....	124
Figura 85 - Comparação entre vários anfiteatros romanos.....	126
Figura 86 - Escadinhas de S. Miguel.....	128
Figura 87 - Rua de S. Miguel.....	128
Figura 88 – Anfiteatro de Lisboa, escala 1/1000.....	130
Figura 89 - Representação murais de <i>venationes</i> existentes no anfiteatro de Mérida	132
Figura 90 - Representação de S. Miguel presente na basílica de São Marcos em Veneza.....	132
Figura 91 - Arco poente do anfiteatro.....	134
Figura 92 - Arco nascente do anfiteatro.....	134
Figura 93 – Anfiteatro de Condeixa-a-Velha.....	136
Figura 95 - Pormenor da planta de Braga de José Teixeira no local de S. Pedro de Maximinos..	138
Figura 94 - Fotografia aérea de Braga (RAF 1947) assinalando-se o local do anfiteatro.....	138
Figura 96 - Anfiteatro de Braga, escala 1/1000	140
Figura 97 - Circo romano Mérida	142

Figura 98 - Circo romano Toledo.....	142
Figura 99 - Mosaico do circo de Lyon.....	144
Figura 100 - Circo romano (Mérida).....	144
Figura 101 - Comparação entre vários circos romanos	146
Figura 102 - Zona do Rossio na maqueta da cidade de Lisboa antes do terramoto de 1755.....	148
Figura 103 - Fotografia aérea do Rossio.....	148
Figura 104 - Circo de Lisboa sobre a cartografia anterior ao sismo de 1755, escala 1/2000	150
Figura 105 - Circo Lisboa 1/2000.....	152
Figura 106 - Augusta Raurica, perspectiva do centro da cidade.....	154
Figura 107 - Representação da Cidade Ideal de Vitúrvio segundo Cesare Cesariano, 1521	154
Figura 108 - Comparação entre o traçado de várias cidades romanas.....	156
Figura 109 - Tecido urbano escavado em Itálica.....	158
Figura 110 - Elementos arquitectónicos romanos presentes no museu municipal de Beja.....	160
Figura 111 - Vestígios do templo romano de Beja.....	160
Figura 112 - Hipótese do urbanismo romano de Beja segundo Jorge de Alarcão.....	162
Figura 113 - Hipótese do urbanismo romano de Beja segundo Vasco Mantas.....	162
Figura 114 - Hipótese do urbanismo romano de Beja segundo Gérard Chouquer.....	162
Figura 115 - Traçado romano de Beja, escala 1/5000.....	164
Figura 116 - Reconstituição virtual casa das Carvalheiras.....	166
Figura 117 - Planta da casa das Carvalheiras. Fase I	166
Figura 118 - Malha urbana de Bracara Augusta: 1- Casa do Poco; 2- Carvalheiras;.....	168
Figura 119 - Silhares almofadados no torreão do Paço dos Bispos	168
Figura 120 - Traçado romano de Braga, escala 1/5000.....	170
Figura 121 - Laconium das termas romanas de Évora.....	172
Figura 122 - Templo romano de Évora.....	172
Figura 123 - Traçado romano de Évora, escala 1/5000.....	174
Figura 124 - Estátua presente no Museu Monográfico de Conímbriga.....	178

Bibliografia

- AAVV 1982. *Actas del Simposio - El Teatro en la Hispania Romana*, Badajoz, Institución Cultural Pedro de Valência.
- AAVV 1994. *Coloquio Internacional - El Anfiteatro en la Hispania Romana*, Mérida, Junta de Extremadura.
- AAVV 2001. *El Circo En Hispania Romana*, Mérida, Ministerio de Educação y Cultura.
- ALARCÃO, J. D. 1988a. *Roman Portugal Volume II The Gazetteer fasc 2*, Aris & Phillips.
- ALARCÃO, J. D. 1988b. *Roman Portugal Volume II The Gazetteer fasc 3*, Aris & Phillips.
- ALARCÃO, J. D. 1990. A urbanização de Portugal nas épocas de César e Augusto. *Stadtbild und Ideologie. Die Monumentalisierung hispanischer Städte zwischen Republik und Kaiserzeit*. Munique.
- ALARCÃO, J. D. 2008a. *Coimbra: a montagem do cenário urbano*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- ALARCÃO, J. D. & ETIENNE, R. 1977. *Fouilles de Conimbriga I - L'architecture*, Paris, M.A.F.P./M.M.C.
- ALARCÃO, P. 2008b. Entre a razão e a intuição: contribuições para a indentificação do Teatro Romano de Conímbriga. *Seminário Internacional de Arquitectura e Arqueologia – FAUP 2008*. Porto: FAUP publicações.
- ALMAGRO, A. & ALMAGRO-GORBEA, M. 1992. El anfiteatro de Segobriga. *El Anfiteatro en Hispania Romana*. Mérida: Junta de Extremadura.
- BACON, E. N. 1967. *Design of Cities*, New York, Penguin Books.
- BALLESTER, J., MORO, P. & CAPARRÓS, C. 1992. El anfiteatro romano de Cartagena. *El Anfiteatro en Hispania Romana*. Mérida: Junta de Extremadura.
- BARATA, M. F. 2001. O hipódromo ou circo de Miróbriga. *El Circo en Hispania Romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- BASARRATE, T. N. 2010. *Ciudad y foro en Lusitania Romana = Cidade e foro na Lusitânia Romana*, Badajoz.
- BEDON, R., CHEVALLIER, R. & PINON, P. 1988. *Architecture et urbanisme en Gaule romaine: L'urbanisme en Gaule romaine, tome 2. L'urbanisme*, Paris, Editions Errance.

- BELLIDO, A. G. Y. 1985. *Urbanística de las grandes ciudades del mundo antiguo*, Madrid, Instituto Español de Arqueología.
- BENÉVOLO, L. 1995. *A Cidade na História da Europa*, Lisboa, Editorial Presença.
- BENÉVOLO, L. 2003. *História da Cidade*, São Paulo, Editora Perspectiva.
- BORIE, A., MICHELONI, P. & PINON, P. 1978. *Forme et Déformation des objets architecturaux et urbains*, Paris, Édition Parenthèses.
- BUYÉ, I. P. 2001. El circo romano de Sagunto. *El Circo en Hispania Romana*. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano.
- CANIGGIA, G. & MAFFEI, G. L. 1979. *Composizione architettonica e tipologia edilizia, 1. Lettura dell'edilizia di base*, Venezia, Marsilio.
- CARBONELL, J. S. 2011. Santa María de las Arenas, Santa María del Mar y el anfiteatro romano de Barcelona. *Revista d'Arqueologia de Ponent*.
- CARVALHO, P. 1998. *O Forum de Aeminium*, Instituto Português de Museus.
- CARVALHO, P. 2009. O Forum dos Igaeditani e os primeiros tempos da Civitas Igaeditanorum. *Archivo Español de Arqueología*, 82, pp. 151 - 131.
- CARVALHO, P. 2010. Caminhando em redor do forum de Aeminium. *Studia Lusitana 4 - Cidade e foro na Lusitânia Romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- CARVALHO, P., ALARCÃO, J. D., ANDRÉ, P., BARRELAS, P., SANTOS, F. P. D. & SILVA, R. C. D. 2009. *O Forum de Aeminium - A busca do desenho original*, Coimbra, Instituto dos Museus e da Conservação.
- CAVALLERO, F. 2011. Il tempio dei Divi Trainao e Plotina. *Roma Antica Esclusivo*.
- CHOUQUER, G. 2011. *Méthodologie de l'analyse de morphologie urbaine. Le centre historique de Beja* [Online]. <http://www.formesdufoncier.org>: Observatoire des Formes du Foncier dans le Monde. [Accessed 05/10/2012].
- COELHO, C. D. 2002. *A Complexidade dos Traçados*. Doutoramento Dissertação de Doutoramento em Planeamento Urbanístico, Universidade Técnica de Lisboa - Faculdade de Arquitectura.
- CORREIA, V. H. 1992a. O anfiteatro de Conímbriga - Nota preliminar. *El Anfiteatro en Hispania Romana*. Mérida: Junta de Extremadura.
- CORREIA, V. H. 1992b. O anfiteatro romano de Évora - notícia da sua identificação. *El Anfiteatro en la Hispania Romana* Mérida: Junta de Extremadura.

- CORREIA, V. H. 2009. Os Espaços Forais de Conimbriga. *Anejos de AESPA Santuarios, oppida y ciudades: arquitectura sacra en el origen y desarrollo urbano del Mediterráneo Occidental*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida.
- CORREIA, V. H. 2010. O forum de Conimbriga e a evolução do centro urbano. *Studia Lusitana 4 - Cidade e foro na Lusitânia Romana*. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano.
- DIOGO, A. M. D. 1993. O teatro romano de Lisboa - Notícia sobre as actuais escavações. *Teatro Romanos de Hispania - Cuadernos de Arquitectura Romana*, 2, pp. 217 - 224.
- DUPRÉ, X. 1992. El anfiteatro de Tarraco. *El Anfiteatro en Hispania Romana*. Mérida: Junta de Extremadura.
- FABIÃO, C. 2006. *A herança romana em Portugal*, CTT Correios de Portugal.
- FERNANDES, L. 2007. Teatro romano de Lisboa - os caminhos da descoberta e os percursos da investigação arqueológica. *Revista Almadan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada.
- FRADE, H. 2010. Os Fora de Bobadela (Oliveira do Hospital) e da Civitas Cobelcorum (Figueira de Castelo Rodrigo). *Studia Lusitana 4 - Cidade e foro na Lusitânia Romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- FRADE, H. & PORTAS, C. 1992. A arquitectura do anfiteatro romano de Bobadela. *El Anfiteatro en Hispania Romana*. Mérida: Junta de Extremadura.
- GRAVES, C. P. 2009. *The Genealogy of Cities*, Kent, The Kent State University Press.
- GROS, P. 1996. *L'architecture romaine. 1. Les monuments publics*, Paris, Picard.
- HAUSCHILD, T. 1991. El Templo Romano de Évora. *Cuadernos de Arquitectura Romana*. Murcia: Universidad de Murcia.
- HAUSCHILD, T. 2001. Évora. Relatório preliminar sobre as escavações junto ao templo romano, 1989-1992. As construções. *Lusitana. Arqueologia, história da arte e património*, 1, 69 - 91.
- HAUSCHILD, T. 2010. Algumas observações nas construções do foro de *Ebora Liberalitas Iulia*. *Studia Lusitana 4 - Cidade e foro na Lusitânia Romana*. Badajoz: Junta de Extremadura.
- LACOMBA, A. R. I. 2001. El Circo Romano de Valentia. *El Circo en Hispania Romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.

- LAMAS, J. 1999. *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- LAVEDAN, P. 1926. *Qu'est-ce que l'urbanisme? Introduction à l'histoire de l'urbanisme*, Paris, H. Laurens.
- LOPES, M. D. C. 2003. *A cidade romana de Beja - Percursos e debates acerca da "civitas" de PAX IULIA*, Coimbra, Universidade de Coimbra.
- LOPES, M. D. C. 2010. O recinto Forense de Pax Iulia (Beja). *Studia Lusitana 4 - Cidade e foro na Lusitânia Romana*. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano.
- MACIEL, M. J. 2002. *Vitrúvio, Tratado de Arquitectura* Lisboa, Instituto Superior Técnico.
- MAN, A. D. 2008. *Defesas Urbanas Tardias da Lusitânia*. Doutoramento, Universidade do Porto - Faculdade de Letras.
- MANTAS, V. 1986. Arqueologia urbana e fotografia aérea: contributos para o estudo do urbanismo antigo de Santarém, Évora e Faro. *Trabalhos de Arqueologia*, 3, pp. 13-26.
- MANTAS, V. 1996. Teledetecção, cidade e território. *Arquivo de Beja*.
- MANTAS, V. 2010. Ammaia e civitas Igaeditanorum dois espaços forenses Lusitanos. *Studia Lusitana 4 - Cidade e foro na Lusitânia Romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- MARTÍNEZ, J. & BASARRATE, T. 1992. Las pinturas del anfiteatro de Mérida. *El Anfiteatro en Hispania Romana*. Mérida: Junta de Extremadura.
- MARTINEZ, J. M. 1992. Posibles precedentes prerromanos de los combates de gladiadores romanos en la península Ibérica. *El Anfiteatro en Hispania Romana*. Mérida: Junta de Extremadura.
- MARTINS, J. C., MASSAPINA, A. V. & MASSAPINA, J. V. 1981. *Beja Centro Histórico plano de salvaguarda e recuperação*, Câmara Municipal de Beja.
- MARTINS, M. 2002. Urbanismo e Arquitectura em Bracara Augusta. Balanço dos contributos da Arqueologia Urbana. *Simulacra Romae. Roma i les Capitals provincials de l'Occident*. Tarragona.
- MARTINS, M. 2009. Bracara Augusta. Panorama e estado da questão sobre o seu urbanismo. *Do Castro á Cidade. A romanización na Gallaecia e na Hispânia indoeuropea*. Lugo: Deputacion de Lugo.
- MARTINS, M. 2011. *Braga Romana*, Braga, Universidade do Minho.

- MARTINS, M. & FONTES, L. 2010. Bracara Augusta. Balanço de 30 anos de investigação arqueológica na capital da Galécia Romana. *Simulacra Romae II. Rome, les capitales de province (capita provinciarum) et la création d'un espace commun européen. Une approche archéologique*. Reims: Bulletin de la Société archéologique champenoise.
- MARTINS, M., RIBEIRO, J. & MAGALHÃES, F. 2006. A arqueologia urbana em Braga e a descoberta do teatro romano de Bracara Augusta. *Forum*.
- MARTINS, M., RIBEIRO, M., FONTES, L. & CARVALHO, H. 2012. A cidade de Braga e o seu território nos séculos V-VII. *Toletum Visigodo*.
- MARTINS, M. & RIBEIRO, M. D. C. 2012. Gestão e uso da água em Bracara Augusta. Uma abordagem preliminar. *Caminhos da Água - Paisagens e usos na longa duração*. CITCEM.
- MENEGHINI, R. & VALENZANI, R. S. 2007. *I fori imperiali. Gli scavi del comune di Roma (1991-2007)*, Roma, Viviani Editori.
- MORAIS, R. 2001. Breve ensaio sobre o Anfiteatro de Bracara Augusta. Análise do fotogramas de 1964. *Forum*, pp. 55 - 76.
- MORAIS, R. 2010. *Bracara Augusta*, Braga, Câmara Municipal de Braga.
- MUMFORD, L. 1998. *A Cidade na História. Suas origens, transformações e perspectivas*, São Paulo, Martins Fontes.
- MURATORI, S. 1959. *Studi per un'operante storia urbana di Venezia*, Roma, Istituto Poligrafico dello Stato.
- MURATORI, S. 1964. *Studi per un'operante storia urbana di Roma*, Roma, Consiglio Nazionale delle Ricerche.
- PARDO, V. F. 2008. *L'invention de la ville occidentale*, Éditions du Rouergue.
- PELLETIER, A. 1982. *L'urbanisme romain sous l'Empire*, Paris, Picard.
- POËTE, M. 2009. *Introduction à l'urbanisme*, Paris, Sens & Tonka.
- PONTE, S. D. 2010. O Forum de Seilium/Sellium (Tomar). *Studia Lusitana 4 - Cidade e foro na Lusitânia Romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- POZO, A. D. 1997. *Análisis Urbano. Textos. Gianfranco Caniggia, Carlo Aymonino, Massimo Scolari*, Sevilla, Instituto Universitario de Ciencias de la Construcción.
- RIBEIRO, J. 2010. *A Arquitectura romana em Bracara Augusta - Uma análise das técnicas edilícias*. Doutoramento em Arqueologia, Universidade do Minho.

- RIBEIRO, M. D. C. 2008. *Braga entre a época romana e a Idade Moderna. Uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana*. Doutoramento em Arqueologia, Universidade do Minho.
- ROMA, S. A. D. 2004. *Archaeological guide to Rome*, Roma, Electa.
- RONCAYOLO, M. 2011. *L'abécédaire de Marcel Roncayolo*, Genève, InFolio.
- ROSSI, A. 1965. *L'architettura della città*.
- SÁNCHEZ-PALENCIA, F. J. & PASCUAL, M. J. S. 2001. El circo de *Toletum*. *El Circo en Hispania Romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- SANTOS, I. D. 2006. *A Basilica como elemento de urbanização na Gallia Comata no período de dominação romana*. Mestrado, Universidade de São Paulo.
- SARANTOPOULOS, P. 1994-1995. A piscina dos banhos públicos de Évora Romana - Notícia da sua identificação no corpo novo do edifício dos actuais paços do concelho de Évora. *A cidade de Évora - Boletim de cultura da Câmara Municipal*.
- SEAR, F. 2006. *Roman Theatres: An Architectural Study*, Oxford, Oxford University Press.
- SILVA, L. F. D. 2007. *Balsa, cidade perdida*, Campo Arqueológico de Tavira e Câmara Municipal de Tavira.
- SILVA, R. B. 2005. *As "marcas de oleiro" em terra sigilata da Praça da Figueira: uma contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc.I a.C.-séc.II d.C.)*. Mestrado Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arqueologia, Universidade do Minho - Instituto de Ciências Sociais.
- SILVA, V. D. 1899. *A Cêrca Moura*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- TREVISAN, C. 1999. Sullo schema geometrico costruttivo degli anfiteatri romani: gli esempi del Colosseo e dell'Arena di Verona. *Disegnare idee immagini - Il Colosseo studi e ricerche*. Roma: Gangemi Editore.
- VALE, A. P. D. 2001. O Circo de Olisipo. *El Circo en Hispania Romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- VALETTE, P. & GUICHARD, V. 1991. Le forum gallo-romain de Feurs (Loire). *Gallia*.
- VÉLEZ, R. A., VERA, T. B. & GARCÍA, F. P. 2009. *El foro de Augusta Emerita - Génesis y Evolución de sus recintos monumentales*, Mérida, Instituto de Arqueología de Mérida.
- WARD-PERKINS, J. B. 1974. *Cities of ancient Greece and Italy: Planning in Classical Antiquity*, New York, George Braziller.

